

REFLEXÕES DESDE CÍRCULOS DE CULTURA

CARTAS

PARA

PAULO

FERRE

ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

ANDRÉ GUSTAVO FERREIRA DA SILVA
ALLAN DIÊGO RODRIGUES FIGUEIREDO
[ORGS.]

Expediente

Organização

André Gustavo Ferreira da Silva
Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo

Editoração

Revisão de Texto:
Projeto Gráfico: Tássio Anselmo da Silva Melo

Imagens

As imagens são de arquivos pessoais do autor e de bancos virtuais gratuitos.
Recife, março de 2022

Catálogo na fonte

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reflexões desde círculos de cultura [livro eletrônico] : cartas para Paulo Freire : escritos para esperarçar / organização Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo, André Gustavo Ferreira da Silva. -- 1. ed. -- Recife, PE : Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas : Centro de Formação Paulo Freire, do Movimento dos Trabalhadores rurais Sem Terra (MST-PE), 2023.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-87824-24-6

1. Educação 2. Freire, Paulo, 1921-1997 - Crítica e interpretação 3. Freire, Paulo, 1921-1997 - Influência 4. Pedagogia I. Figueiredo, Allan Diêgo Rodrigues. II. Silva, André Gustavo Ferreira da.

23-158941

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo : Pedagogia : Educação 370.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional.

Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife, PE.
CEP 50670-90, Tels.: (81) 2126-8134/ 2126-8105

COORDENAÇÃO POLÍTICO PEDAGÓGICA DO CURSO PAULO FREIRE

Flávia Tereza da Silva

Rubneuzza Leandro de Souza

Paulo Henrique da Silva

Jaime Amorim

Maria Aparecida Vieira de Melo

André Gustavo Ferreira da Silva

Lays da Cunha Camargo Furtado

Rosinha

Caetano De' Carli Viana Costa

Alessandra Maria dos Santos

Joseane Maria dos Santos

Raquel Barreto Querino da Silva

Maria Fernanda dos Santos Alencar

Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo

Max Rodolfo Roque da Silva

Reginaldo José da Silva

**PRESIDÊNCIA, DIRETORIAS E CONSELHOS
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS**

Maria Erivalda dos Santos Torres
Presidenta

Séphora Marinho de Freitas
Diretora Administrativa

Maria Aparecida Vieira de Melo
Diretora Pedagógica

Danielle Jaiane Silva
Diretora Financeira

Cícera Maria do Nascimento
Diretora de Comunicação

Nelino José Azevedo de Mendonça
Conselho Fiscal

Ricardo Santos de Almeida
Conselho Fiscal

Cintha Lúcia Martins Torres Saraiva de Melo
Conselho Fiscal

Agostinho da Silva Rosas
Conselho Consultivo

Anair Silva Lins e Melo
Conselho Consultivo

Viviane de Bona
Conselho Consultivo

**CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS**

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Erivalda dos Santos Torres	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Mirian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	UNEAL, UFAL, UFSM, Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

SUMÁRIO

PREFÁCIO

09

APRESENTAÇÃO

19

CARTAS

26

- Lucas Luan de Brito Cordeiro, Fortaleza, 22 de abril de 2021
- Ronise Ferreira, Rio Grande do Sul, 27 de abril de 2021
- Alcione Amorim Costa Filho, Parnaíba, PI, 27 de abril de 2021
- Lucas Luan de Brito Cordeiro, Fortaleza, 03 de maio de 2021
- Josefa Elizangela dos Santos, São Paulo do Potengi, RN, 08 de maio de 2021
- Lucas Luan de Brito Cordeiro, Fortaleza, 08 de maio de 2021
- Thayná de Oliveira Moreira Rodrigues, Niterói, RJ, 10 de maio de 2021
- Maria Ferreira da Cruz, Ponto do Volantes, MG, 18 de maio de 2021
- Sabrina Soares, Sabará, MG, 22 de maio de 2021
- Lucas Luan de Brito Cordeiro, Fortaleza, 15 de julho de 2021
- Maria Aparecida Vieira de Melo, Recife, 19 de julho de 2021
- Eder Proença, Sorocaba, SP, 09 de agosto de 2021
- Jilvânia Alves de Lima, Parnamirim, RN, 13 de agosto de 2021
- Ronise Ferreira, Novo Hamburgo, RS, 19 de agosto de 2021
- Graduada em Letras, Paulo Afonso, BA, 2021

COMPOSIÇÕES VISUAIS

52

- Sankofa
Fernanda Rienzi Nunes
- Uma escolha
Rhaysa Gonzaga
- Educação e transformação social
Rhaysa Gonzaga
- Posicionamento político
Rhaysa Gonzaga
- Bases epistemológicas
Rhaysa Gonzaga
- Impressão
Sabrina Soares
- Estratégias pedagógicas
Sabrina Soares
- Introjeção
Sílvia Silva

• Não tem como ser neutro
Stefanni Cristina

• Único Paradigma
Thayná Rodrigues

• Direito ao Conhecimento
Thaís Rodrigues

• Escola não é Prisão
Eder Proença

• Plantações na Escola
Eder Proença

• Neutralidade
Sabrina Soares

• Campo e Cidade, uni-vos!
Mônica Silva

• Revolução de afetos
Rhaysa Gonzaga

• Agroecologia x Agronegócio
Sabrina Soares

• Vozes a Paulo Freire
Autor(a) não identificado(a)

DISSERTAÇÕES

76

• Educação em tempos de estreitamento da democracia: buscando a práxis educativa emancipatória a partir do pensamento de Paulo Freire
José Milson dos Santos

• “Olhares de um caboré” que insiste em esperançar: em busca de sonhos e da realização da práxis educativa transformadora
José Milson dos Santos

• O destino dos homens e das mulheres é o de transformação do mundo através da práxis autêntica e reflexiva das realidades múltiplas
José Milson dos Santos

• Alumiando o conhecimento: a atualidade do discurso freireano em tempos sombrios
Jailene de Araújo Menezes

• Neutralidade na educação?
Nadja Ferreira

• Educação para a transformação social
Nadja Ferreira

• Os princípios da Pedagogia Freireana
Nadja Ferreira

• O currículo como espaço de disputa de classe e a transformação social e a experiência apresentada
Nadja Ferreira

- **Educação, agroecologia e transformação social**

Nadja Ferreira

- **Educação e ciência na transformação da sociedade**

Nadja Ferreira

- **É possível a neutralidade na educação? Em que situações?**

Luciana Ribeiro P. Soares

ENSAIOS

114

- **Educação e Sociedade: fundamentos para entendermos a Educação como ato político em Paulo Freire**

Geovan Aguiar Teles de Assis

- **A força da alienação e a auto estima**

Carolina Baggio Alcântara

- **Anotações inacabadas sobre encontros e confrontos**

Carolina Stella

- **Na Educação não existe neutralidade**

Maria Ferreira da Cruz

- **O papel da Educação na transformação social**

Marlene CorrêaTorreão

- **Ensaio poético**

Mariana M. Pan

- **Educar para transformar**

Maria Ferreira da Cruz

- **Currículo como espaço de disputa de classe e a transformação social**

Jaelma Maria Rabelo do Amaral, José Emanuel Sebastião da Silva Pereira, Àlábíyí Pereira, Joana Vieira da Silva, Karina da Silva Figueiredo

- **Educação e ciência na transformação da sociedade**

Jaelma Maria Rabelo do Amaral, José Emanuel Sebastião da Silva Pereira, Àlábíyí Pereira, Joana Vieira da Silva, Karina da Silva Figueiredo

- **Educação e Agroecologia no processo de transformação social**

Alessandra Marques Dias, Ana Carolina Santana Barbosa, Caio do Nascimento Mota, Joana Veras, Joana Vieira da Silva, José Emanuel Sebastião da Silva Pereira, Àlábíyí Pereira

- **É possível a neutralidade na educação? Em que situações?**

Juliana Sobreira Arguelho

- **Considerando a pedagogia freireana, como pensar estratégias pedagógicas para transformar o senso comum atual tão carregado de consciência intransitiva e de transitividade ingênua?**

Luciana Ribeiro P. Soares

- **É possível a neutralidade em educação? Em que situações?**

Leonardo Casemiro Alves

POESIAS

150

- **Carta Pedagógica**

Ivan Rabelo

- **Amorosidade**

Patrícia Santos Santana

- **É possível a neutralidade em Educação? Em que situações?**

Carolina Baggio Alcantara

- **Pelos mares da neutralidade**

Thayná de Oliveira Moreira Rodrigues

- **Educar é se posicionar - Carta pedagógica**

Stefanni Cristina

- **Carta Pedagógica Poética**

Lucas Luan de Brito Cordeiro

- **Colcha de retalhos de reflexões**

Fernanda Sabrina Siqueira Campos, Fabiana Campelo, Eder Rodrigues Proença, Elaine Cristina Florz, Francisco Romário Silva de Macedo, Fernanda Rienzi Nunes, Ariel, Aldenir Alves Domingos, Daise Chagas dos Santos, Elane Silvino da Silva, Carolina Rocha

- **É possível a neutralidade na EDUCAÇÃO?**

Sílvia de Souza Silva

- **Paulo Freire**

Daise Chagas

- **Um dia...**

Francisca Elizonete

- **Cordel para Paulo Freire**

Adriana Aparecida de Faria Alvarez, Alcione Amorim Costa Filho, Alexis Daniel Rosim Millán, Aline de Abreu Andreoli, Ana Karoline Rodrigues Dias, George Felipe Sanches, Giselda Mesch Ferreira da Silva, Heloisa Feliciano de Almeida Alves, Isadora Lima Rodrigues, Patrícia Santos Santana

- **Cordel: Círculos de cultura**

Arlete Oliveira

- **Cordel: Curso Paulo Freire, educador do povo**

Arlete Oliveira

- **Cordel: O Mestre nos círculos de cultura**

Arlete Oliveira

- **Somos sementes**

Mayara Gomes Ferreira Mazzoni

- **Rap da consciência**

Alexandra Marques Abrantes Viana de La Torre e Márcia Pena de Oliveira

- **Uma viagem pedagógica por uma utopia possível - Carta Pedagógica Coletiva**

José Raildo Vicente Ferreira (Raildo Ferreira), Joana D'Arc da Silva Talha, Juliana Araújo Meato, Kelly dos Santos Sá, Luana Teixeira Lopes, Luzia Neves Santana

- **Educordel - Educação e/m literatura de cordel**

Manoel Jozenias de Oliveira

- **Se amanhã...**

Jorge Oliveira

- **Manifesto poético a Paulo Freire**

Adriana Figueira, Dayane Teles, Edineide Oliveira Pinto, Edna Moura, Erik Lovatel, Yuki Doi, Simone Ramos

PREFÁCIO

PAULO FREIRE SOB O OLHAR DE MAURICE MERLEAU-PONTY

Estou maravilhado com o extraordinário trabalho construído pela determinação de Professor@/es/os e pessoas em diversos pontos do país, que se desdobram e produzem com uma enorme riqueza de fontes, tradições, aprendizagens, trocas e constituição de experiências viva e sistematizadas. Marcam suas individualidades com as tradições freireanas no país, costurando e exprimindo as individualidades, descobertas, saber-fazeres e experiências vividas e realizadas, se transsubstanciam pela individuação singular que somos. Momentos nos quais as chamadas do carinho de tod@s/es/os se expressam pela riqueza pessoal de cada pessoa viva e seres no mundo com a gente, exprime a grandeza e variação, pois somos simultaneamente únicos e diversos. E, quando nossos saberes se juntam com liberdade e com a marca de identidade pessoal, que se cola em nossos corpos, o saber jamais será cópia e reprodução. Tudo exalará singularidade. Constituímo-nos, sempre, em ambiguidades que se organizam e aninham em um só berço, respirando a fome por viver e agir! Somos seres únicos e pessoais, inquietos e em movimento! Ninguém expressa sozinho uma síntese final. Nenhum resultado nos conclui, para que possamos morar neles e colocar nossas marcas terminais sobre a gente mesmo. Somos começo, mas não teremos um fim! A realidade viva, escoa entre nossos dedos, e ao buscar prender qualquer conhecimento, como marcas terminais. Elas terminam por se diluírem e se transformam em Movimento e Carne, que nos faz mundaneidade! Juntos tod@s/es/os somos a expressão máxima da “Liberdade!”! Dizia o hino da “Proclamação da República”: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós!” Tivemos começo, mas não teremos fim. Emergirá, segundo a segundo da carne e do suor, que nos torna capazes de dizer o mundo de outro jeito ou forma, superando o que já disséramos uma vez! Convidando a recriar, pela linguagem, ensaiando e reaprendendo o que até há pouco sequer sabíamos.

O mundo não terá fim, e ele nos ALTERA. Essa palavra que escrevi com letras maiúsculas, comporta, da língua latina o sentido da alteridade d@s outr@s que nos transforma segundo a segundo. Conhecimento algum é terminal. Nada irá esgotar os sentidos que jorram da realidade viva e mutante. Nada que a linguagem pronuncie, se torna inútil, em nós. E, quanto mais simples e abertas as pessoas forem à realidade do mundo, irão compreender que jamais os sentidos de agora, bastam; sentidos - chamam mais sentidos!

Nunca foi tão urgente, encher ânforas buscando interagir com as possibilidades infinitas abertas a nós, quando procuramos espelhar a partir das dimensões presentes nas práticas populares, que criam achados, descobertas, sentidos e concepções que não nos permitiriam mergulhar no movimento global da vida, sem sairmos grávidos de saberes e sabores e achados por nossas mãos. Somos lascas intencionadas de um universo enfeitado!

Linduras e grandezas de nossos corpos, se costuram às outras formas de vida, grande parte delas, não-humanas, o que em nada nos diminui. Feitos pela diferença, por micro-organismos que superam em número as órbitas que passeiam em nosso meio, também em nós se colam, buscando também eles/as, vida e sentidos e mais sentidos! Muitas vezes temos reiterado de maneira perversa, a diferença não-humana, e as concebemos como prováveis inimigos. A diferença, toda ela, é maltratada em nossa cultura. Não estamos sós no Uni/Pluriverso. Também nós, abraçamos a diferença, seremos sempre únicos e diversos, entre outr@es/os. Viver costurando a paz, é um desafio em favor da convivialidade e da justiça, sobretudo quando o sentido do universo se mostra, também ele, em evolução e revolução.

Merleau-Ponty buscava compreender, afinal quem somos nós? Trouxe muita clareza, confirmando Einstein, Prigogine, que ao eclodirmos como seres diferenciados, e aparecemos no mundo nos seus últimos momentos! Chegamos como estrangeiros na derradeira fronteira, de termos disso acolhidos, como estranhos ao nosso planeta. Os seres que nos precederam, resistiram ao nosso aparecimento no universo! Olhavam-nos como seres fazedores da guerra. Simulavam que todas as formas desiguais poderiam ocasionar a morte de tudo o que tivesse emergido após nós. Nossa condição foi ninar por intuição e medo, de não resistir contra todas formas, por medo de toda variação: desconhecidas que eram. Evitávamos a diferença entre nós e elas. Ignorávamos, então, que o medo nosso da diferença pudesse, quem sabe, ser virtude.

Desde a explosão do Big-Bang no centro da galáxia terminamos aceitando diversas condições que produziam em nós, seres com fome de sonhos, desejos, festas, curiosidade. A massa das energias do universo nos abriu o privilégio de nos fazer presentes nos momentos derradeiros, em um cosmos que nos abraça, e nos acolhe como húmus deste mesmo universo, e nos permite o amor, o sentido, o desejo.

Ao receber, o livro de vocês, dizer-lhes-ei do extraordinário trabalho sofisticado, de enorme variância fruto belíssimo da riqueza da individuação miscigenada pelas identidades singulares que se expressam na diferença de corpos, sonhos, cores, peles, cabelos e vontade de viver com dignidade esperançosa. Ademais, vi que o conjunto de pessoas, grupos, pesquisador@es, Professor@es e pessoas com muitos propósitos singulares e próprios, se abriam às comunicações, sob muitos estilos, sem jamais abandonar sua própria identidade em eclosão. Lá estavam os corpos, cérebros, sentidos, desejos expressando, sob miríades de formas e estilos, o coração e a alma palpitava em cada qual. Em nenhum momento as pessoas eram apenas pessoas, eram também, um pouquinho: legião! A expressão singular de cada qual, e a eclosão dos sentidos e ações, eram hinos de guerra e amor. Tinham horizonte! Estavam no melhor lugar para se estar colados os braços e mãos e pés, em um mundo demandante e inquieto. O trabalho afinado por corpos docentes que mostraram também eles, para onde estavam indo. Ali estava sendo parido a REVOLUÇÃO imprescindível, na direção da luta, da paixão, das grandes causas de universo e da humanidade.

Ali estavam inteiros, os corpos d@/es educador@s/es, maestr@s/es; doutor@/es, jovens mulheres, homens, indígenas, negr@/es, operári@/es, Sem Terra, jovens e pessoas da comunidade – e, sem exceção -, mostraram a mim, o quanto de singularidade e recriação de saberes entraram no campo da luta, para imiscuirem-se até os dentes, também na vitória. Descobriram suas singularidades, não eram massa amorfa! Revelaram tantas maneiras de expressá-las em cantos, poesias, contos, enigmas, repentes, danças, percussão, sinos e hinos, expostos nos relatórios, em teses, dissertações, em arte e escrita, em desenhos expansivos; em formas de artigos, comunicações, em forma de livro - com riqueza linguística rara! - muito achegada à beleza rítmica, mostraram paixão pelo conhecimento colado à vida diuturna!

Mostraram também a arte revestindo corpos e sugerindo interpretações fortes de lindeza e denúncia. Fossem discentes no curso, professores, mestres, doutores, a comunidade se entrelaça por relações de buscar a formação de todos que, no trabalho de criação, de formas populares ou eruditas, se apresentaram e construíram relações inseparáveis! Quem busca, concebe, e junto trabalha com outras parcerias, continuará eternamente entrelaçados pelo carinho, alegria e expressividade de ter estado juntos, quando se engolfaram na invenção dos sonhos, dos textos, por tomar parte e ser parte! Que grandeza reinventar uma academia no mais belo poema da terra! Ao mesmo tempo, com a língua e tradução com os sonhos daquela terra. Com o dom feito carne viva e paixão com conto e prosa, poesia à flor dos repentes, curiosidade em contos, cantos, música e danças inesgotáveis que a maior riqueza vem como sedução da paixão por criar e voar ainda mais!

Vocês geraram vidas com a vida vivida, caminhante, em pesquisas, organização do pensamento na direção do trabalho individual e coletivo, de forma a produzirem e coproduzirem trabalhos instintivamente ligados à própria vivência de cada dia, nos corpos de vocês e cada pessoa que encontraram antes, durante e após. Vocês, com a calorosa dimensão de humanidade que se desdobra, gastaram energias, contaminando corpos e corações, para se soldarem à vida de professor/@/es fossem ou não, ligados às práticas da Educação Popular Freireana e saberes das universidades que abraçaram em coproduzir o melhor para a vida, para o corpo, para o coração e para a política. Em difíceis momentos, estes! Gloriosos, mas difíceis. Talvez por isso mesmo, vocês anunciam dias melhores e mais felizes da história da educação presente de vocês consolidada à luta pela nossa pátria. Emerge vitoriosa, no preciso átimo, no qual quase todas formas de vida eram carentes de protagonismo, os risos tímidos, a coragem enfraquecida, as lágrimas secas, por tantas vezes ter sido mergulhada em tempos de ira e de formas indecentes. –

Vocês mostraram a face mais linda: a da rebeldia, de não se permitir minoridade política, nem a condição de dependência sem criação e sonho! Nem perpetuar formas de extermínio nazifascistas: pois, a Vida é, todinha: Cidadania plena, carinho e dignidade.

Vi aí, uma escola descolada da tristeza pela alegria do que saía das mãos de vocês. Vi professores e professoras em cirandas populares que entraram na roda, apaixonados por uma educação para a docência e decência: sonhos, esperanças e poesias. Apaixonados pelos setores populares vocês vivem por teimosia e determinação, mais ainda, com alegria no combate em tempos de ira, porque aprenderam de berço a não aceitar a condição de miséria, fraqueza, desistência e pranto quando amamos pessoas e queremos a igualdade entre camaradas. Onde restar um tiquinho de gente e seres vivos, nós sobreviveremos e haveremos de retornar: fortalecidos pela luta coletiva que nos gerou. Vivemos e viemos lá do fim do mundo e do universo, com a ajuda de todos os micro-organismos, bactérias, vírus, e tantos seres que foram desprezados, nós sobreviveremos: não nos esqueçamos nunca: “É do sonho e do pó... feito eu perdido em pesadelos sobre meu cavalo... Sou caipira pira pora nossa!” Resistiremos! Não nascemos para o desaparecimento, mas para desafiar com a esperança e a solidariedade, a prepotência das guerras. Implicaria a comunhão de muitos e muitas na luta em favor da justiça, da vida de tod@/es. Implica saber que fomos acolhidos por nossa diferença, esfomeados por sede de continuarmos vivos e fraternos sempre. E abraçar, particularmente em tempos de guerra, a maior esperança: a prepotência das guerras não poderão durar o tempo inteiro pelo seu caráter destrutivo. A luta pela Paz, é também a luta por toda forma de vida. E o direito de acolher alteridades em comunhão.

Nunca foi tão importante, a afinação de carinho, de amor a toda a terra, a todos os outros seres contidos no universo, e buscarmos nos afinar com a espetacular energia. Einstein, dissera que jamais permanecêssemos longe das veredas da vida, em caminho de sobrevivência. O tempo nosso corre! Há necessidade que toda energia se expanda a todos e todas no Uni/Pluriverso que nos chame à comunhão. É necessário não esmorecer jamais: há necessidade de aceitar o destino do universo, também em nossas veias. Neste sentido, seres humanos não foram feitos para o limite, mas como todo universo, fomos feitos para a expansão, desde o Big-Bang até a criação que virá como surpresa brincante para festar com a gente no mundo, e nos acolher como fruto ativo e vivo. O presente definitivo é o amor universal do acolhimento, sobretudo pela diferença.

Ninguém pode aprender do nada. Brincar é a melhor maneira da gente viver com surpresas destituindo-nos de toda forma de violência, pela grandeza, pela vida, pelo sonho, pelo carinho e pela decência. As guerras e malfeitos se expandem, porque usamos da ciência sisuda, desleixada, apressada, acumulativa como se estas ocorrências pudessem nos salvar das formas cansativas, guerreiras, armadas e militarizadas. Infelizmente, no coração da ciência, por vezes, prevalece a face austera, grave e séria que demanda sangue e sacrifícios. Inibe enxergar e acolher a beleza, o carinho, o saber, o jogo e a criação do singular. Todo ato amoroso não poderá negar o que temos de mais belo em nós, o apreço, a justiça e o sonho, que, muitas vezes, morre na praia se nos acomodarmos em demasia aos cânones da modernidade. Cuidado!

A Modernidade aprendeu a nos mentir!

Tenho certeza: se perguntasse ao corpo docente do curso de vocês, aos seus familiares, a toda a vizinhança que acompanham vocês; e, a cada um de vocês, eu arriscaria um palpite!

“Vocês aprenderiam menos, se abandonassem a curiosidade, se ficassem isolados e isoladas; se dificultasse a parição coletiva dos trabalhos, a troca de experiências com as pessoas da comunidade; os risos, os cânticos, as danças, o cuidado e a curiosidade de aprender com outr@s. Tenho poucas dúvidas que alimentados pela troca de experiências, da riqueza de olhares indômitos, que espocaram da curiosidade, da busca de ver de e nele procurar apreender no ritmo de um mundo que se transforma incessantemente, quando visto sob um ponto de vista singular, a cada mirada! Compreender que podemos sempre apreender mais e mais cada dia, a cada segundo, nós não seríamos os mesmos após esse gesto coletivo de cada qual, nem o mundo seria igual, sem nós. Ninguém, absolutamente ninguém vê duas vezes o mesmo mundo à sua frente; e, por outro lado, também, nós não poderemos ser os mesmos, pois teremos do mundo um ponto de vista sempre singular e único, ninguém é ou será cópia mesmo se desejasse por inteiro!”.

Dizia Merleau-Ponty, que há um elemento comum que dialoga com o **corpo próprio**¹ de cada pessoa. E Merleau-Ponty estudava linguagens diferentes, para buscar palavras que melhor expressassem, na filosofia, os fenômenos, com rigor. Sendo assim, ele escolheu dois conceitos centrais para exprimir a dialética entre eles.

Um destes conceitos ele chamou de *CARNE*. O conceito “carne” utilizado pela língua hebraica, reiteradamente, se escreve *SARX*. Esse conceito tem um sentido forte, e aparece de forma cotidiana nos textos bíblicos.

Há um texto bíblico que sintetiza o sentido forte de *Carne*. “*Deus é o Senhor de toda carne*”. E a expressão *CARNE*, generaliza todas as criaturas, cuja Carne se estende a tudo que foi criado, e por isso, é qualquer criatura *CARNE* não é uma pessoa humana, apenas. É toda e qualquer criatura, sem exceção de ninguém, enquanto *CRIATURA*. Carne é estendido a todo ser vivente, e a todas as criaturas, cuja identidade derradeira de tod@/es. Nada viveu ou irá viver, sem exceção alguma, fora ou excluído do tecido derradeiro que nos constitui. Toda a criatura no universo. Vou generalizar. O Sentido do texto bíblico é que “Deus é o criador de toda a Carne”. Nenhuma criação divina está fora desta condição: *CARNE* é nossa identidade terminal!

Merleau-Ponty mostrará a diferença entre *carne* e o **corpo próprio**. Estas duas dimensões dialogam uma com a outra, mas são diferentes.

Explico.

¹ Corpo singular de uma só pessoa. Neste caso, o corpo de todas as pessoas que estiveram coladas neste gesto de grandeza, altivez em uma produção coletiva que a tod@s/es explodiu, de certa forma, com o jeito cotidiano de aprender, ou esta outra forma revolucionária, que nos fez mais humanos, pela vivência cotidiana, vivida como Revolução, na esfera do cotidiano existencializado.

Na compreensão da Fenomenologia de Merleau-Ponty, é nossa criaturidade colada a toda outra criatura, arte feita por Javé. Então, podemos dizer que estas categorias nos tornam gerais e comuns, a (CARNE) que é o reino que a todos abrange todas as criaturas. Nos gera em nossa identidade comum. Explico. A CARNE tudo abrange! E somos nela criaturas UNIVERSAIS. Mas, ao mesmo tempo, cada pessoa é, por ter um CORPO PRÓPRIO, é única! Jamais se repete, é, por isso, é radicalmente SINGULAR. Há um outro lado em nós, somos, também: CORPO PRÓPRIO, somos CORPO PRÓPRIO nos torna completamente singulares e únicos como identidade pessoal.

O que nos *generaliza* é a CARNE. O que nos *singulariza*, é nosso CORPO PRÓPRIO.

Estas duas dimensões harmonizam diferentes dimensões:

1. *Identidade comum* – pela CARNE que nos universaliza entre criaturas.

2. *Diferença universal* - que nos particulariza por nosso CORPO PRÓPRIO.

Importante: Não precisamos sofrer por carregarmos em nós dimensões que de certa forma também nos estilhaçam. Aquilo que nos distingue, nos harmoniza. Aquilo que nos enriquece, enriquece toda a terra e toda a criação: são reinos que nos abraçam. Estas duas categorias geram uma teia que nos tornam universais e comuns.

Nos fazemos – *singulares* pelo **CORPO PRÓPRIO**; e; nos fazemos absolutamente *universais*, e diversos pela **CARNE**.

Somos uma criação construída na ambiguidade, somos identitariamente, *gerais-e-singulares* a (CARNE) que é o reino que a tod@/es nos abrange. Cada pessoa é única e jamais se repete, é, por isso, radicalmente também SINGULAR. E UNIVERSAL - ao mesmo tempo. Uma dimensão conversa com o seu contrário, garantindo que se possa ser dialético até o fim. Sempre poderá conversar com a outra outra dimensão de nossa própria face.

A fenomenologia de Merleau-Ponty contempla sentidos complementares do ponto de vista da dialética. Ela sempre buscará compreender dialogar de forma compreensiva acolhendo o mundo do cotidiano, da casa, do jogo-brinquedo, da escola, da arte, como âmbitos que tem direito a conversar com o mundo inteiro como totalidade. A fenomenologia procura caminhar pelos olhares, pelas diferenças mais sutis e acolher as contradições que conversam com a gente.

E, sempre com muito cuidado sabe DISTINGUIR estas duas dimensões diferentes no mesmo ser humano. Acolher o mundo como uma totalidade que se mistura nas diferenças e estimula de forma que uma dimensão jamais negue a outra. A fenomenologia é o jeito de apreender toda a diferença e suas contradições como partes que conversam.

Não aceita a rigidez de conceitos; estimula o diálogo até o fim, que mostram com coerência dialética, capacidade de não simplificar o pensamento, nem radicalizar em dialética que não sabe conversar com a diferença. A diferença é o momento mais importante de saber que ela existe dentro de nós, e nos faz melhores, nos ajuda ao Diálogo, evitando rigidez de conceitos, mas também nos fascina por contemplar a permeabilidade.

Cabe à fenomenologia acolher todos os sentidos enriquecedores de toda a criatura. Toda criatura não é igual a toda outra, ela guarda sempre uma diferença, para conversar. Acolhe o coração dialético de toda a criatura, porque todos nós somos ao mesmo tempo os mesmos e os outr@os, sob determinado ponto de vista. Jamais coagular um único olhar por sobre o mundo e suas criaturas, haverá outr@em, com certeza. Saberes jamais podem apreender pessoas, coisas e mundo, de um único olhar. Terá direito de se espriair nas experiências vivas, acolhendo que nada está concluído ou fechado, - somos e vivemos a dialética - cujo corpo irá passear conosco ao longo da nossa vida, no desejo de compreender olhares que se constroem a cada alvorada em territórios nunca dantes trilhados. E, que sob determinado ângulo não vemos agora, mas é provável que nos encontraremos, depois.

Os trabalhos feitos por pessoas, nos convida, a cada minuto, a gerar ações brincantes e produtivas e nelas buscar, interpretações ainda não visitadas. Permitir-se criatividade de acolher o olhar e sonhos na contramão de pontos de vistas viciados. Buscar a liberdade do olhar, o trabalho conjunto d@es matriculand@es que geraram o sonho político de uma população que contracena reiteradamente com situações de secas, águas, ausência de caminhos fáceis, areias movediças, e os desafios de costurar olhares com sonhos e lugares.

Não há dúvidas de que esta experiência conduzida de forma brilhante iluminada pela educação freire@na, mergulhada na dialética, sensível à vida palpante, como conhecimento ético político, com emersões e imersões de todos o corpo discente e docente, permitirão um currículo voltado a educação pública e emancipatória e libertadora. Pesquisar os principais intelectuais da arte do nordeste, da música, poesia. Conhecer a obra e encantos dos seus principais atores históricos que anteciparam a arte popular como formas, ritmos, contraforte das danças, a riquezas que reabriram e reabrem diuturnamente, na educação um espaço para a arte e educação, cultura, produção artística, danças, contos e causos, que reparturizam em espaço de criação, a liberdade e a ousadia. Esta liberdade, assumida como jogo-trabalho, resultará em formas abertas para a constituição de pessoas que aceitam aprender abraçados ao mundo e à liberdade política. Aprenderão - bem mais e melhor - de um saber 'livre ao ponto', rejeitando textos requentados, memorizados e aprenderão a gerar conhecimentos vivos, como a melhor maneira de brincar, via pesquisa, sistematização, trocas com conhecimentos feito na interlocução. O jogo é o melhor jeito da gente viver com as surpresas e inconstâncias que nos provocam a gerar e criar o que ainda ninguém fez ou reproduziu: vale a imaginação, o desafio e a sistematização, para criar o ainda aberto à espreita de vir a ser descoberto.

É brinquedo? Sim! É também brinquedo, do mergulho no lúdico! Diferença que permite que cada vivente jamais repetir o mesmo jogo, o mesmo canto, a mesma toada, o mesmo ritmo, pois a variância terá direito à liberdade!

Merleau-Ponty acenava que mesmo quando lemos o mesmo texto, cantemos os mesmos versos, ninguém poderá produzir duas vezes o mesmo teor e gerar em sua expressividade, o ritmo e o sentido idêntico. Somos seres voltados à invenção do criado e recriado. Merleau-Ponty mostra que ninguém pode reproduzir um sentido inédito que se repetisse. Precederá em toda pessoa a individualidade absoluta de sua singularidade. É isso que a Fenomenologia nos aponta nos estudos de Merleau-Ponty: ousar sempre novos rumos!

Vou simplificar. Merleau-Ponty mostra que ninguém pode reproduzir o mesmo sentido em sua leitura do mundo, pois o que singulariza, e torna as pessoas únicas e não replicáveis é o corpo próprio torna as pessoas singulares e únicas. Por outro lado: há em nós uma instância que a tod@/es nos universaliza: somos Carne - Sarx – em hebraico, somos um mesmidade, que nos faz idênticos por sermos da mesma carne do Universo; sem todavia perdermos nosso corpo próprio, absolutamente singular e pessoal.

Importante dizer, o autor que fez o Dicionário de Merleau-Ponty, feito de maneira extremamente sofisticada, Pascal Dupond, permaneceu em aulas de Merleau-Ponty, conferências, em seus cursos específicos, e terminou solicitando a Merleau-Ponty a revisão de suas notas. Revisado com carinho pelo Merleau-Ponty, que aprovou, com correções e conversas. Foi publicado, nos principais idiomas acadêmicos. Li, da mesma forma, o conjunto de criações feitos pelos alunos e alunas no intuito de exprimir muitas formas com que se possa falar de Paulo Freire, de sua esposa Nita Freire e de outras tantas pessoas, marcantes na história de autores que marcaram também eles e elas as trajetórias mais importantes, do que diz respeito à dimensão revolucionária do trabalho realizado não apenas no Brasil, mas por outros tantos lugares, no mundo, outras pessoas marcantes na trajetória de Merleau-Ponty, com grandes autores, outros teóricos, ativistas, artistas, podem se autorizar à grandeza doce de uma intervenção sempre justa que demonstre também como a atividade dos professores/as ministrantes responderam, demonstrando o quanto o curso havia tocado cada pessoa, diversa, e de lugares, aprendizagens, estudos, empreendimentos tão ricos e diversos. O Freire é referência internacional de grandes autores no mundo inteiro, por confirmar sua capacidade imensa, de ter provocado, em situações tão díspares, acontecimentos de aulas, livros, cursos, saberes revolucionários, que ateava fogo na grande determinação para um número sempre maior de pessoas no planeta. Freire era um provocador que gerava nas pessoas, quer pela sua singularidade assumida – quer pelo corpo próprio delas – quer por sua carne, possibilidades infinitas de fazê-las crescer de forma apaixonada, e de jamais esquecê-las ou abandoná-las. Desafiá-las até o fim, buscando formas de expressão, sem cansaço, ou sem medo - reiteradamente.

Adotava jeitos de dizer que não interditava jamais a linguagem inventiva dos poetas, cantadoras, musas, e repentistas, dos seus alunos e alunas e, sobretudo, da população empobrecida, que por anos a fio, o permitiu contribuir no intuito de recriar saberes e redescobrir os sentidos da melhor revolução possível, aquela que enobrece pessoas, as tomam resplandecentes da dignidade civil!

Ainda assim. Freire era um sofredor. Sempre se penalizou da opressão reiterada da violência do dinheiro, do capital, da terra, da destruição dos empobrecidos. Sua genialidade do uso literário, apaixonada, expressa brinquedo e carinho: cultivava o amor. Fala a qualquer pessoa, porque ele mesmo é pessoa em sentido pleno. Falava outras formas de linguagem, atos de (re)conhecimento abriam percursos para novas descobertas, recriação da linguagem revolucionária, de fácil entendimento de sentido. Ia além da mera somatória de palavras. O esmagamento da opressão, que cala, ofende, esvazia e quebra os mais penalizados. Já não se pode tornar a língua erudita, que excluía a emancipação libertadora. A conexão de Paulo Freire era a busca da linguagem que não se curvava à linguagem hermética, utilizada como opressão e censura que feria pessoas mais sofridas, por direitos negados. De pessoas, condenadas pelas relações capitalistas, lhes sonega não somente o trabalho, a saúde, a comunicação, as condições de desenvolverem a expressividade da dimensão da arte e interdita a apropriação da terra como direito legítimo a toda criatura.

Cada texto que li, tinha a dimensão ético-praxiológica da cobrança do emprego e justa remuneração como fonte primária de sobrevivência. Sempre mencionavam os outros direitos humanos, a decência, ao reconhecimento, acesso ao trabalho, permitisse saciar não somente a fome do pão, complementando-a com o direito à fome de justiça. E, por grandeza do conjunto de contatos com muitos professores e professoras, a arte popular era a mais adequada forma de abrir o sentido à melhor revolução possível, aquela que devolve a humanos aos seres vivos, asas tesas para a livre revoada, a arrebrantar céus de chumbo e miséria.

Que luta aprendemos nós a partir do vento? Encontrar a própria comunhão entre pássaros ou humanos, negros e negras, indígenas, pessoas em condição de procurarem liberdade própria, em revoada de espaço novos, dos quais estiveram, eles e elas, tantas vezes privados. Só se aprende melhor, na liberdade! Cabe também a nós, humanos, imiscuir-nos na grande revoada nos faça livres do cativeiro! Voar e voar para os direitos, diversidade; para o inusitado, e apostar em outras revoadas. Tantas coisas das quais, também nós somos cativos, e nos incite ao diverso e à liberdade criativa e emancipatória. Encontremos a companhia de pessoas nas coisas mais belas da vida: o encontro com o *di/poliverso*. Acolhamos tantas vezes quanto necessário, abraçar a inusitada luta como livre expressão dos sentidos e dos sonhos, que nos autorize a luta pela revolução em favor do conjunto de pessoas, que sofrem na dor, no desespero, adoentamento, cativeiro, e situações de depressão. Superar a tristezas! Abrir-se aos que perderam o sentido da caminhada emancipatória. Jamais interditar sonhos de livre expressão e justiça. Acolher os mais sofridos, que perderam o sentido do caminho, ou se interditar na livre expressão de seus sonhos, de acolher a justiça, a interajuda. Superar os descaminhos da exploração, da violência, do medo e da fuga das lutas sociais e políticas. Superar o ímpeto de que tudo é desgraça, acolhendo nossa fragilidade para irmos além da solidão. Não depender que seja necessário um ímpeto exterior a nós, sem antes acolhermos a fragilidade, com a esperança de que toda luta jamais será vã. Abraçar as dificuldades com carinho e amor, dedicação, conhecimento, organização e afeto.

Descubramos o carinho que dê sentido à indignação feita sob *muchirum* de pessoas, sobretudo as mais empobrecidas, das resistentes chuvas e trovoadas do Capitalismo. Caminhos imprescindíveis: fugir da mentira que sempre falsa: que inútil lutar. Há um caminho para todos e todas: a esperança!

Freire nunca se enganou. Que o capitalismo buscava diminuir as pessoas, para torná-las solitárias, para que pessoas não mais lutassem pela alvorada da liberdade. E, a palavra não poderá se fazer ausente, para costurar os sentidos que se abrem à luta. Que fôssemos esperançosos: há um sentido emancipatório nos sonhos - seremos vitoriosos na reiterada luta contra toda a opressão. A vitória de todos e todas, jamais virá só. É necessário e imprescindível a esperança que não esmoreça. Esperança que nos afia e desafia para toda forma de luta em favor da VIDA, da JUSTIÇA e da VERDADE.

A grandeza do trabalho de vocês, coordenado pelos professores é também expressão grandiosa com eco fundamental na dança, no canto, na poesia, na busca das formas de arte, que permitam um caminho de luz abandonando a solidão, e como gesto primacial de convocar a libertação. Busquemos a solidariedade que nos chama à luta política contra a opressão, e instauremos outra sociedade a partir da qual nos reconheçamos plenamente como pessoas, irmãs e irmãos, em favor da vida feliz e compartilhada.

Agradeço carinhosamente o convite, sou devedor do convite e do estímulo a este texto. A admiração da trança de olhares de Paulo Freire e Merleau-Ponty como Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Educação, na UFMT, é o que continuamos a fazer por muitos anos. Lhes agradeço e muito. Seremos memória de tantos e tantas que se solidarizam na luta pela cidadania plena que caminha na alvorada da Pátria que amamos.

Luiz Augusto Passos

APRESENTAÇÃO

CURSO PAULO FREIRE, O EDUCADOR DO MUNDO 2021 CARTAS PARA PAULO FREIRE: ESCRITOS PARA ESPERANÇAR II

André Gustavo Ferreira da Silva
Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo

Querido Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira! O motivo da minha escrita é para compartilhar da felicidade que tem sido participar do Curso “Paulo Freire: Educador do Mundo!”, promovido pelo MST. Nossos encontros do Círculo de Cultura são um espaço em que podemos dizer sobre nossas reflexões, sobre as dores e raivas do tempo presente, que nos mobilizam e, assim, nos fortalecemos na boniteza e na afetividade necessárias para continuarmos nossas batalhas. Pelas telas, encontramos alento e podemos aprender como ser amigo dos movimentos sociais; celebrar a alegria de uma mãe, que já quase na melhor idade, é encorajada, por seu filho, a aprender as letras; sensibilizamos ao saber que o Bolsa Família fez a diferença na vida de uma de nossas colegas.

Eder Proença, Sorocaba,
09 de agosto de 2021.

Recortamos este trecho de uma das Cartas Pedagógicas que compõem este livro, para que você, leitor/leitora, já possa sentir o gostinho do material precioso que apresentamos nas páginas deste e-book. Convidamos você a “entrar na roda com a gente”, para saborear a boniteza da experiência de tecer coletivamente saberes e conhecimentos libertadores neste tempo adverso em que vivemos.

Este livro foi tecido por muitas mãos e muitos corações, no marco das comemorações do centenário do nascimento de Paulo Freire, refletindo o seu pensamento como um farol que “alumia” a realidade com problematizações, num processo de tomada de consciência das situações limites da sociedade brasileira, rumo à construção de caminhos para se alcançar os inéditos viáveis, num permanente e teimoso esperar.

Depois da experiência exitosa do primeiro volume das “Cartas para Paulo Freire: escritos para esperar”, queremos compartilhar agora os textos nascidos a partir das vivências dos participantes dos círculos de cultura *online*, no decorrer da segunda edição do Curso Paulo Freire, Educador do Mundo, organizado, mais uma vez, pelo Centro de Formação Paulo Freire, do Movimento dos Trabalhadores rurais Sem Terra (MST-PE), em parceria com o Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas, da UFPE, em 2021, no segundo – e ainda mais trágico! – ano da pandemia da Covid 19. Na apresentação do primeiro volume, falávamos que a nossa mais recente luta era “ocupar o latifúndio da tecnologia digital de ensino e transformá-lo em campo de educação libertadora”.

É o que estamos fazendo, desde que assumimos com determinação este desafio, ao propor a realização dos círculos de cultura online para o aprofundamento das discussões acerca dos temas abordados no curso. Tínhamos consciência das dificuldades (e riscos) da realização, no ambiente virtual, de uma experiência proposta originalmente por Paulo Freire para ser vivenciada num contexto de comunicação presencial, com os participantes dispostos em círculos e interagindo frente-a-frente, olho-no-olho, numa horizontalidade revolucionária para os padrões da educação tradicional.

A pandemia nos havia imposto muitas limitações, principalmente para a realização de atividades presenciais. Recorrer ao uso das tecnologias digitais de informação e comunicação foi a alternativa imediata para superar esses problemas, desde as primeiras semanas após ser decretada a necessidade do distanciamento social. Inspirados pelo próprio Paulo Freire, na busca de superar os limites de uma educação engessada e formatada em regras imutáveis, pudemos constatar que os círculos de cultura online, apesar das suas limitações – ou por causa delas – revelaram-se um espaço-tempo dialógico consistente para a construção coletiva de conhecimentos na perspectiva da emancipação dos sujeitos sociais.

A segunda edição do Curso “Paulo Freire, Educador do Mundo”, já tendo os círculos de cultura online em sua proposta metodológica, foi realizada entre os meses de abril e setembro de 2021, e manteve a formatação que fora bem-sucedida no ano anterior – com a alternância semanal entre as aulas temáticas e os círculos de cultura, sempre a cada terça-feira à noite, pela plataforma streaming vinculada ao Youtube. Os temas abordados nas aulas terminavam com questões problematizadoras, que eram retomadas nos círculos na semana seguinte, com a ajuda dos mediadores voluntários, e assim sucessivamente. A Aula inaugural teve como tema Educação Popular e Organização Social, sendo proferida pela Dra. Allene Lage, da UFPE - Campus Avançado do Agreste. A educadora abriu a sua exposição lembrando o contexto pandêmico, que em nosso país, naquele dia 06 de abril de 2021, acabava de atingir o número de 4.125 mortos – é muito triste constatar que agora, no momento em que escrevemos a apresentação deste e-book, menos de um ano depois (março de 2022), a quantidade de vítimas fatais atingiu o trágico e absurdo número de mais de 655.000 vidas perdidas, consequência de uma política desastrosa, irresponsável e cruel do governo brasileiro no enfrentamento da pandemia. Em sua exposição, a docente destacou o legado de Paulo Freire – ressaltando, particularmente a Pedagogia do Oprimido – para o despertar de uma nova consciência dos sujeitos, em torno de uma Educação que de fato os ajude a incidir na sua realidade, por meio de uma práxis transformadora, com destaque para a potência do diálogo como um dos pilares fundamentais na pedagogia freireana, necessário no processo de ensino-aprendizagem em vista da emancipação social da classe trabalhadora. Nesse sentido, enfatizou a necessidade de uma Educação Popular que assegure o ideal de manter viva a chama da luta e da organização dos trabalhadores e trabalhadoras, enquanto sujeitos sociais, presentes e atuantes numa sociedade que insiste em apagar a sua relevância enquanto atores políticos.

O tema da **Aula II**, no dia 13 de abril, foi *Educação e Sociedade: fundamentos para entendermos a Educação como Ato Político em Paulo Freire*, abordado pela pedagoga Dra. Lisete Arelaro, da USP – que recentemente nos deixou, a quem devemos tantas valiosas contribuições à Educação no Brasil, junto com Paulo Freire.

A proposta apresentada pela professora Lisete foi uma reflexão acerca da relação entre Educação e Sociedade como base para a compreensão do fazer educativo enquanto ato político, a partir das lentes de Paulo Freire. Considerando o conceito freireano de inacabamento do ser humano, chamado ontologicamente a ser mais, a docente lembrou a força dos sujeitos sociais em sua tarefa cotidiana de transformar o mundo e a si mesmos, considerando a educação como um processo permanente de humanização e emancipação. Nesse sentido, compreender a educação enquanto ato político é reconhecer o potencial da tarefa educativa como dimensão fundamental na constituição da sociedade humana, formada por sujeitos livres e conscientes de sua capacidade de incidir na realidade em que vivem. Para dinamizar os encontros dos círculos de cultura na semana seguinte, foi levantada uma questão: É possível a neutralidade em Educação? Em que situações?...

Após a apresentação do tema, tivemos a oportunidade de acolher a partilha de algumas experiências de Educação Popular das escolas do campo do MST do Ceará.

A Aula III, no dia 27 de abril, sob a responsabilidade do educador e professor Roberto Leher, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, teve como tema O papel da Educação na Transformação Social. O docente iniciou a sua reflexão lançando uma pergunta que esteve na gênese do pensamento socialista e que ainda hoje provoca inquietação na sociedade em que vivemos: Por que as pessoas que vivem do próprio trabalho – na lavoura, nas fábricas, nas escolas, no comércio – que correspondem a 80% da população mundial, é governada pela burguesia? Por que os trabalhadores, que são a imensa maioria do mundo, estão sob o jugo burguês?... Abordando com muita simplicidade e clareza temas como o modo de produção capitalista e a alienação do trabalho, o Prof. Leher passou a explicar como se dá a exploração dos trabalhadores por parte daqueles que detêm o capital e, ao mesmo tempo, a necessidade de pensar uma Educação que esteja a serviço da construção de uma sociedade que expresse os anseios e necessidades do conjunto da classe trabalhadora. Em seguida, passou a relembrar as experiências exitosas de alfabetização no Brasil dos anos 60, sob a inspiração do jovem educador Paulo Freire e como o seu trabalho educativo despertou a ira dos ricos e detentores do poder, que se sentiram ameaçados por uma proposta educativa que visava ao esclarecimento da classe trabalhadora. Nas palavras do professor, “a alienação do trabalho no Brasil era tão feroz, tão bruta, tão tosca, que os trabalhadores e trabalhadoras não tinham o direito de serem alfabetizados”. A burguesia se opôs e continua a se opor à proposta freireana de educação, reagindo violentamente – ontem como hoje – contra essa perspectiva de conscientização. Concluiu afirmando que uma Educação que vise à transformação social deve ser libertadora, “deve ser baseada numa pedagogia do oprimido e não para o oprimido”. Para a problematização nos círculos de cultura, o professor formulou o seguinte questionamento: Considerando a pedagogia freireana, como pensar estratégias pedagógicas para transformar o senso comum atual, tão carregado de consciência intransitiva e de transitividade ingênua?

As experiências compartilhadas nesta aula ficaram sob a responsabilidade da educadora popular Gilvânia, do MST do Maranhão, que apresentou as vivências na Educação Popular desenvolvidas no estado, chamadas de Jornadas de Alfabetização “Sim, Eu Posso!”

A professora Celi Taffarel foi a responsável por apresentar o tema da Aula IV, realizada no dia 11 de maio: A conjuntura educacional em tempos de Bolsonarismo e a atualidade de Paulo Freire. Diante da constatação do caráter autoritário e alienante que caracteriza e fundamenta a Política Educacional Bolsonarista – a militarização das escolas, a imposição de controles ideológicos tipo Lei da Mordaza e “Escola sem Partido”, defendida por parte dos setores conservadores, latifundiários, fundamentalistas – a professora, em contraposição, apresentou os pilares do Projeto Educacional proposto por Paulo Freire, na perspectiva da Educação para a emancipação humana da classe trabalhadora, explicitado em obras fundamentais, como Pedagogia do Oprimido, Extensão ou comunicação?, Educação como prática da Liberdade e Conscientização: Teoria e prática da Libertação. Denunciando com veemência a crueldade do governo Bolsonaro – que ela nomeia explicitamente uma política genocida, principalmente em relação às populações mais vulneráveis como os quilombolas, os sem-terra, o povo do campo e os povos originários, a Profa. Celi chamou a atenção para a necessidade de ampliar as referências sobre Teoria Pedagógica, baseando-se nas contribuições de Paulo Freire para a Educação da classe trabalhadora. Assim, os pilares desse projeto seriam: consistente base teórica, consciência de classe, formação política e inserção nos movimentos de luta social pela emancipação humana da classe trabalhadora. Concluiu afirmando que não é possível avançar sem uma leitura da realidade, sem uma reflexão crítica acerca do que está acontecendo em todos os níveis do contexto nacional: “Precisamos fortalecer os nossos instrumentos de luta... Vamos pra cima!... Colocar um fim no governo Bolsonaro... Força na luta!”. As perguntas formuladas para a problematização nos círculos de cultura foram as seguintes: 1. Sobre que base epistemológica e filosófica estamos construindo a teoria pedagógica? 2. Quais os elementos fundamentais que devem basear a formação de um educador consciente e crítico, capaz de intervir eficazmente na educação visando a transformação da sociedade brasileira? 3. Quais as contribuições do Paulo Freire na construção da teoria pedagógica?

Após a aula, tivemos a partilha das experiências de Educação Popular da Escola de Formação da Central Única dos Trabalhadores - CUT Nordeste, com o sindicalista e educador Edeildo de Araújo.

O Currículo como espaço de disputa de classe e a Transformação Social foi o tema da **Aula V**, apresentada no dia 30 de junho, pela educadora Nalva Araújo, professora titular do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Doutora em Educação pela UFBA, a professora é também membro do Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire, da UNEB. Logo no início de sua exposição, a docente chamou a atenção para o escopo do tema, já delimitado em sua formulação – o currículo como espaço de disputa de classe –, considerando que para a maioria dos teóricos do currículo a questão de classe social não é relevante. Para essas vertentes teóricas, não tem sentido discutir currículo nem como espaço de disputa de classes nem visando à transformação social, considerando que para elas, o capitalismo precisa apenas ser melhorado, mas não precisa ser transformado. Quando falamos de currículo como espaço de transformação social, estamos dizendo que a sociedade capitalista em que vivemos não serve à classe trabalhadora e que, portanto, precisa ser enfrentada por meio da organização da classe trabalhadora.

Citando John Locke, a educadora apresentou a visão dos teóricos burgueses, segundo os quais os trabalhadores não precisam ampliar os seus conhecimentos: “Ninguém está obrigado a saber tudo. O estudo das ciências em geral é assunto daqueles que vivem confortavelmente e dispõem de tempo livre. Os que têm empregos particulares devem entender as suas funções. E não é insensato exigir que pensem e raciocinem apenas sobre a sua forma de ocupação cotidiana”. Isto significa que aos trabalhadores basta saber apenas o que diz respeito ao desempenho de suas funções operacionais. A partir dos anos 50 do século passado, alguns pensadores marxistas começaram a se perguntar acerca das questões do currículo: o que é o currículo, quem faz os currículos, a que se propõem. Foi nessa época que Paulo Freire começou a desenvolver suas experiências educativas junto às populações camponesas, chamando a atenção dos trabalhadores para o fato de que eles são produtores de cultura, de conhecimento.

Em seu livro *A importância do ato de ler*, Freire fala sobre a importância do trabalho para a formação humana. Neste sentido, quando nós, educadores e educadoras, não defendemos o acesso das classes trabalhadoras ao conhecimento, de certa forma estamos compactuando com este pensamento burguês, que veta, impede os trabalhadores de compreenderem como a sociedade está estruturada, como funciona. A Profa. Nalva concluiu a sua reflexão questionando até que ponto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em vigor em nosso país não estaria elaborada sob a influência desta perspectiva teórica burguesa.

Após a aula, na partilha de experiências, contamos com a participação do educador Josinaldo Dantas Silva, diácono permanente da Arquidiocese da Paraíba, Mestre em Educação das Religiões pela UFPB, articulador do Grito dos Excluídos em João Pessoa e membro do Conselho de Saúde Popular do Alto do Mateus, que compartilhou experiências de educação popular, mobilização e articulação nas comunidades de periferia da capital paraibana.

No dia 13 de julho foi realizada a Aula VI, com o tema Educação e Agroecologia no Processo de transformação social, apresentado pelo Prof. José Maria Tardin, do MST e do conselho gestor da Escola Latino Americana de Agroecologia - ELAA, criada pela Via Campesina. Com vasta experiência em países da América Latina na luta política por um projeto pedagógico libertador, o professor iniciou sua exposição lembrando o percurso histórico do tratamento da questão da agroecologia, ressaltando a sua importância e relevância cada vez mais crescente, principalmente em se tratando da Educação do campo e no campo. Neste sentido, os fundamentos do projeto político-pedagógico pensado pelo Fórum Nacional da Educação do Campo – que envolve o conjunto de movimentos populares camponeses, organizações do campo e grupos de acadêmicos das diferentes universidades do Brasil – concentram-se num esforço para fazer com que a Agroecologia se torne uma linha transversal na formação de educadores e educadoras do/no campo, como conteúdo educativo-pedagógico libertador e emancipador. Tal abordagem deve ser feita num movimento crítico-dialético que promova relações entre os sujeitos sociais conscientes do seu pertencimento na e com a natureza, como contraponto às relações sociais de opressão, exploração, depredação e contaminação da natureza, que infelizmente insistem em prevalecer na sociedade em que vivemos, que privilegia o Agronegócio. Faz-se necessário tomar de forma consciente a dimensão ecológica da vida, considerando como a vida se organiza nos seus múltiplos processos.

A experiência compartilhada após a aula esteve a cargo da educadora popular e líder comunitária Emilce Rodríguez, membro dos comitês de emergência e de equipes de saúde, moradia e direitos, da cidade de Mar del Plata, na Argentina, que relatou vivências do Projeto Somos Bairro em Pé: Experiência em Saúde e Educação Popular.

Na Aula VII, realizada no dia 27 de julho de 21, o tema em questão foi Educação e Ciência na Transformação da Sociedade, na abordagem do Prof. Jonas Duarte, da UFPB, que é especialista em História na perspectiva das ações populares, tem uma vivência de muitos anos de serviço e parceria com os movimentos sociais do campo e é também um colaborador assíduo das iniciativas de formação promovidas na Escola Florestan Fernandes. Na abertura de sua exposição, o professor agradeceu ao MST, afirmando que aí aprendeu “muito mais do que nos bancos universitários”, ressaltando que no Movimento se pratica uma educação popular, uma educação transformadora, tendo se tornado, por essa razão, uma referência na América Latina e no mundo, em razão do seu trabalho de organização popular e produção agroecológica. Na abordagem do tema, o docente começou citando Paulo Freire: “Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque eu amo as pessoas e amo o mundo, que brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”. Segundo o professor, a proposta freireana é esta educação humanista, em permanente movimento; uma educação que precisa ser dialógica no sentido de que está aberta, dialogando com os diversos saberes da sociedade, com a diversidade de saberes da humanidade, do mundo, do universo.

Esses diversos saberes precisam ser captados, precisam ser ouvidos, lidos e interpretados, para a construção de nossos saberes transformadores. Nesse sentido, é uma educação que não ocorre apenas em sala de aula. Ela ocorre no movimento popular, nas organizações e nos movimentos sociais, na sociedade como um todo. É o conhecimento da vida e do tempo. Por essa razão, é fundamental que, na Educação Popular, nós valorizemos os saberes produzidos pelos sujeitos que interagem no processo educativo. Faz-se necessário criar mecanismos horizontalizados de ouvir, que enriquecem o conhecimento acadêmico, técnico e científico produzido na universidade. Ao mesmo tempo, a pesquisa científica precisa ser resultado das demandas objetivas dos setores oprimidos da sociedade. O Prof. Duarte concluiu sua exposição afirmando que “a Ciência precisa ser primariamente humana, antes de se pensar como ciência tecnológica, como ciência da natureza... pois a ciência não pode estar desprovida do sentido de humanidade”.

As experiências compartilhadas desta noite ficaram sob a responsabilidade da Professora Liana Borges, da Rede Café com Paulo.

As cartas pedagógicas que apresentamos a seguir são textos escritos em vários gêneros e estilos, a partir das experiências vivenciadas pelos participantes do curso, tanto nas aulas quanto nos círculos de cultura online. São escritos esperançadores – cartas, composições visuais, dissertações, ensaios e poesias – que foram vindo à luz ao longo do percurso, motivados pelas partilhas inspiradoras dos educadores convidados, em suas aulas no canal do YouTube do Centro de Formação Paulo Freire, e pelos saberes compartilhados e construídos coletivamente nos encontros dos círculos de cultura, realizados nas plataformas digitais.

Convidamos você a ler com o coração estas escrevivências, tecidas com a poesia de corações puros, vestidos e armados apenas de esperança e de sonho, como expressa um dos passageiros inquietos do poema coletivo *Uma viagem pedagógica por uma utopia possível*, que se encontra numa das páginas destas Cartas para Paulo Freire: Escritos para Esperançar II:

*Bom diaaaa, humanidade bela,
que coletivamente,
da aurora ao anoitecer,
segue na luta,
sem jamais perder de vista
o horizonte nutrido
pela UTOPIA possível
de ser educação para a liberdade.*
(Raildo Ferreira)

Boa leitura! Boa viagem, rumo à estação da Utopia possível!

André Gustavo Ferreira da Silva
Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo

1

CARTAS

Aos meus companheiros e companheiras do Centro de Formação Paulo Freire,

Saudações!

É com grande prazer que escrevo essa carta pedagógica aos meus companheiros e minhas companheiras do Centro de Formação Paulo Freire. Nesta levarei em conta o tema tratado no primeiro círculo de cultura do curso “Paulo Freire: Educador do povo”, onde nos foi dada como pergunta orientadora “É possível a neutralidade em educação? Em que situação?”.

Bom, quanto às minhas reflexões, como jovem, pardo, nordestino, militante, professor em formação (Cito essas características pois são importantes na minha formação pessoal), acredito que a neutralidade na educação é possível! Mas não se assustem... O cenário atual da educação brasileira em grande escala vem mostrando que essa educação é possível, o que não queira dizer que seja eficiente e muito menos ideal, ao pensarmos em uma educação neutra, onde conteúdos essenciais como desigualdade social, de gênero, raça e entre outras temáticas não são abordadas, e apenas um mero conteúdo, dito importante socialmente visando unicamente à formação técnica para o mundo do trabalho, estamos falando de uma educação na qual Paulo Freire chamaria de “Educação Bancária”, onde supostamente os conteúdos seriam depositados nos sujeitos, sem pouco importar o quão aquele conhecimento tem a ver com o contexto de vida do sujeito.

Assim reformulo minha resposta, a educação neutra só é possível se formos professores e professoras que não buscam a justiça social, que não educam para transcender e que reproduzimos seres acrílicos, sendo a meu ver características que nenhum professor (a) deveria ter. Tendo em vista essa contextualização, algumas outras discussões foram trazidas para o círculo como surgimento de “Movimentos Escola sem partido” e “Escolas militarizadas” quem em seu discurso contra uma suposta ideologia, trazem diversas ideologias, trazem o fundamentalismo religioso principalmente cristão, trazem os interesses das grandes mídias e grandes empresários que também apoiam esses projetos, visando à formação de sujeitos prontos para mão de obra, e somente isso, nada mais.

Assim, acredito que não devemos ceder a essas forças crescentes, mostrar nossas forças, formando sujeitos contrários a esses ideais meramente tecnicistas, formar sujeitos que transformem o mundo e questionem o mesmo diariamente, precisamos de política para uma educação libertadora, para sair de uma curiosidade ingênua para uma curiosidade crítica.

Após apresentar minha opinião, trago algumas perguntas para reflexão: “Como ser neutro ao ensinar sobre o período escravocrata?” “Como ser neutro ao falar sobre as diversas discriminações?” “Como ser neutro enquanto diversas pessoas passam fome devido ao capitalismo atual?” “Como ser neutro sendo professor(a), uma profissão de posicionamento?”

Grandes abraços a todos (as).

Lucas Luan de Brito Cordeiro

Rio Grande do Sul, 27 de abril de 2021.

Às/Aos Companheiras(os) do Grupo 6 – QRST

Bom dia! Salve!

A minha carta pedagógica vai em busca de partilhar uma preocupação: o que motiva o povo à luta? (talvez não seja a pergunta, mas foi a que me veio no momento de conhecimento que me encontro).

Ontem vivi uma situação muito bárbara, eu diria, ouvi de duas instituições governamentais locais a frase: ...pois é, você querer não adianta, Eles é quem tem que querer... Era uma reunião para traçar, junto com as famílias, um futuro da horta para geração de renda porque subsistência já atingimos.

O meu ponto de fala é de coordenação de um projeto de extensão universitária que objetiva contribuir para a redução da miséria e da fome, bem como gerar trabalho e renda a partir da agroecologia e de uma horta urbana comunitária com 10 famílias, indicadas por uma secretaria de desenvolvimento social. De onde tiraram isso?

Das 10 famílias que iniciaram e 3 saíram depois da 3ª roda de conversa, quando foi dito que o Projeto não atuava para o imediato, a urgência, mas sim a longo prazo, após o primeiro plantio e a colheita coletiva. Naquele momento, era evidente a necessidade destas 3 famílias e a expectativa de receber um valor mensal para participação no projeto, visto que havia uma indicação de apoio de uma cesta básica e uma parcela de R\$ 200,00. Óbvio que eles precisavam, óbvio que precisam de atenção à urgência.

Sem luz, sem leite e pão, como pensar em horta e comida de futuro, gente?

O 1º ponto de análise: estas 3 famílias saíram e não tivemos mais notícias. Esperava uma reintegração ao projeto mais adiante. O que foi deles? O que ficou... mas eles não querem trabalhar... eles não querem...

Eu Não concordo, há algo de errado.

As famílias que ficaram precisam trabalhar e gerar renda, além do trabalho na horta, óbvio! Então nesta última reunião, mais uma vez eu ouvi: cadê as famílias, só estão aqui 2 idosas, sem ninguém, e mais uma mulher que é mãe. Como você quer pensar em gerar renda e vender para uma escola loca. É preciso compromisso. E daí um técnico da EMATER pergunta: vocês querem ganhar 11 mil reais? Eu disse: eu também quero! E acho que você também! Não estamos aqui querendo 11 mil reais. Mil reais por semana, para dividir, já nos atenderia muito!

Isso já diz muito, Ronise: mas nem isso, eles não querem! Cadê o povo? São várias desculpas, Ronise, e não aparecem. Nada que eu dissesse mudaria a frase: mas eles não querem... eu convido e nem à merda me mandam...

Será porque não respondem mais à secretaria de desenvolvimento social? Por descrença!

Eu disse: Eu acho que vocês não querem que eles/elas não queiram! Mas eu quero sim! E enquanto educadora vou continuar querendo até ampliar a visão deles de compreenderem que estar aqui nesta horta é um ato político, um ato de RESISTÊNCIA e REEXISTÊNCIA! NÃO HÁ NEUTRALIDADE. HÁ MILITÂNCIA CONTÍNUA E PERSISTENTE.

Ouvi ao final: ...um silêncio desaprovador... desmotivador... e vi olhares denunciadores ao meu desejo de querer, como se algo fosse para mim. E uma última fala, sabe a pá de cal?... Então: você não pode impor o que você quer como educadora, se eles não querem melhorar. Eles não se interessam.

Como eu me senti?: quase a desfalecer e sem compreender que caminho tomar. Chorei tanto por dentro. Porque me senti culpada. Será que eles têm razão?... Eu não posso querer que eles queiram.

MAS HOJE AO ESCREVER ESTA CARTA, EU ME FORTALECI E COMPREENDI: eu tenho a obrigação, por conhecer e compreender, de mostrar exaustivamente, até onde eu conseguir, o que eles PRECISAM QUERER ENTENDENDO PORQUÊ – o que é autonomia, o que é compreender as circunstâncias, porque eu tive uma chance de conhecimento que eles ainda não tiveram.

Sem vergonha ou culpa alguma: EU QUERO SIM POR ELES!!!! ENFRAQUECER-ME COM AQUELAS PALAVRAS ERA A ESTRATÉGIA PARA MANTER AS 10 FAMÍLIAS PRESAS ÀQUELAS CIRCUNSTÂNCIAS DE DEPENDÊNCIA.

Como lidar com esta força de cima pra baixo que massacra essas pessoas frágeis socialmente? Essa força com cara de boazinha mas que destrói e assola e massacra. Como mobilizar estas pessoas que são frágeis pelas circunstâncias sociais, como motivá-las e dizer, vamos! Vamos! Vamos conversar e ver a força que pode mudar essa circunstância de vida.

Ao final ficou a frase pra nós: ...ESSAS MULHERES querem, mas não podem, e os demais não estão aqui porque têm outros compromissos, não há interesse.

Como assim?... eu disse. Eles estão trabalhando como pintores, desmontando casa com a esposa para garantir a compra do que não tiram da horta.

Uma carta e um desabafo e um pedido de partilha: qual caminho já percorrido pelos/as companheiros/companheiras em que posso me inspirar e tomar como referência para não deixar essa força maldita assolar, pelo menos, essas famílias.

HÁ BRAÇOS.

RONISE.

Parnaíba, PI, 27 de abril de 2021

Estimado educador Paulo Freire,

Eu sou o professor Alcione, de Parnaíba, Piauí, Nordeste do Brasil.

Traço essas poucas linhas pra relatar e mesmo denunciar a você o que vem acontecendo em nosso país nos últimos 4 anos, no que diz respeito às tentativas de conservadores, reacionários e atualmente nazifascistas (seguidores de Bolsonaro, os “bolsomínios”), querendo expurgar suas ideias, seu legado, sua história, sua luta em defesa de uma educação libertadora, problematizadora, conscientizadora e por isso nunca neutra, porque educar é sempre um ato político, pro bem ou pro mal. Ao mesmo tempo, mostro também que há importantes iniciativas em curso em função do seu centenário de nascimento, numa demonstração de que seus seguidores, admiradores e divulgadores do seu legado são numericamente e qualitativamente superiores aos que tentam diminuir sua importância pro Brasil e pro mundo.

Faço um recorte histórico para falar inicialmente da tentativa desses grupos de implantar no Brasil o “Movimento Escola Sem Partido”, cujo auge do Movimento se deu em dezembro de 2018, quando, depois de muitas idas e vindas, a Câmara dos Deputados arquivou o Projeto: PL 7180/14, em resposta à intensa pressão popular dos setores progressistas, inspirados em Paulo Freire.

O que pretendiam eles com esse Movimento? Com a Teoria da Conspiração de que havia uma doutrinação freireana e/ou um marxismo cultural nas Escolas e Universidades, queriam retirar Paulo Freire das Escolas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Modalidades Especiais de Educação: EJA, Educação Especial, Indígena, do Campo...), mas o alvo principal deles era as universidades públicas e institutos federais de educação. Na verdade, queriam substituir a “doutrinação freireana” e/ou o “marxismo cultural” pela “Escola Sem Partido de Olavo de Carvalho”. Não conseguiram, mas começaram a atacar em outras frentes: Reforma do Ensino Médio, ainda no governo Temer; aprovação da BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a fórmula perfeita para engessar o Currículo Escolar; “atualização”, leia-se destruição, dos livros didáticos da Educação Básica (tudo a ver com a “ideologia de gênero”, com o “Kit Gay”, a maior Fake News da Campanha Eleitoral de 2018); intervenção nas universidades públicas e institutos federais de educação, colocando neles reitores biônicos (prática corrente no período dos governos militares)...

Já no desgoverno Bolsonaro houve a nefasta tentativa de retirar de você o título de “Patrono da Educação Brasileira”. Também não conseguiram. Aqui, como na tentativa de implantar o “Escola Sem Partido”, a mobilização social via internet (redes sociais) foi decisiva para barrar a sanha nazifascista conservadora em curso.

Mas, Paulo, sempre houve quem se colocasse do seu lado na defesa da educação libertadora, problematizadora, conscientizadora, posso citar alguns exemplos: a atuação do MEB – Movimento de Educação de Base, ainda no final da década de 50 e início da década de 60 do século passado, ligado à CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; mais recentemente o MST – Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra; a iniciativa do 1º governo, em 2003, ao implantar em todo o Brasil o programa “Brasil Alfabetizado” e, neste momento, mesmo com todas as restrições impostas pela pandemia da Covid-19, pipocam por todo o Brasil importantíssimas iniciativas em comemoração ao seu centenário de nascimento, cito apenas duas, das quais estou participando diretamente: A Jornada de Formação de Educadoras e Educadores Militantes do PT (Curso On-line), uma estratégia do Partido para materializar o grande projeto “Nova Primavera, PT 41 anos” e o Curso On-line “Paulo Freire: o Educador do Povo”, realização do Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas e do Centro de Formação Paulo Freire, ambos de Recife. No segundo semestre deste ano aqui no Piauí teremos a “Balada Literária”, evento de caráter nacional, mas também realizado nos Estados e municípios. Em Parnaíba acontecerá no mês de outubro próximo. Neste ano, evidentemente, o grande homenageado é Paulo Freire, no seu centenário de nascimento!

Por fim, saiba que aqui em Parnaíba, no Piauí, no Nordeste e no Brasil existe uma legião de seguidores seus dispostos a lutar pra manter seu legado, sua história, sua honra, seu nome, sua luta por uma sociedade menos egoísta, mais solidária, mais humana.

Saudades eternas.
Abraços freireanos,
Prof. Alcione Amorim Costa Filho

Fortaleza, Ceará, segunda-feira, 03 de maio de 2021.

Aos meus companheiros e companheiras do Centro de Formação Paulo Freire,
Saudações!

É com imenso prazer que escrevo essa carta pedagógica aos meus companheiros e companheiras do Centro de Formação Paulo Freire. Nesta tratarei da temática do segundo círculo de cultura do curso “Paulo Freire: Educador do povo” onde nos foi dado como pergunta orientadora: “Considerando a pedagogia freireana, como pensar estratégias pedagógicas para transformar o senso comum atual tão carregado de consciência intransitividade e de transitividade ingênua?”

Para responder tal pergunta norteadora, trago conhecimentos relacionados na última aula, onde Roberto Leher citando Karl Marx nos apresenta a importância da consciência de classe, pois acredito que somente através do autoconhecimento e autopertencimento da posição social onde está inserido que o ser poderá iniciar o processo de busca por transformação social, passando do processo de conhecer sua realidade até um conhecimento global das situações de injustiça, desta forma por meio do conhecimento dos seus direitos cessados, dos problemas atravessados a ele (a) e seus próximos.

Além disso, acredito que Karl Marx peca ao trazer seu foco principalmente somente às questões de classe, hoje vemos que essas relações são muito mais complexas, envolvendo religiosidade, étnica, raça, gênero, sexualidade e entre outras formas, que nós professores e professoras deverão utilizar como conteúdos e estratégias para facilitação de uma consciência transitiva, onde o sujeito entenda das diversas perversidades que atravessam o capitalismo e o consumismo na sociedade.

Assim, reforço: para fugir de uma consciência intransitiva e de uma transitividade ingênua, de um fatalismo, de um conformismo muitas vezes reforçado pelos fundamentalismos religiosos devemos utilizar estratégias democráticas como círculo de cultura, contextualização da realidade, utilizar da linguagem de nossos estudantes, devemos lutar pela consciência crítica, pelo espírito revel de nossos e nossos discentes, pois somente ensinando-os a ler o mundo de forma crítica, mas não somente ler, como também lutar e não se contentar com as perversidades do capitalismo, que podemos buscar uma transformação social.

Por último, um grande abraço a todos (as), que tenham uma ótima semana.

Lucas Luan de Brito Cordeiro

São Paulo do Potengi, Rio Grande do Norte, 08 de maio de 2021.

Caros colegas, e professores deste curso Paulo Freire Educador do Povo!

É com enorme prazer que vou escrever essas poucas linhas, para lhes contar um pouco da minha trajetória e como me encantei pela educação.

Me chamo Josefa Elizangela dos Santos, tenho 40 anos, sou casada, mãe de 3 filhos. Terminei meu ensino médio em 2001, e desde então estava fora da escola. A vida dá muitas voltas, mas nos leva sempre para onde estão nossos sonhos.

Depois que me tornei mãe, muita coisa mudou. Descobri que meu filho mais novo, em 2013, estava com câncer no olho. Foi um baque pra mim, mas Deus tem seus planos e nunca nos abandona. Em meio ao tratamento dele, conheci muitas pessoas ligadas à educação, e foi aí que renasceu aqui o sonho que estava adormecido de um dia entrar numa faculdade.

Eu me sentia despreparada, tímida, mas algo maior me empurrava. E quando meu filho se curou, pra honra e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo, eu falei agora é minha vez, vou realizar meu sonho.

Em 2016, fiz meu primeiro curso em EAD, pelo ETEC-Jundiá de Manutenção e Suporte para computadores. Foi aí que um professor me incentivou a fazer o ENEM. --

Meu Deus, eu nunca tinha feito. Foi aí meu primeiro desafio, fiz a inscrição. No dia da prova, foi a experiência mais marcante da minha vida, eu realmente acreditei que era aquilo que sempre quis. Não fui muito bem, zerei a redação, fiquei triste, mas bola pra frente, vou tentar de novo próximo ano.

Na minha cidade tem o Instituto Federal do Rio Grande do Norte IFRN. Eu soube que eles estavam ofertando um cursinho preparatório para o Enem, e logo fui lá, fiz a inscrição, e no ano seguinte, 2018, fiz o tão esperado argumento para entrar na faculdade e tirei 600 da redação. Foi uma alegria enorme, continuei no IFRN, fazendo o cursinho. Em 2019, eles abriram as vagas para a Licenciatura em Matemática e eu fiz a inscrição no Sisu e fui chamada na segunda lista. Era tudo que eu queria.

Foi desde então, que comecei a me apaixonar cada dia mais pela Educação. Lá tive meu primeiro contato com o grande professor Paulo Freire, me encantei com seus ensinamentos, sua humildade o modo como ensinava, as dificuldades enfrentadas ao longo da sua jornada pedagógica, as lutas enfrentadas em prol da educação para todos.

A terceira aula do nosso curso foi muito boa. O relato de vida daquela mulher humilde, mas tão verdadeira, me fez voltar ao passado. Como é triste você não saber escrever ou ler algo, e como é prazeroso enxergar a gratidão nos olhos dela em dizer que um professor a ensinou, e que ela queria mais, começar do zero.

Estou muito feliz por estar compartilhando com vocês um pouco da minha vida, e o desejo de um dia poder ensinar algo que faça mudar a vida daquela pessoa, assim como alguém mudou a minha, com o mesmo amor e carinho com que Paulo Freire tinha por onde passava, ensinado sem preconceito, sem distinção, mas com amorosidade para com o próximo.

Desde já quero deixar meu agradecimento a todos que fazem parte da equipe do Curso Paulo Freire, com certeza levarei todos os ensinamentos para minha vida acadêmica que quero seguir, e futuramente serei uma professora de Matemática.

Josefa Elizangela dos Santos

Fortaleza, Ceará, segunda-feira, 08 de maio de 2021.

Aos meus companheiros e companheiras do Centro de Formação Paulo Freire,
Saudações!

É com imenso prazer que escrevo essa carta pedagógica aos meus companheiros e companheiras do Centro de Formação Paulo Freire. Nesta tratarei da temática do terceiro círculo de cultura do curso “Paulo Freire: Educador do povo” onde nos foi dado como perguntas orientadoras: Sob que base filosófica e epistemológica estamos construindo a teoria pedagógica?

Quais os elementos fundamentais que devem basear a formação de um educador consciente e crítico, capaz de intervir eficazmente na educação, visando a transformação da sociedade brasileira? Quais as contribuições de Paulo Freire na construção da teoria pedagógica?

Quanto a primeira pergunta “Sob que base filosófica e epistemológica estamos construindo a teoria pedagógica?” acredito que durante nossa formação acadêmica maioria dos professores e professoras estamos influenciados por conhecimentos filosóficos e socioantropológicos do Marxismo, mesmo que ainda de maneira superficial, necessitando aprofundamento teórico com a leitura, formação continuada e cursos como este no qual estamos, como forma de dialogar e atualizar os conhecimentos do Marxismo com a realidade da educação brasileira atual, além de termos a possibilidades de influenciarmos por outros autores que de certa forma influenciados pelo Marxismo ampliaram a discussão como Michel Foucault, Paulo Freire e entre outros.

Já respondendo a segunda pergunta “Quais os elementos fundamentais que devem basear a formação de um educador consciente e crítico, capaz de intervir eficazmente na educação, visando a transformação da sociedade brasileira?” acredito que tenha a ver inclusive com os critérios apresentados pela professora Celi Taffarel: com um pensamento crítico, ligado ao momento político, social e histórico da realidade e com pensamentos voltados ao desenvolvimento humano através da cultura de forma “periodicizada” e levando em conta as lutas de classes, poderemos ser eficazes em uma educação crítica, da forma que Paulo Freire nos instigou através de obras. Além disso, creio que os princípios de totalidade, rigorosidade e radicalidade com os problemas sociais e educacionais existentes.

Em terceiro lugar, respondendo a última pergunta “Quais as contribuições de Paulo Freire na construção da teoria pedagógica?” Paulo Freire nos traz diferentes contribuições para uma visão política e mais ampla da educação em suas diferentes obras como: Pedagogia do oprimido, Revolução, Extensão por comunicação, Pedagogia da autonomia, Educação como prática da liberdade entre outras. Por último gostaria de agradecer a esta palestra de Celi Taffarel, é um enorme prazer ouvir alguém da minha área, tão justa, inteligente, revolucionária e dentre os diversos elogios que poderia atribuir a essa mulher importantíssima para uma educação crítica.

Com imensa felicidade deixo um grande abraço a todos (as), que tenham uma ótima semana.

Lucas Luan de Brito Cordeiro.

Oi, Paulo Freire, como está?

Estamos aqui no ano de 2021 comemorando o seu centenário. Cem anos refletindo, persistindo e esperando em seus pensamentos.

Quem diria, que neste ano comemorativo, estaríamos vivendo um contexto político com tanta desesperança? Mas vejo que, apesar disso, existe uma circularidade da vida. Ela nos lembra, por meio de seus escritos, que, em um ano tão conturbado e sofrido como este, ainda, é possível caminhos de resistência e reexistência, então, nada melhor que lembrar de suas palavras no aqui e no agora do ano de 2021.

Freire, ainda há muita consciência intransitiva! E, olha, essa consciência intransitiva não é só do povo oprimido não hein?! A elite também está precisando de libertação. Mas tu já falavas disso né? O oprimido ao se libertar, liberta também o opressor!

Pois é, vivemos uma transitividade muito ingênua. O povo acredita que o mito vai vos salvar, por meio do discurso da violência, de todos os “males” presente na sociedade. A verdade é que uns já se desiludiram, outros, ficaram no “eu avisei” e, ainda, outros, em sua neutralidade, fortaleceram o opressor e, hoje, encontram-se “perdidos”.

Tu dizes sobre as ferramentas do diálogo e da escuta para rompermos com a intransitividade. Mas freire, para ter diálogo é preciso ter escuta! Então, com escuta, é possível ter diálogo. Como vamos sensibilizar um povo que não quer ouvir? Que só quer falar, melhor, vociferar verdades? Como chamar pra escuta? Como chamar a elite pra ouvir e se solidarizar com aqueles que estão sendo massacrados pela política genocida?

Os “ele sim” continuam apoiando o seu mito no interior dos seus palacetes. Como chamar para escuta “os avisados” que, hoje, perdidos, encontram-se desiludidos? Acabei de ouvir que solidariedade, mais do que bondade e voluntarismo, é compreendermo-nos como iguais.

Penso que quando nos vemos como iguais nos abrimos a escuta e diálogo. O que parece ocorrer é que cada um sente-se falando do seu posto de verdade com aparente autoridade. É necessário convocar o povo para uma luta de iguais, pois somos atravessados de forma diferente pelo mesmo sistema de opressão – Capitalismo, colonialismo e patriarcado -, portanto, precisamos buscar, juntos, transformar esta sociedade intransitiva.

Os dias estão difíceis, Freire. Mas a luta do povo não cessa. E nessa práxis cotidiana, vamos reinventando as ferramentas de luta a partir do diálogo e da escuta. Hoje, vemos que 30% da população está fragilizada, outros, em torno de 30%, permanecem na consciência ingênua de crença no mito, e mais uns 30% seguem na luta.

Vamos aos poucos cooptando o que estão desejosos por uma saída. Exercendo a amorosidade em luta. Nos deixado ser permeados pelas lutas diárias para seguirmos como resistência, em busca de novas existências.

Thayná de Oliveira Moreira Rodrigues

Ponto do Volantes, Minas Gerais, 18 de maio de 2021.

Com os meus cordiais cumprimentos a todo o cidadão de todas as cores e de todas as regiões do mundo, venho, por intermédio desta, saber: como vocês estão?

Espero que estejam bem. Por aqui está tudo bem. E é com muito prazer que venho aqui compartilhar o que aprendi com o professor Roberto Leher no dia 27 de abril de 2021 sobre o papel da educação na transformação social, oportunado pelo Curso Paulo Freire, realizado pelo Centro de formação Paulo Freire.

Pois então, Paulo Freire – grande educador do povo – pensou e deixou muitas contribuições para que nós pudéssemos executar e multiplicar sua excelente pedagogia. Podemos começar as nossas indagações a partir do dado onde 80% do mundo é governada pela burguesia (Marx). Mas por quê isso? Como assim? Se quem manda é a maioria e nesse caso quem governa e mantém a ordem e o controle de tudo é a burguesia (minoridade).

Pois bem, isso é uma questão de consciência de classe, a consciência que leva à transformação do mundo. A tal Pedagogia do Paulo Freire que havia falado antes foi pensada de uma forma que garantisse uma elevação de consciência de classe, pedagogia que fizesse sentido ou seja, educação que informasse de fato a classe de trabalhadores a sua condição de explorado e que o levasse a transformação, levasse a emancipação dessa situação de explorado e massacrado por esse sistema capitalista.

Nessa oportunidade venho fazer um convite para aderir também a essa educação que faz sentido, educação que o povo entenda e que seja proveitoso para a vida. E em um tempo a longo prazo a Formação da consciência vai sendo concretizada para transformar o mundo opressor.

Mas para chegar nesse nível faz-se necessário superar a consciência intransitiva (alienada, carregada de preconceito e muito bem trabalhada pela mídia) e levar a uma consciência transitiva (transformada, consciente da condição exploração) que leva a um mundo mais justo e igual.

Precisamos meu caro amigo, compreender a essência da natureza desse sistema explorador para levar os oprimidos ao protagonismo de classe trabalhadora transformada- Marx- classe para si – aquela que pensa no outro e na igualdade social e não na negação do ser humano.

Sei que você está pensando que esse pensamento é utópico e COMO construir uma ruptura desse sistema opressor?

Sendo que o nosso sistema educacional reproduz uma sociedade calada e sem reflexão, oportunizando esse sistema opressor a continuação da opressão, a exploração e a acumulação de riqueza nas mãos de minoria.

Mas eu acredito sim na capacidade do ser humano por ser um ser que pensa. E tendo esse requisito pode se informar e tomar consciência dessa situação de exploração através do diálogo, da reflexão para transformação de uma SOCIEDADE igualitária!

Paro por aqui, deixando muitas saudades de prostrar contigo sobre o assunto e deixando o diálogo aberto para quando quiser refletir um pouco sobre esse nosso sistema capitalista

Abraços

Maria Ferreira da Cruz

Sabará, MG, 22 de maio de 2021.

Salve, salve, gente do bem!

Estava pensando em uma palavra geradora para superar o senso comum...

Na metodologia freiriana de aprendizagem, a palavra é muito mais do que um elemento de um código de comunicação, mais do que um conjunto de letras, de sílabas e de fonemas. A palavra em Paulo Freire é ação, é transforma-ação. Ela serve para compreender o mundo, o próprio mundo, os porquês do mundo, quem e o quê rege o mundo.

O M-U-N-D-O, por exemplo: é uma palavra, tem cinco letras, duas sílabas, quatro fonemas. O mundo é uma multidão de gente, uma imensidão de terra e milhares de leis. O mundo é um lugar onde poucos estão no poder, há pouca terra para o pobre plantar e colher e poucos direitos pra mim e você.

Ensinar e aprender a palavra é, portanto, encontrar nela sentido e significado. É somente a partir da descoberta do quão realmente significativa é uma palavra é que ela passa a ter existência, que ela nasce e procria. A palavra gera seres pensantes, humanizados e politizados.

Se pudesse gerar uma palavra em cada brasileiro hoje, seria F-O-R-A: Exclamação que denota ordem para sair, deixar um lugar. Fora Bolsonaro!

Obrigada Paulo Freire!

Sabrina Soares

Fortaleza, Ceará, segunda-feira, 15 de julho de 2021.

Aos meus companheiros e companheiras do Centro de Formação Paulo Freire,

Saudações!

Nesta aula de José Maria Tardin sobre educação e agroecologia na transformação social alguns assuntos das outras palestras dos professores e professoras foram reforçados, como a importância do materialismo histórico-dialético, enxergando o sujeito como produtor e reproduzidor da sociedade por meio de suas relações sociais assim como a busca constante pelo processo de humanização e emancipação do sujeito, para isso Tardin cita algumas possibilidades como uma Pedagogia Socialista, uma Educação do campo, estas que sejam capazes de conscientizar os indivíduos desde suas contradições individuais, como grupais, como também de forma macro as contradições que vivemos em nossa sociedade.

Uma forma de iniciar discussões e valorizar os saberes dos sujeitos nessas contradições é o que Paulo Freire apontou como Temas Geradores, pois, por meio desses poderíamos gerar subtemas, imagens da realidade dos sujeitos e tornar um desafio epistemológico para os seres em encontrar contradições em situações cotidianas aos mesmos para que assim haja o enfrentamento á burguesia e ao latifundiário. Para que assim em conjunto entendamos a importância de uma reforma agrária em um país tão desigual como o Brasil.

Desta maneira, Tardin reforça a importância de uma práxis revolucionária na educação, em todas suas instâncias, e relações, para que possamos promover potencialidades e problematizar as contradições supracitadas (individuais grupais e sociais). Destarte o professor ou professora como ser social e carregado de intencionalidade se torna uma militante, um pedagogo educante e que jamais deverá ignorar as lutas de classe em sua práxis.

Por último somos alertados por José sobre o ser humano como hegemonicamente violento entre si e depredador da natureza e que através da educação devemos buscar libertação das nossas amarras, não reproduzir as contradições dos nossos dominadores e educar para uma transformação social.

Por último, um grande abraço a todos (as), que tenham uma ótima semana.

Lucas Luan de Brito Cordeiro.

Recife, 19 de julho de 2021

Saudades eternas do senhor, meu pai Arlindo Vieira de Melo!

Pai, cheguei! Tenho certeza que de algum modo estas palavras que serão aqui desfraldadas chegarão até o senhor. Inicialmente, gostaria de lhe pedir a bênção: bênção Papai! Depois, dizer o quanto que sinto saudades do senhor, te peço perdão pelas vezes que não me demorei mais ao seu lado para conversar com o senhor, responder com decência as perguntas que o senhor fazia. O senhor, pai, foi um excelente perguntador, pesquisador nato!

É provável que o senhor já tenha conhecido Paulo Freire, pois ele era um educador que costumava fazer seu trabalho pedagógico com agricultores, com pessoas que estavam nos assentamentos como ele nos conta na pedagogia da esperança e no livro ação cultural para liberdade. Acredito que o senhor tenha trocado muitas ideias com Freire. Sei que vocês se darão muito bem, porque é dele inclusive a pedagogia da pergunta – e o senhor fazia tantas perguntas!... Meu pai, o senhor foi um homem dialógico. Refletia sobre a vida. Nos ensinou muito com sua maneira de perguntar e eu também aprendi muito com Freire, Freire me traz o senhor para perto de mim.

Talvez, esteja aí a raiz do meu interesse pelos estudos, pela pesquisa, pelo universo das palavras escritas, já que o senhor era um excelente contador de histórias, naquelas rodas de descastanhar os cajus, contava histórias com tanta graça, fazias tantas perguntas em cada chegada, gostavas de conversar, sinto falta de quando o senhor dizia: “senta aqui menina”! e começava a fazer perguntas. A arte de perguntar me fazia pacientemente estar ali, até cordel declamava, lia a Bíblia, livros, também gostavas de ouvir!

Pois bem pai, estas lembranças tão significativas, acredito que me conduziram aos territórios que desbravei para agora te contar, tantas coisas boas aconteceram comigo e tenho certeza que o senhor se sentiria profundamente feliz ao saber delas, mas o senhor foi antes delas acontecerem. Mas, agora, como que se eu estivesse chegando em casa, chamando pelo senhor e mãe, lhe encontro ali, sentado naquela cadeira, às vezes cochilando (eu também cochilo bastante, acho que puxei isso do senhor), ao lhe chamar, o senhor responde: menina, tô aqui! Levantasse e me desse aquele abraço, único e indescritível (jamais serei abraçada como o senhor me abraçava, abraço forte, aconchegante e alegre). Nossa, pai, a sua alegria era contagiante! Sinto falta dessa acolhida em minha chegada!

Mas, pai, o que eu queria mesmo te contar é que concluí o meu doutorado, aquele estudo que fazia na Paraíba, que o senhor sempre perguntava onde eu estava, quando a gente conversava. Nossa, pai, o dia da defesa foi tão bonito e aconteceu de uma forma inesperada. Era como se sua missão aqui na terra não fizesse mais sentido e o senhor foi ocupar este outro plano pra que assim, o desfecho da minha saga chegasse ao fim. Veja só, com apenas 2 meses de sua partida concluí o doutorado, fui aprovada no concurso federal e em 10 de dezembro de 2020 tomei posse, como o senhor sempre foi resoluto, acredito que sua força, coragem, vontade, alegria e compaixão tocou o nosso divino pai eterno e como se fosse um passe de mágica hoje estou plenamente realizada. Gratidão, meu pai, por hoje seres um anjo de luz em minha vida.

Pai, o senhor dizia, menina será que quando eu morrer você vai lembrar de mim? Pois bem, pai, agora mais do que nunca o senhor é lembrado, lembrado por todas as suas marcas deixadas em nós e para nós, tenho muito do senhor dentro de mim, sua mansidão, sua coragem, sua determinação, sua força de vontade e sua atitude, sua pressa também, suas qualidades e também defeitos meu pai, são para mim virtudes! Hoje o senhor torna-se inesquecível por tudo o que fez e também pelo o que não fez, sua forma de nos tratar com tanto carinho e ousadia; sua forma de olhar, de sorrir, oh, meu pai, quanta falta de tudo isso que era tão seu e que tornava a nossa casa um lugar todo especial, hoje ela tem um vazio que nada e nem ninguém consegue preencher, te vejo em cada lugar que o senhor tão bem demarcou, entretanto, se tem um lugar que não está vazio por sua presença autêntica é em meu coração! Te amo, meu pai!

Duas marcas presentes em pai: a alegria e o brilho do olhar! Foi numa noite de lua cheia que pai nos deixou. Deixou-nos no plano físico, porque muito dele ficou em cada um de nós! Em cada filho e filha! Suas marcas nos acolhem em sua essência: a alegria de nos receber, suas risadas, suas piadas e histórias! Tínhamos um contador de causos! Pai, com seu meigo e doce olhar nos ensinou a olhar, pra alguns é um ato de encarar, mas para pai o olhar era o ato de contemplar, quantas vezes não éramos pegadas com ele olhando para nós! Um olhar demorado, silencioso e que se encerrava aquele momento de contemplação com seu riso tão radiante, quanto intenso era seu olhar! A lua, a cada mês presentifica a essência de tudo que meu pai foi aqui entre a gente, hoje temos o seu exemplo do que é ser homem de verdade: qualidades indescritíveis diante de seus exemplos: determinação, coragem, confiança e ação, força de vontade e trabalho era de montão, organização de suas coisas, portas fechadas, casa boa é a da gente, por onde anda não deixa rastros. Quantos ensinamentos em sua simplicidade e hoje o que temos é a saudade que o traz para nosso lado como se pudéssemos viver novamente a alegria de sentarmos ao seu lado, conversar, rir, contar as novidades! Sinto muito a sua falta, tê-lo como pai foi um grande presente de Deus porque tudo o que hoje sou devo muito ao senhor!

Gratidão, meu pai!

Ciente de que o senhor me abençoa, peço a sua benção: benção, papai!

Receba estas palavras com todo meu amor e saudade, que te torna tão presente, mesmo estando tu ausente, estás tão vivo quanto antes em meu pensamento e sentimento!

Perdão, pelas vezes que te desapontei, te desobedeci, te respondi e pelas raivas que te causei!!! Peço seu perdão e a sua benção para eu seguir os meus dias!

Com todo meu amor e saudade:
Maria Aparecida Vieira de Melo

Sorocaba, 09 de agosto de 2021.

Querido Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira,

Há exatos 76 anos, uma bomba atômica era lançada sobre a população civil da cidade de Nagasaki, no Japão. As mãos e as mentes tão habilidosas do ser humano em descobrir e criar possibilidades a partir dos elementos químicos e de outros materiais encontrados no meio natural e que deveriam ser utilizadas para a construção de sociedades mais justas e igualitárias, foram responsáveis por desenvolver uma arma capaz de liquidar em poucos segundos com uma cidade toda e milhares de vidas humanas e não humanas.

Em 2010, um texto dele, bastante embebido de sua sabedoria Paulo, ele defendeu a contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens (REIGOTA, 2010), ressaltando a construção da trajetória de professores e professoras pesquisadores/as do e no cotidiano escolar, que ampliam a noção de cidadania e dão sentidos outros aos seus fazeres pedagógicos, não como mero cumprimento de um conteúdo programático, mas criando na escola e suas margens, “laboratórios de possibilidades existenciais, de produção de conhecimentos e subjetividades e de intervenções social e política.” (REIGOTA, 2010, p. 5).

Minha qualificação de doutorado, por exemplo, aconteceu no dia 13 de setembro de 2017, para marcar seu aniversário. Na tese, crio um conceito de Pedagogia do Subterrâneo, ou seja, uma tentativa de dar continuidade aos seus escritos, mas sem a soberba de alcançar suas reflexões de modo tão contundente e marcante. De uma maneira geral, e para não tomar tanto o seu tempo, diria que a Pedagogia do Subterrâneo é a ação que ocorre quase de maneira imperceptível no cotidiano escolar: quando uma professora trans é eleita e reeleita para ser a diretora de uma escola pública no Paraná; ou quando damos oportunidade para as crianças assumirem seu protagonismo, nós as ouvimos e a escola ganha um Parque da Paz, homenageando as vítimas das explosões das bombas atômica no Japão e pela construção de um futuro sem armas e violência no mundo.

Não tinha a intenção de me alongar, prezado Freire, mas quando se trata de poder conversar com você, a cabeça entra em um turbilhão e dá vontade de escrever sobre muitas coisas que experimentei e tantas outras que, inspirado em você, pude proporcionar para estudantes e professoras e professores, por onde passo, como a recente arborização e horta que estamos fazendo na escola de educação infantil, em que trabalho, aqui em Sorocaba.

O motivo da minha escrita é para compartilhar da felicidade que tem sido participar do Curso “Paulo Freire: Educador do Mundo!”, promovido pelo MST e que consiste em aulas com presença de professores bastante reflexivos e experiências belíssimas em uma semana e na outra, um encontro de Círculo de Cultura, bem ao seu estilo, onde podemos exercitar nossa escuta, nosso olhar e nossa sensibilidade aquilo que o outro/a outra nos trazem a partir de seu lugar de ser e estar nesse mundo.

Nosso grupo é surpreendente, Paulo! Temos pessoas de diferentes áreas, como o direito, a comunicação, assistência social, das tecnologias da informação, estudantes de Geografia, História, Pedagogia e, claro, educadores que estão em permanente formação e reflexão para transformar suas/nossas práticas cotidianamente, como tão sabiamente você nos ensinou.

Nas terças-feiras, em que temos nosso Círculo de Cultura – falo por mim, mas creio que também por cada uma e cada um dos meus nobres colegas, que inclusive, já estamos combinando de continuar nos encontrando, mesmo com o final do curso e, imagine, fazendo leituras das suas obras! Como estava dizendo, nossos encontros do Círculo de Cultura são um espaço em que podemos dizer sobre nossas reflexões, sobre as dores e raivas do tempo presente que nos mobilizam. Assim nos fortalecemos na boniteza e na afetividade necessária para continuarmos nossas batalhas, nossa transformação conosco mesmos e quiçá, com aqueles que nos estão próximos e mais outros...

Pelas telas, encontramos alento e podemos aprender como ser amigo dos movimentos sociais; celebrar a alegria de uma mãe, que já quase na melhor idade, é encorajada, por seu filho, a aprender as letras; sensibilizamo-nos ao saber que o Bolsa Família fez a diferença na vida de uma de nossas colegas.

Esses conhecimentos e essa leitura de mundo que não seria possível se não nos fosse dada a oportunidade do encontro, que ainda é virtual, dado o cuidado que temos para com nossa saúde e pelo bem comum, não teríamos tido a oportunidade, se não fosse por você, grande mestre. Nós continuaremos conectados e, num futuro, não muito distante, pois vamos sair dessa pandemia e outras primaveras vamos juntos poder celebrar, aqui em Sorocaba, no Rio de Janeiro, em BH ou algum desses lugares incríveis do Nordeste, sua terra.

Querido Patrono da Educação Brasileira, seu sonho continua vivo em nós, seu legado é nosso legado: lutar por uma sociedade justa, democrática, em que todos e todas tenham as mesmas oportunidades. Na boniteza das singularidades que cada qual traz de seu cotidiano rico de saberes populares e que constrói o repertório para o conhecimento que emancipa, sem destruir sua trajetória e torna cada um e cada uma, o sujeito de sua própria história e pela história coletiva em que estátuas sejam erguidas para aqueles que resistiram à corrupção, à violência, aos abusos e que nenhuma arma seja lançada para ceifar a vida e criar soberanias entre as nações e povos.

Salve Paulo Freire! Salve os que vêm das margens!

Eder Proença

REFERÊNCIA

REIGOTA, Marcos. *A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. Teias*. Rio de Janeiro: ano 11, no 21, jan/abr 2010. Disponível em: <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/533/446>>, acesso em: 31 jul. 2013.

Ao mestre, com carinho!

Esperançar, inicio o diálogo com essa palavra tão necessitada nos últimos tempos pelo mundo, mais atual que nunca em nossos dias, por estarmos vivenciando um período pandêmico e de possíveis rumores do colapso das democracias. Verbo este, dito por ti, com o intuito de ir avante, não se deixar abater, se reconstruir, se refazer, se ressignificar, ser resiliente perante o caos e, assim sendo, este, passou a ser nosso alimento diário na luta.

Foi conduzido por este sentimento que te tornastes o andarilho da utopia e inspiraste gerações transformando-te em: o educador do povo. Tuas obras distintas com foco no pensamento político, na conscientização, na leitura do mundo, na emancipação dos povos, na valorização da linguagem e na cultura popular e teu olhar *bottom-up* representou a cara de um Brasil “sequelado” e marcado pelo fisiologismo e coronelismo.

País este, que necessitava que o véu da ignorância fosse rasgado, em específico, o dos oprimidos, um povo esquecido pela sua realeza. E, por pensar com consciência crítica e buscar a justiça social foste perseguido no passado. Entretanto, nos dias atuais, me parece que a história se repete, pois, se antes foste considerado um idealista “perigoso” e “subversivo” em sua pátria, visto como um “criminoso”, por fazer parte de um plano “maquiavélico”, o qual queria implementar por meio de políticas públicas um Programa Nacional de Alfabetização, bem como, a formação de professores, logo foste visto com maus olhos. Pois, teus ensinamentos incidiam em um material didático ao contrário dos interesses da nação.

Assim, nos questionamos, por que esse programa apresentava uma ameaça aos “conservadores” e aos redutos políticos? Pois bem, a resposta é simples! Dentre um dos fatores, na época o que estava em jogo era o voto dos analfabetos e estes em sua maioria eram os oprimidos da realeza e restritos ao desenvolvimento social. Assim, um povo que desconhece seus direitos torna-se submisso e acanhado com sua mente voltada para coisas fúteis e sem conexão com sua realidade.

Logo, se um povo “letrado”, se empodera de conhecimento este o liberta, a tal ponto, que desperta com criticidade para sua realidade. Como foi destacado em um dos encontros do círculo de cultura nas rodas de conversas que, durante tua estadia na prisão te propuseram que alfabetizasses os soldados, porém, respondestes que não poderia ensiná-los a ler e escrever porque, se eles aprendessem, poderiam não mais cumprir com suas ordens. Confirmando assim, o teu método, de uma Pedagogia Libertadora, que tem por princípio a educação como ato político, de construção de conhecimento e criação de uma sociedade mais ética, humana e solidária, que sempre deve está a favor da classe dos oprimidos.

Todavia, teu método incomodava por estar era além da alfabetização, não bastava que apenas se lesse “Eva viu a uva”, mas era necessário compreender a posição que Eva ocupava no contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. Nesse sentido, uma educação revestida de ato político influenciaria a vida dos oprimidos e estes descobririam o seu opressor, onde ao apropriar-se de uma pedagogia da autonomia professor e alunos juntos serão protagonistas do processo. Logo, tua *práxis* pedagógica te levou ao exílio. E nos perguntamos, há pecado em querer uma educação para todos?

Teu método teve originalidade por ser pensado na necessidade de um povo, tendo em vista que, é preciso dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede e aos que dormem, estes necessitam despertar com consciência crítica e mudar sua realidade quando está o desfavorece.

Tuas obras “subversivas” como sementes lançadas caíram em solo fértil nas mãos de bons agricultores que cultivaram os muitos frutos, porém, como citei acima, a história se repete, hoje após longos anos de labuta, temos na proposta educacional do atual governo indicativos para mudar o método de gestão educacional que ressalva: *“precisamos revisar e modernizar o conteúdo. Isso inclui a alfabetização, expurgando a ideologia de Paulo Freire, mudando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”*. Não obstante, ministros da educação que com um ponto de vista ácido ressaltam que, *“suas ideias é muito mais uma bandeira do que uma referência tão importante assim”*, o outro proferiu que, as universidades deveriam “ficar reservadas para uma elite intelectual”, e o atual declarou que as universidades deveriam ser ‘para poucos’.

Contudo, logo se vê a arrogância intelectual destes cidadãos que se pressupõem terem recebido a melhor educação em seu percurso escolar e tais falas me fazem reportar a uma reflexão sobre uma carta a respeito da educação após Auschwitz de um sobrevivente que diz: *“Caro professor: Sou um sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum ser humano deveria testemunhar: câmaras de gás construídas por engenheiros ilustres; crianças envenenadas por médicos altamente especializados; recém-nascidos mortos por enfermeiros diplomados; mulheres e bebês assassinados e queimados por gente formada em ginásio, colégio e universidade. Por isso, caro professor, eu duvido da educação. E eu lhe formulo um pedido: Ajude seus estudantes a se tornarem humanos. Seu esforço, professor, nunca deve produzir monstros eruditos e cultos, psicopatas e Eichmans educados. Ler e escrever aritmética são importantes somente se servirem a tornar nossas crianças mais humanas.”*

Nesse sentido, como dissestes, é preciso “ser mais”, é imprescindível se apropriar de humanidades e amorosidade para que na dialética da vida possamos aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Todavia, teu método incomodava por estar era além da alfabetização, não bastava que apenas se lesse “Eva viu a uva”, mas era necessário compreender a posição que Eva ocupava no contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. Nesse sentido, uma educação revestida de ato político influenciaria a vida dos oprimidos e estes descobririam o seu opressor, onde ao apropriar-se de uma pedagogia da autonomia professor e alunos juntos serão protagonistas do processo. Logo, tua *práxis* pedagógica te levou ao exílio. E nos perguntamos, há pecado em querer uma educação para todos?

Teu método teve originalidade por ser pensado na necessidade de um povo, tendo em vista que, é preciso dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede e aos que dormem, estes necessitam despertar com consciência crítica e mudar sua realidade quando está o desfavorece.

Tuas obras “subversivas” como sementes lançadas caíram em solo fértil nas mãos de bons agricultores que cultivaram os muitos frutos, porém, como citei acima, a história se repete, hoje após longos anos de labuta, temos na proposta educacional do atual governo indicativos para mudar o método de gestão educacional que ressalva: *“precisamos revisar e modernizar o conteúdo. Isso inclui a alfabetização, expurgando a ideologia de Paulo Freire, mudando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”*. Não obstante, ministros da educação que com um ponto de vista ácido ressaltam que, *“suas ideias é muito mais uma bandeira do que uma referência tão importante assim”*, o outro proferiu que, as universidades deveriam “ficar reservadas para uma elite intelectual”, e o atual declarou que as universidades deveriam ser ‘para poucos’.

Contudo, logo se vê a arrogância intelectual destes cidadãos que se pressupõem terem recebido a melhor educação em seu percurso escolar e tais falas me fazem reportar a uma reflexão sobre uma carta a respeito da educação após Auschwitz de um sobrevivente que diz: *“Caro professor: Sou um sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum ser humano deveria testemunhar: câmaras de gás construídas por engenheiros ilustres; crianças envenenadas por médicos altamente especializados; recém-nascidos mortos por enfermeiros diplomados; mulheres e bebês assassinados e queimados por gente formada em ginásio, colégio e universidade. Por isso, caro professor, eu duvido da educação. E eu lhe formulo um pedido: Ajude seus estudantes a se tornarem humanos. Seu esforço, professor, nunca deve produzir monstros eruditos e cultos, psicopatas e Eichmans educados. Ler e escrever aritmética são importantes somente se servirem a tornar nossas crianças mais humanas.”*

Nesse sentido, como dissestes, é preciso “ser mais”, é imprescindível se apropriar de humanidades e amorosidade para que na dialética da vida possamos aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Todavia, teu método incomodava por estar era além da alfabetização, não bastava que apenas se lesse “Eva viu a uva”, mas era necessário compreender a posição que Eva ocupava no contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. Nesse sentido, uma educação revestida de ato político influenciaria a vida dos oprimidos e estes descobririam o seu opressor, onde ao apropriar-se de uma pedagogia da autonomia professor e alunos juntos serão protagonistas do processo. Logo, tua *práxis* pedagógica te levou ao exílio. E nos perguntamos, há pecado em querer uma educação para todos?

Teu método teve originalidade por ser pensado na necessidade de um povo, tendo em vista que, é preciso dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede e aos que dormem, estes necessitam despertar com consciência crítica e mudar sua realidade quando está o desfavorece.

Tuas obras “subversivas” como sementes lançadas caíram em solo fértil nas mãos de bons agricultores que cultivaram os muitos frutos, porém, como citei acima, a história se repete, hoje após longos anos de labuta, temos na proposta educacional do atual governo indicativos para mudar o método de gestão educacional que ressalva: *“precisamos revisar e modernizar o conteúdo. Isso inclui a alfabetização, expurgando a ideologia de Paulo Freire, mudando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”*. Não obstante, ministros da educação que com um ponto de vista ácido ressaltam que, *“suas ideias é muito mais uma bandeira do que uma referência tão importante assim”*, o outro proferiu que, as universidades deveriam “ficar reservadas para uma elite intelectual”, e o atual declarou que as universidades deveriam ser ‘para poucos’.

Contudo, logo se vê a arrogância intelectual destes cidadãos que se pressupõem terem recebido a melhor educação em seu percurso escolar e tais falas me fazem reportar a uma reflexão sobre uma carta a respeito da educação após Auschwitz de um sobrevivente que diz: *“Caro professor: Sou um sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum ser humano deveria testemunhar: câmaras de gás construídas por engenheiros ilustres; crianças envenenadas por médicos altamente especializados; recém-nascidos mortos por enfermeiros diplomados; mulheres e bebês assassinados e queimados por gente formada em ginásio, colégio e universidade. Por isso, caro professor, eu duvido da educação. E eu lhe formulo um pedido: Ajude seus estudantes a se tornarem humanos. Seu esforço, professor, nunca deve produzir monstros eruditos e cultos, psicopatas e Eichmans educados. Ler e escrever aritmética são importantes somente se servirem a tornar nossas crianças mais humanas.”*

Nesse sentido, como dissestes, é preciso “ser mais”, é imprescindível se apropriar de humanidades e amorosidade para que na dialética da vida possamos aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Diante disso, é válido destacar dentre teus muitos ensinamentos que ninguém é mais culto do que o outro, não há saber mais por ter frequentando a universidade ou por apreciar as pinturas de Van Gogh, o que existe são saberes paralelos, diferentes e distintos que se complementam. E que por meio de uma pedagogia problematizadora possamos traçar um caminho para o desenvolvimento do raciocínio crítico, reflexivo, consciente, coerente, ético, participativo e rico de possibilidades para fazer a elevação do padrão cultural.

É dessa forma, imbuídos de tuas ideais transformadoras que saímos da nostalgia alienante e conscientes de que somos seres inacabados e estamos sempre nos construindo em conjunto com o dialogicidade e complexidade do mundo, tendo a certeza de que, o caminho se faz caminhando e de que sua luta não foi em vão. Teu legado criou raízes, assim como uma árvore, que ao vento balançar, caem algumas folhas, e a mesma permanece firme, alimentada e regada pelo verbo esperançar.

No mais, um tempo atrás, escreveste uma carta aos professores e agora em retribuição e reverência te escrevo. Me despeço, grata pelos seus ensinamentos poético-atopolítico-crítico-reflexivo-conscientizador-mobilizador-emancipador, assim como, os companheiros angicanos do município de Angicos no Estado do Rio Grande do Norte, o qual foi palco e pioneiro do teu método, onde apenas 40 horas de esperança foram o suficiente para causar uma revolução no sertão nordestino. E nos perguntamos: o que esse método tem de tão eficaz? A resposta é bem simples! O método se fundamentava na própria experiência existencial. E foi assim que, Antônio percebeu que o lápis tinha mais leveza que o cabo da enxada, e com ele, redesenhou com esperança sua própria estrada.

Avante, na luta! Esperançosos, na caminhada!

Jilvânia Alves de Lima

Novo Hamburgo, 19 de agosto de 2021.

Aos Seres que me trouxeram alegria com este Curso e encontro

Amados, Amadas e Amades!

Gratidão, o que é gratidão?

Pra mim é compreender e entender que sozinhos não somos nada. Que viver neste mundo é ter que considerar o outro, fazendo a ele e recebendo tudo que pode ser complementado em prol de um bem viver.

Pra mim é compreender e entender que sozinhos não somos nada. Que viver neste mundo é ter que considerar o outro, fazendo a ele e recebendo tudo que pode ser complementado em prol de um bem viver.

É bem certo que não aprendemos a viver sendo parte do ambiente natural, não aprendemos a ver a morte como natural, não conseguimos nos perceber que iremos para a composteira como todo e qualquer ser vivo da terra.

Esses dias em um círculo de cultura do projeto hortas falamos da composteira, é lindo, faz jus ao que sempre ouvi de minha avó: do pó viemos ao pó voltaremos. É lindo. Somos parte deste universo. Salve os povos tradicionais com sua cosmovisão que nos salva ainda, mesmo com tanta ingratidão. GRATIDÃO!

Mas o capital nos consumiu a ponto de nos tirar de nossa essência natural, estamos robotizados e tentando robotizar a natureza, a ver e sentir a era que vivemos: o ANTROPOCENO.

Não tivemos percepção, somos zumbis alucinados pelo verbo OBTER, zumbis alucinados pelo verbo COMPRAR, zumbis alucinados pelo verbo VENDER e zumbis alucinados pelo verbo COMPETIR. Distantes da palavra GRATIDÃO mútua.

Consegui ver um pouco do meu pensamento errado, de minha forma errada de viver ao me aproximar do espiritismo e da agroecologia pelos amigos do movimento de economia solidária. GRATIDÃO, GRATIDÃO E GRATIDÃO ETERNA.

E assim, percebo que a tudo que eu encontrar que não tenha sido fabricado pelo homem devo reverenciar por perceber que são seres complementares ao cosmo que vivo, são pertences de GAIA como eu.

Gratidão a vocês também que trouxeram-me mais um ponto de amor neste caminho a partir dos ensinamentos deste ser que foi e que é PAULO FREIRE, um espírito iluminado e de amor.

GRATIDÃO, GRATIDÃO, GRATIDÃO....

Ronise Ferreira

Paulo Afonso, Bahia, 2021.

Carta aberta aos educadores,

Professor, "o educador do povo", este enxerga os "condenados do mundo" como seres a serem livres de um sistema violento e que os oprime, direciona seu trabalho e dedicação ao ato libertário, tal como fez Paulo Freire, o portador de um legado marcado na história, que se apresenta em cada professor que faz da sua prática: a libertação do indivíduo, seja das opressões de gênero, econômicas e sociais.

Assim, a educação freireana é aspecto fundamental para a ação cotidiana do trabalho de base no que tange à criação de meios possíveis e reais para que o status quo seja rompido. De modo que, torna-se dever do educador reter a prática humanizadora nas suas aulas para com seus educandos, a efetuação desse desafio só será possível ao evocarmos a imagem e ação de Paulo Freire, metodologia, luta e seu percurso como educador popular.

De maneira que, em dias duros, nos quais a vida difícil marcada pela opressão mercantil e individualista, violenta a alma de cada professor que media a sua práxis à emancipação do indivíduo, este que vivencia na sua existência as mazelas de um cotidiano marcado pelo colonialismo. É preciso que ainda haja forças para reivindicar a liberdade, autonomia, reflexão. Portanto, mediante essa visão, Freire evoca que não podemos ceder ao capitalismo, este que subjuga, assassina e nos faz corpos descartáveis.

De forma que há de lembrarmos da educação como ato libertador e que não há tempo para uma falsa neutralidade perpetuadora do processo excludente e marginalizador. Não há tempo para nos acovardamos diante do capitalismo que destrói a natureza, as produções, o eu, as subjetividades e a vida como pertencente à beleza.

Destarte, deixemos a ótica capital, tecnicista, caminharemos em “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Assim, poderemos compreender, respeitar, nos atentar à ação libertadora, ação que liberta o outro e nos liberta.

Professores do mundo todo, uni-vos!

Graduada em Letras
Centro Universitário do Rio São Francisco – UNIRIOS
Paulo Afonso, BA

2

Composições²

visuais

SANKOFA

Fernanda Rienzi Nunes

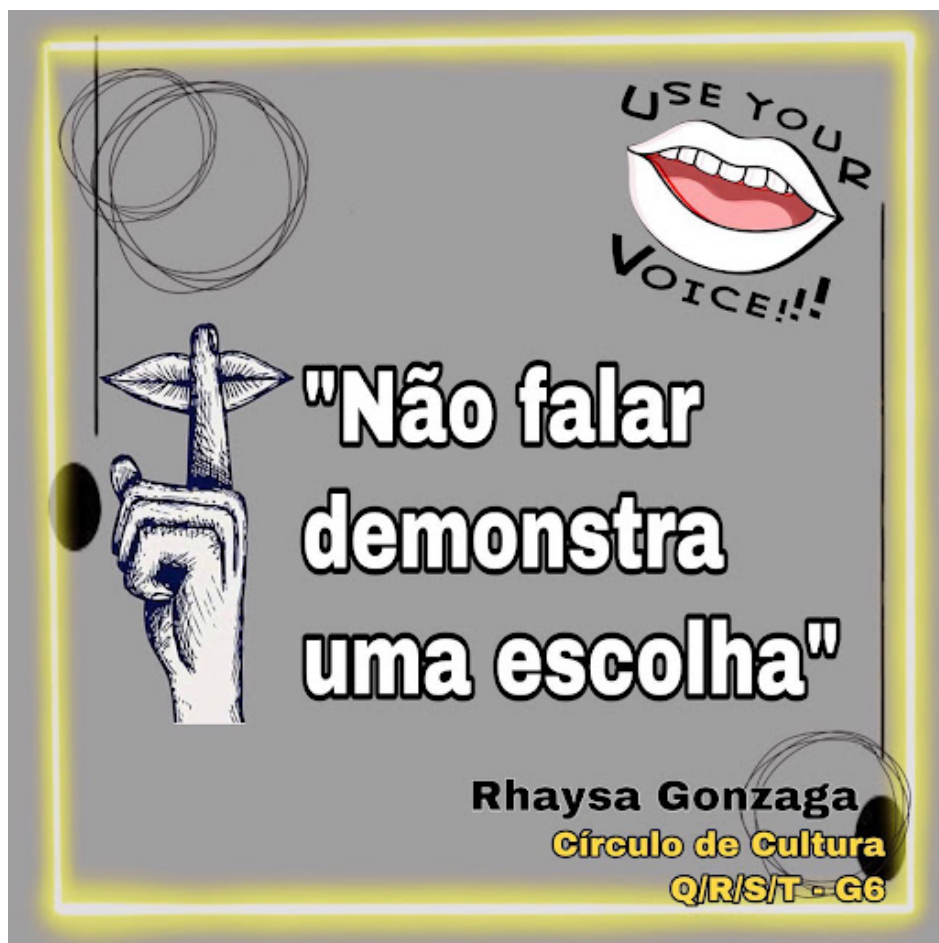
Carta Pedagógica – Desenho “Sankofa” de Fernanda Rienzi Nunes



Arte feita a partir das discussões do Círculo de Cultura do dia 20/04/2021

UMA ESCOLHA

Rhaysa Gonzaga



EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Rhaysa Gonzaga

2º CÍRCULO - 04/05/2021

Qual é o papel da
educação na
transformação social?

Como colaborar no
desenvolvimento de
pensamento crítico?

Através da
perseverança

Dialogicidade

resiliência

Afetividade

Resistência e luta



GRUPO Q/R/S/T - G6
RHAYSA TEREZINHA GONZAGA

POSICIONAMENTO POLÍTICO

Rhaysa Gonzaga



1º Círculo

É possível neutralidade na educação?

20/04/2021

TODAS AS QUESTÕES QUE AFETAM A
SOCIEDADE, COMO AS DESIGUALDADES
SOCIAIS ESTÃO PRESENTES DENTRO DA
ESCOLA! COMO SER NEUTRO?

ESCOLHER O SILÊNCIO, TAMBÉM É UM
POSICIONAMENTO POLÍTICO!

Círculo de Cultura Q/R/S/Tá - G6

Rhaysa Terezinha Gonzaga

BASES EPISTEMOLÓGICAS

Rhaysa Gonzaga

3º CÍRCULO - 22/05/2021

BASES EPISTEMOLOGICAS

ASSUNÇÃO DE NÓS POR NÓS MESMOS

IDENTIDADE DOCENTE

FORMAÇÃO CONSCIENTE E CRÍTICA


TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

RESPEITO A REALIDADE DO ALUNADO

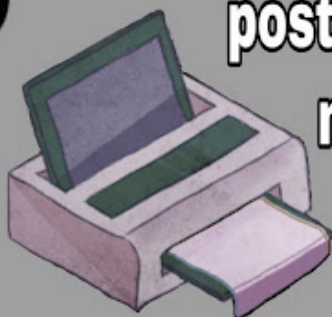
CÍRCULO Q/R/S/T - G6
RHAYSA TEREZINHA GONZAGA

IMPRESSÃO

Sabrina Soares



**"Nós imprimimos
nosso nosso
posicionamento no ato
educativo com nossa
postura, nosso nosso
modo de agir"**



Sabrina Soares

Círculo de Cultura

Q/R/S/T - G6



ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Sabrina Soares



INTROJEÇÃO

Sílvia Silva


**"Muitos professores
são oprimidos que
introjetaram o
opressor dentro de
si e o reproduzem
em sala de aula"**



Sílvia Silva
Círculo de Cultura
Q/R/S/T - G6

NÃO TEM COMO SER NEUTRO

Stefanni Cristina



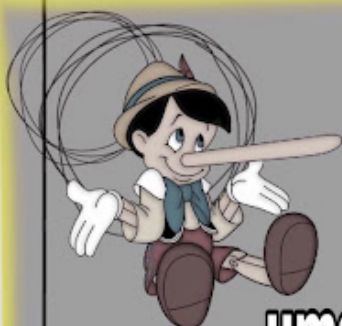
**"Todas as questões
de desigualdade social
estão presentes na
educação, então, não
tem como ser neutro"**



Stefanni Cristina
Círculo de Cultura
Q/R/S/T - G6

ÚNICO PARADIGMA?

Thayná Rodrigues




**"Neutralidade é
a aceitação de
uma verdade que nos
impõem mediante um
paradigma que nos é dado
como único possível"**

Thayná Rodrigues
Círculo de Cultura
Q/R/S/T - G6

DIREITO AO CONHECIMENTO

Thaís Rodrigues



"Mostrar a realidade dos fatos e deixar que o aluno construa seu próprio conhecimento não é ser neutro, é dar a ele o direito ao conhecimento"

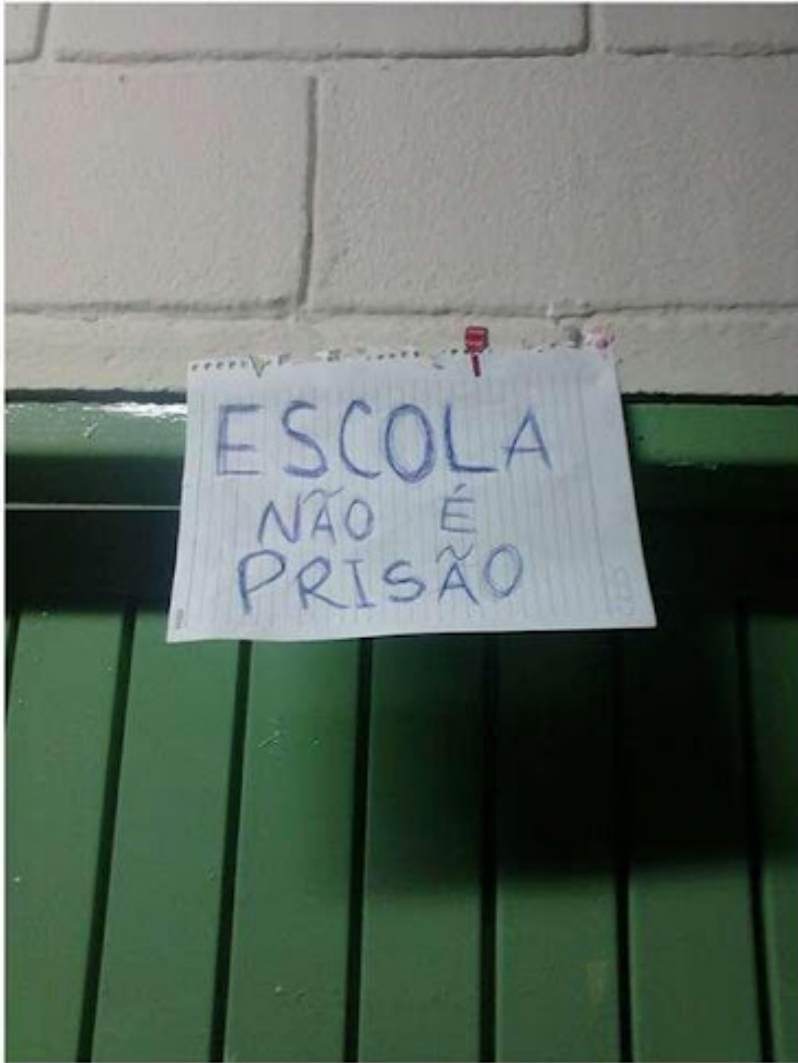
Thaís Rodrigues

Círculo de Cultura

Q/R/S/T - G6

ESCOLA NÃO É PRISÃO

Eder Proença



Carta Pedagógica – Fotografia “Escola não é Prisão” de Eder Proença, a partir de uma intervenção realizada por um aluno na porta da sala de aula em uma manifestação estudantil.

PLANTAÇÕES NA ESCOLA

Eder Proença













Carta Pedagógica – Registros fotográficos das plantações realizadas por Eder Proença durante a pandemia na escola em que trabalha, com o intuito de preparar um ambiente mais acolhedor para receber os alunos após o período de distanciamento social. Eder Proença compartilhou de seu Projeto no Círculo de Cultura do dia 05/05/2021, em que se discutia a aula “O papel da Educação na Transformação Social” transmitida dia 27/04/2021.

NEUTRALIDADE

Sabrina Soares

NINGUÉM QUE SE DIZ NEUTRO

ESTÁ ISENTO DE ESTAR APOIANDO

UM DOS LADOS.

TEU SILÊNCIO TEM

REFLEXO.

AFETA AS

LUTAS DE DIVERSOS

IRMÃOS E INDIVÍDUOS. SE VOCÊ SE CALA

DIREITOS SÃO

ANULADOS. ESTEJA DO LADO CORRETO.

DEFENDA O QUE É HUMANO. DEFENDA A

EXISTÊNCIA E A RESISTÊNCIA DAS MINORIAS!

CAMPO E CIDADE, UNI-VOS!

Mônica Silva



REVOLUÇÃO DE AFETOS

Rhaysa Terezinha Gonzaga

Círculo de Cultura 06/07/2021 - Grupo 6 - QRST
Rhaysa Terezinha Gonzaga



**Ao invés de
brigar com
quem está em
cima, estamos
brigando entre
nós!**

**A gente precisa
de uma
verdadeira
revolução de
afetos. Sair do
assistencialismo
sem consciência.**



AGROECOLOGIA x AGRONEGÓCIO

Sabrina Soares



3

D i s s e r t a ç õ e s

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE ESTREITAMENTO DA DEMOCRACIA: BUSCANDO A PRÁXIS EDUCATIVA EMANCIPATÓRIA A PARTIR DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

José Milson Dos Santos*

O discurso da impossibilidade de mudar o mundo é o discurso de quem, por diferentes razões, aceitou a acomodação, inclusive por lucrar com ela. A acomodação é a expressão da desistência da luta pela mudança. Falta a quem se acomoda, ou em quem se acomoda fraqueja, a capacidade de resistir. É mais fácil a quem deixou de resistir ou a quem sequer foi possível em algum tempo resistir aconchegar-se na mornidão da impossibilidade do que assumir a briga permanente e quase sempre desigual em favor da justiça e da ética

(FREIRE 2000, p. 20)

----- Caríssimo Paulo Freire, em *Pedagogia da Indignação* (2000) você traz uma abordagem epistemológica, a meu ver, do papel do sujeito em estar no mundo. Desse modo, antes de discorrer sobre o que penso a respeito da questão posta, vejo a necessidade de dizer que esta Carta Pedagógica surge das inquietações advindas da quarta aula do “Curso Paulo Freire: o educador do povo”. Este curso é uma ação do Centro de Formação Paulo Freire de Cultura que procura problematizar a realidade brasileira na atualidade.

----- Nesta quarta aula, debatemos o tema “Educação em tempos de bolsonarismo e a atualidade do pensamento de Paulo Freire”. Esteve colaborando a professora Celi Taffarel da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a seguir trarei algumas considerações pautadas na aula, a meu modo de ver. É imprescindível rememorar que nos últimos anos, no limiar dos anos 2000 deparamo-nos com várias pautas insurgidas das reivindicações sociais por mais acesso aos bens simbólicos e materialmente construídos pela humanidade.

*Autor: Pós-graduado em Matemática para o Ensino Fundamental e em Processos Históricos e Inovações Tecnológicas para o Semiárido Brasileiro. Licenciado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos (EJA), ambos cursados na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Ao decorrer dos anos, várias conquistas foram tidas e houve um significativo amadurecimento da democracia. Foi sendo gestado no âmbito da sociedade brasileira experiências exitosas de participação ativa, no entanto, adentramos em um novo ciclo do capital com suas reformulações, assim a investida capitalista contra os trabalhadores do campo e cidade nos faz refletir sobre os grandes desafios, sobretudo, no âmbito do trabalho. O aprofundamento das desigualdades, da concentração de bens, de serviços e da riqueza nas mãos de uma minoria; instaura novos desafios e molda novos padrões de sociedade. --

Há uma setorização, espoliação das forças de trabalho que cada vez mais estão destituídas de seu significado real, ou seja, o trabalho perde seu significado real pois o sujeito já não tem controle de sua própria força motriz. O atrofiamento, as regressões no âmbito da democracia nos fazem querer entender que vivemos em novos tempos marcados por radicalidades, violências, racismos, preconceitos, exploração e expropriação da força de trabalho. Há uma forte divulgação do pensamento odioso nos veículos de comunicação de massa contra as populações marginalizadas que nos fazem compreender a atualidade do que foi colocado por Paulo Freire no seu livro supracitado.

Dessa maneira, qual a relevância de entender as bases da política educacional no período bolsonarista? É crucial lembrar que o capitalismo financeiro é caracterizado pela exploração da classe trabalhadora. Este capitalismo corresponde a ideias da classe dominante, defendidas entre setores dominantes. Constata-se que vivemos em um momento crítico onde o pensamento revolucionário encontra resistências, pensadores marxistas estão na contramão da macropolítica necrófila.

A concepção de educação de Paulo Freire está na contramão da concepção bancária dominante de educação, o que Paulo Freire formula é uma contraproposta de educação que tem as pessoas como centro do ato educativo.

Em Paulo Freire há uma necessidade de que através da ação educativa, os sujeitos imbuídos dos elementos da cultura transformem o seu psíquico em busca de alterar o estado de coisas. Noutro ângulo, estamos presenciando um momento de crise econômica, social, ambiental, cultural, hegemônica e do enfraquecimento e esvaziamento das concepções críticas.

O que mais me inquieta é o fato da burocratização da educação brasileira, do controle ideológico, da montagem dos pacotes tecnológicos, dos ideários tecnicistas na tentativa de aprisionar a escola brasileira. Com isso, a burguesia capitalista visa não só destruir as escolas, mas matar e aprisionar o espírito de luta do povo.

Portanto, quais seriam as características da economia política deste momento da história? Foi pensado um modelo de desenvolvimento para o campo com alicerces no capitalismo industrial e depois no financeiro. Grandes oligarquias, concentração da terra, grilagem das pequenas propriedades familiares, extermínio das populações nativas, destruição das matas, exploração ininterrupta e exaurição dos recursos naturais e dentre outros.

Neste sentido, quais seriam as bases que sustentam e fundamentam a política educacional do pensamento bolsonarista? Sobretudo, discursos advindos de concepções de educação conservadoras como a defesa da família, à revelia à classe pobre, o desprezo com a população LGBTQI+, visões tecnicistas, reprodutivistas, desvalorização da laicidade dos docentes, difusão de discursos extremistas e odiosos com uso dos meios de comunicação e a perseguição de perspectivas educacionais revolucionárias, dentre elas, o pensamento Freiriano.

Com essa compreensão ampla, quais os pilares de um projeto educacional na direção da educação para a emancipação humana? Na teoria histórico-crítica e em Paulo Freire, é condição *Sine Qua Non* a apropriação por parte dos seres humanos, através do alargamento de sua psique, do repertório cultural elaborado ao longo do tempo pela humanidade, eis pois, o papel da educação transformadora que emancipa, critica, humaniza e possibilita uma ação contextualizada, consciente e radical na busca pela superação das estruturas opressoras à classe trabalhadora.

Mas, quais as colaborações de Paulo Freire para o projeto de escolarização, ou melhor, de educação do povo brasileiro? Antes de postular qualquer objetivação, faz-se necessário entender que o esgotamento da teoria pedagógica nos faz pensar sobre quais seriam os pilares da educação para a classe trabalhadora, dentre eles: a consistência teórica, a consciência de classe e a formação política. O aumento da fome, do desemprego, a privatização e a terceirização colocam em xeque que o pensamento das classes dominantes não serve para a libertação da classe trabalhadora. Assim, o pensamento freiriano corrobora à medida que nos faz ter uma ótica teleológica de sociedade.

A obra de Paulo nos leva a entender a importância do processo de humanização pela apropriação dos signos, à busca por transformações radicais das estruturas dominantes, do ato de educar como prática de liberdade que é histórica, cultural e transitiva. Mas, não podemos esquecer, uma outra vertente contributiva de Paulo Freire é o entendimento da conscientização humana onde o sujeito aprende a dizer a sua palavra, assim, em Freire há um exponencial desejo de pensar a existência, a práxis humana e os caminhos que levam a libertação. Cabe aos trabalhadores do campo e da cidade, organizados ou não organizados, postularem suas pautas e buscarem ocupar e transformar os rumos da história social.

Construir espaços de solidificação, alargamento e fortalecimento da democracia, mesmo com todas as críticas que tenhamos a ela, pois a liberdade de opinião é crucial para o amadurecimento das instituições e da ação dos movimentos sociais. Por outro lado, entendemos que a ação libertadora não acontece de forma direcionada à classe trabalhadora, mas é gestada no próprio cerne dos trabalhadores.

Com muita fé e esperanças nos homens e mulheres deste chão!

José Milson dos Santos
Assentamento Novo Salvador Jacaraú PB
19 de maio de 2021

Mas, quais as colaborações de Paulo Freire para o projeto de escolarização, ou melhor, de educação do povo brasileiro? Antes de postular qualquer objetivação, faz-se necessário entender que o esgotamento da teoria pedagógica nos faz pensar sobre quais seriam os pilares da educação para a classe trabalhadora, dentre eles: a consistência teórica, a consciência de classe e a formação política. O aumento da fome, do desemprego, a privatização e a terceirização colocam em xeque que o pensamento das classes dominantes não serve para a libertação da classe trabalhadora. Assim, o pensamento freiriano corrobora à medida que nos faz ter uma ótica teleológica de sociedade.

A obra de Paulo nos leva a entender a importância do processo de humanização pela apropriação dos signos, à busca por transformações radicais das estruturas dominantes, do ato de educar como prática de liberdade que é histórica, cultural e transitiva. Mas, não podemos esquecer, uma outra vertente contributiva de Paulo Freire é o entendimento da conscientização humana onde o sujeito aprende a dizer a sua palavra, assim, em Freire há um exponencial desejo de pensar a existência, a práxis humana e os caminhos que levam a libertação. Cabe aos trabalhadores do campo e da cidade, organizados ou não organizados, postularem suas pautas e buscarem ocupar e transformar os rumos da história social.

Construir espaços de solidificação, alargamento e fortalecimento da democracia, mesmo com todas as críticas que tenhamos a ela, pois a liberdade de opinião é crucial para o amadurecimento das instituições e da ação dos movimentos sociais. Por outro lado, entendemos que a ação libertadora não acontece de forma direcionada à classe trabalhadora, mas é gestada no próprio cerne dos trabalhadores.

Com muita fé e esperanças nos homens e mulheres deste chão!

José Milson dos Santos
Assentamento Novo Salvador Jacaraú PB
19 de maio de 2021

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra. 49ª reimpressão, 2010.

“OLHARES DE UM CABORÉ” QUE INSISTE EM ESPERANÇAR: EM BUSCA DE SONHOS E DA REALIZAÇÃO DA PRÁXIS EDUCATIVA TRANSFORMADORA

José Milson Dos Santos*

Caro Paulo Freire, você em “A importância do ato de ler” disse que

a questão da coerência entre a opção proclamada e a prática é uma das exigências que educadores críticos se fazem a si mesmos. É que sabem muito bem que não é o discurso o que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso (FREIRE 1989, P. 16).

Assim, penso que gostaria e até poderia lhe agradecer o fato de começar esta carta com a imagem do Caboré; pela primeira vez escutei essa expressão de um amigo, professor Aderson Graciano que já era aposentado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e escrevera um livro intitulado “Olhares de um Caboré”. Faço aqui esta homenagem ao querido Aderson, grande mestre no ensino de língua portuguesa, linguística e que nos deixou no ano de 2015.

Me pareceu muito pertinente começar com essa caricatura do Caboré, um bicho estranho, tosco que quase ninguém daria nada por ele, mas atento, adaptativo, resiliente e resistente.

Pois bem, assim queremos dizer aos camaradas do Instituto Paulo Freire de Cultura (IPFC), aos companheiros/as do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e há todos e todas que ousam permanecer firmes em marcha e lutando, nossa maior gratidão em fazer algumas ponderações.

Desse modo, mediatizados pelo sonho de revigorar nossos anseios e esperanças, neste último dia 06 de abril de 2021, deu-se início o Curso Paulo Freire o Educador do Povo.

*Autor: Pós-graduado em Matemática para o Ensino Fundamental e em Processos Históricos e Inovações Tecnológicas para o Semiárido Brasileiro. Licenciado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos (EJA), ambos cursados na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Na aula inaugural, tivemos como tema de debate, “Educação e a organização social” no qual, a professora Allene Lage da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) nos brindou com profundos diálogos.

Há uma necessidade ímpar de aproximação entre o dizer e o fazer na educação, a relevância da atuação do educador numa perspectiva libertadora, a imbricação entre ensinar como ato prático, em uma simbiose entre a teoria e a prática educativa como ato político.

Vimos que a conscientização é essencialmente uma ação histórica posicionada em determinado tempo, ela é refletida a luz dos contextos, analisada é constituída historicamente de forma ativa e inserida nas realidades existentes. Eis a real urgência de esperar, de lutar, de reanimar as utopias, as convicções e de se organizar enquanto classe trabalhadora do campo e da cidade.

A conscientização nos convida a um processo ativo no mundo, trata-se de buscar a unidade dialética entre o pensar e o agir na educação, nos movimentos, nas instituições, no mundo do trabalho. Por isso precisamos reviver as utopias como um ato de reconhecer profundamente as profundas imbricações do pensar e do agir. A utopia procura reconhecer as realidades, mas não de forma contemplativa e sim, agindo ativamente sobre ela de modo a pensar as formas de atuação.

Por isso, precisamos ser resilientes, adaptativos aos contextos de modo consciente, crítico buscando superar as relações opressor e oprimidos. É nesse ínterim que se dá o ato de ler o mundo, as coisas, onde o processo de luta vivifica e nos traz horizontes.

Os Movimentos Sociais do Campo e da Cidade nos trazem luzes de esperanças, nos ensinam que o interagir, o pensar, o agir no mundo, e eticizar nos faz ser homens e mulheres melhores no mundo. É por isso que a práxis educativa do educador e da educadora, consciente e comprometida, é revolucionária. Contudo, há uma real carência de se resgata as ideias dissolvidas no pós-modernismo que impulsionou a liquefação das relações, dos pensamentos, do trabalho, da educação, da cultura, da arte e que escamoteou nocivamente os ideais, tornando tudo muito impreciso e inconsistente.

É a convicção de estar no mundo e não apenas de ser passivo dele, que faz das pessoas sujeitos históricos de transformação, de busca do ser mais, de inserção consciente na busca constante de superação.

Como bem descreve em seu livro *Pedagogia da Indignação*, “a leitura crítica do mundo é um que-fazer pedagógico-político indicotomizável do que-fazer político pedagógico” (FREIRE 2000, P.22). Que esse seja nosso alento, nosso sonhar em busca de sermos cada vez mais esperançosos, sonhadores e cheios de fé na ação transformadora de sujeitos munidos de consciência solidária.

Grande abraço repleto de esperanças!

José Milson dos Santos
Assentamento Novo Salvador, Jacaraú, PB
04 de maio de 2021

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

FREIRE, Paulo, 1921-1997. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

O DESTINO DOS HOMENS E DAS MULHERES É O DE TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO ATRAVÉS DA PRÁXIS AUTÊNTICA E REFLEXIVA DAS REALIDADES MÚLTIPLAS

José Milson Dos Santos

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central, compreender como o pensamento do educador Paulo Freire tem contribuído para pensarmos os fundamentos da educação como ato política. Assim mediante a experiência formativa no Curso “Paulo Freire: o educador do povo” ofertado pelo Instituto Paulo Freire de Cultura e de Formação. Aqui estão algumas reflexões do primeiro módulo do curso que teve início em abril e terminou em maio de 2021, tendo como centro os diálogos sobre a “Política Educacional” e problematizando sobre a atualidade do pensamento freiriano na sociedade do conhecimento.

Trata-se de uma Pesquisa Qualitativa com uso do Caderno de Anotações como instrumento onde registramos os temas das aulas e debates nos Círculos de Cultura. Na metodologia foram feitos a seleção de alguns registros, anotações, sendo relidos e sistematizados neste relato, assim buscamos aporte no pensamento de Paulo Freire para mensurar a relevância da práxis autêntica transformadora. Os resultados aqui refletidos corroboram para pensar uma ação educadora mais embasada, refletida e politicamente comprometida e engajada socialmente nas realidades.

Palavras-Chave: Práxis Transformadora; Epistemologia e Ensino; Sociedade e Libertação.

1. CONTEXTO E INTRODUÇÃO

Caríssimo Paulo Freire, em Pedagogia da Autonomia você menciona que “... a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blabláblá e a prática, ativismo...” (FREIRE 1996, P. 12).

Assim, nesta segunda aula do dia 13 de abril de 2021 do “Curso Paulo Freire o Educador do Povo”, uma iniciativa do Centro Cultura e de Formação que leva seu nome, tivemos como eixo do debate a temática “Educação como prática de liberdade: fundamentos para entendermos a educação como ato político em Paulo Freire”. Desse modo o objetivo central, compreender como o pensamento do educador Paulo Freire tem contribuído para pensarmos os fundamentos da educação como ato política

Buscamos trazer para essa cena, as colaborações construídas pela professora Lisete Arelaro. Portanto, a primeira constatação é a da necessidade de que a educação como ação libertadora, ela acontece com a intervenção dos homens e mulheres no mundo através do trabalho reflexivo, na imbricação entre a teoria e a prática. Em segundo, esse movimento só pode ser verdadeiro se o ato de educar levar em conta o conhecimento dos educandos para a construção de uma aprendizagem significativa.

2. O DIÁLOGO COMO O CENTRO DO PROCESSO EDUCATIVO QUE BUSCA A TRANSFORMAÇÃO DOS SUJEITOS HISTÓRICOS

O processo educativo carece de levar em conta o diálogo como centro e fundamento de sua ação epistemológica do ensino e da aprendizagem. Em Freire, há constantemente um questionamento sobre o papel real da escola, se ela está sendo espaço de libertação ou apenas de privilégios das elites, dos seus signos que na maioria das vezes, servem apenas para manter o status quo da burguesia.

Neste trabalho lançamos mão da Pesquisa Qualitativa com uso do Caderno de Anotações como instrumento onde registramos os temas das aulas e debates nos círculos de cultura. Na metodologia foram feitos a seleção de alguns registros, anotações, sendo relidos e sistematizados neste relato.

Há uma tentativa de retroceder em pautas conquistadas a duras penas, sobretudo da eliminação de conteúdo dos livros didáticos, excluindo temas que são importantes para a humanidade como a questão de gênero, raça, história da escravidão no Brasil, populações LGBTQI+, dentre outros. Numa tentativa de exaurir, esvaziar conceitualmente os temas transversais relevantes à sociedade em geral, dando uma conotação tecnicista e engessada à ação educativa.

Por sua vez, os seres humanos são inconclusos, mas o cotidiano faz entender o mundo e o agir sobre o mundo buscando superar os limites e entrar caminhos. Cada vez mais a humanização encontra dificuldades para sua efetivação, barrada por processos objetivos, a exemplo, a pobreza, a concentração de renda, a fome, a falta de trabalho e outros. Desse modo, apropriar-se da cultura é condição *Sine Qua Non* para a classe trabalhadora, pois há uma tentativa de manter os homens e mulheres na ignorância e alienadas.

O desnudamento das realidades é o que gera uma conscientização humana, crítica, participativa, ativa e cooperativa na busca por transformação do estado de coisas existencial. A educação, nesse interstício, jamais é neutra, ela é essencialmente um ato político.

Porém, Freire defende a necessidade de partir de uma mentalidade ingênua a uma concepção crítica da realidade. A escola enquanto espaço privilegiado, mas não único, pode através dos conteúdos, colaborar para uma visão mais contestadora do mundo. É importante perceber que o processo educativo sempre tem um lado, tem cheiro, tem cor, tempo, espaço e tem classe. Assim, não há neutralidade em educação, ela sempre está a serviço de determinada classe, caso contrário, educar seria apenas manter novamente o fortalecimento do status quo.

E sobre a partidarização da escola, o que diria sobre essa temática um tanto polêmica? Afinal, ela deve ou não ter partido?

Acredito que diria que é claro, a escola não pode ser partidarizada, servindo a uma determinada doutrina, monolítica, singularizada, negadora da diversidade de pensamentos, de múltiplas filosofias e inúmeras pedagogias. No entanto, alertaria para o fato de que a escola “não deve ser, mas pode ser instrumentalizada” a serviço de uma partidarização, calando outras formas de pensar e ver o mundo.

Talvez colocasse que a escola não pode ser ou servir a partido político, mas que a política não deve se ausentar da escola. A política entendida em sua amplidão, enquanto instrumento de ação social, de interferência, de tomada de decisão, de conscientização, de organização da classe trabalhadora em determinado meio de vivência.

Em “Pedagogia: diálogo e conflito”, livro escrito por Gadotti, Freire e Guimarães (1995), estes trazem a cena que a ação educadora é um ato de saber educar, participar e de se comprometer com o mundo e as transformações. Trazem que os homens e as mulheres no ato educativo têm, através da educação, o papel de “reinventar o poder”. Eis que esta é a função social dos seres humanos, dos sujeitos históricos, à busca pela alteração e transformação radical das estruturas dominantes que geram desigualdades.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Paulo Freire nos leva a entender a importância do processo de humanização pela apropriação dos signos, à busca por transformações radicais das estruturas dominantes, do ato de educar como prática de liberdade que é ação histórica, cultural e transitiva. Não podemos esquecer uma outra vertente contributiva de Paulo Freire que é o entendimento da conscientização humana, na qual o sujeito aprende a dizer a sua palavra. Em Freire há um exponencial desejo de pensar a existência, a práxis humana e os caminhos que levam a libertação.

Cabe aos trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade, organizados ou não organizados, postularem suas pautas e buscarem ocupar e transformar os rumos da história social. Nesse processo se apropriar dos saberes acumulados no percurso da construção humana é extremamente relevante para as massas, para a classe trabalhadora alijada e alienada das benesses do seu próprio trabalho.

Construir espaços de solidificação, alargamento e fortalecimento da democracia, mesmo com todas as críticas que tenhamos a ela, pois a liberdade de opinião é crucial para o amadurecimento das instituições e da ação dos movimentos sociais, é fundamental. Por outro lado, entendemos que a ação libertadora não acontece de forma direcionada à classe trabalhadora, mas é gestada no próprio cerne dos trabalhadores.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

GADOTTI, Moacir et. al. *Pedagogia: diálogo e conflito*. 4. ed. – São Paulo: Cortez, 1995.

ALUMIANDO O CONHECIMENTO: A ATUALIDADE DO DISCURSO FREIREANO EM TEMPOS SOMBRIOS

Jailene de Araújo Menezes*

[...] E um vagalume lanterneiro, que riscou um psiu de luz.
(*Sagarana*, João Guimarães Rosa)

Prezados(as) Educadores(as) do Círculo de Cultura Ariano Suassuna, mergulhar na obra de Paulo Freire é como ser acordada por um facho de luz, mesmo atordoada, me sinto livre com a possibilidade de ler o mundo a partir de uma ótica reflexiva. Depois que efetivamente entrei em contato dialético com as obras de Paulo Freire, a leitura transformou-se em diálogo permanente, então o cenário da vida foi alterado, pois onde eu caminhava levava a lamparina do conhecimento e emanava luz para analisar de forma crítica buscando chegar na essência.

Conforme Guimarães Rosa, “quem elegeu a busca, não pode recusar a travessia”; e nessa estrada da Educação tantas vezes me senti perdida num caminho pedagógico tortuoso, apenas repetindo, reproduzindo sem uma perspectiva crítica da realidade. O pensamento de Paulo Freire acerca da Educação e da vida me motivou a continuar na busca, a caminhar numa estrada repleta de reflexão e por muitas vezes, atormentada com tantos questionamentos, conseguia compreender a mensagem de esperança no ato de Educar. A problematização e a solidariedade, enquanto compromisso com a Educação que promove a reflexão, passaram a integrar o meu contexto de contato com o mundo e com as pessoas. Em *Pedagogia da Autonomia* (1996), somos instigados a compreender a “solidariedade enquanto compromisso histórico” e muito mais que um alento, essa perspectiva emana uma conjuntura teórica que estrutura e dinamiza os saberes, portanto é importante problematizar para compreender a realidade, buscar hipóteses e propor soluções.

*Autora: Pós-graduada em Semiótica, Literatura e áreas afins pela Universidade Estadual do Ceará. Graduada em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Federal do Ceará. Professora da Rede Pública Estadual de Ensino do Ceará.

O método da problematização que conforme Saviani (1983), parte de uma ótica sincrética da realidade, perpassa por uma análise teórica que leva à síntese e conseqüentemente, a uma compreensão mais estruturada da realidade inicial.

Nesse processo de compreensão, o desvelamento do real a partir das múltiplas determinações que o circundam, auxilia na percepção da totalidade. Na quarta aula do curso Paulo Freire: Educador do Mundo, denominada “Educação em tempos de Bolsonarismo e a atualidade de Paulo Freire”, a professora Celi Taffarel evidencia que o projeto Educacional para a classe trabalhadora deve estar pautado numa perspectiva de emancipação humana, porém no contexto atual de extremo obscurantismo, nos faz refletir acerca do retrocesso que a nação brasileira está vivenciando em diversos aspectos. Ao citar a obra do artista brasileiro Cândido Portinari, denominada Os retirantes, de 1944, a educadora Celi Taffarel, apresenta um cenário de miséria, de morte, de desespero, de alienação, de estranhamento quanto à condição humana, o que nos leva a atual conjuntura política, social e econômica em nosso país. Refletir sobre as contribuições de Paulo Freire numa época tão sombria, possibilita uma análise crítica acerca dos movimentos históricos e dos pilares da Educação da classe trabalhadora. Nessa perspectiva, é importante realizarmos um movimento dialético de estudo da obra de Paulo Freire, pois não podemos apenas reproduzir um discurso sem o aprofundamento teórico acerca das contribuições de Paulo Freire no processo de emancipação humana da classe trabalhadora. Os círculos de cultura também são momentos decisivos para nos desvencilharmos das amarras da fragmentação e nos movimentarmos para compreendermos a totalidade e as suas múltiplas determinações. Sem essa consciência filosófica dificilmente continuaremos na travessia rumo à essência.

Na obra Ideologia Alemã, publicada em 1932, Karl Marx e Friedrich Engels anunciam a transformação do mundo enquanto necessidade de sobrevivência. Caso não houvesse transformação, permaneceremos na escuridão, no abismo e nas sombras, para sempre presos na caverna.

Nessa perspectiva temos que partir da realidade, devemos ter portanto uma visão intencional e a partir de um de um projeto histórico estruturado podemos anunciar uma práxis norteada pela emancipação social. Porém, não podemos ter uma consciência ingênua, pois transformar o mundo requer mudar o sistema que nos aprisiona, aliena e poda as nossas conquistas rumo ao Reino da Liberdade. Conforme István Mészáros, na obra *A educação para além do Capital* (2005), devemos fazer parte de um projeto de ruptura dessa concepção de mundo baseada na sociedade mercantil, portanto a classe trabalhadora deve ter acesso à práticas educacionais comprometidas com a transformação do atual modelo hegemônico que assola a humanidade com as propostas fetichistas de um mercado predatório cada vez mais robusto com a perpetuação do domínio do capital.

Compreender a Educação pelo viés da práxis libertadora possibilita uma travessia em que o agente político vai se transformando e sendo transformado num processo histórico pautado pelas múltiplas determinações. Sendo assim, possibilitar uma formação integral que desestruture um ciclo de demandas capitalistas, em prol de uma perspectiva emancipadora requer uma análise crítica, libertadora e autônoma que possibilite a classe trabalhadora uma atuação política pautada na luta por uma educação transformadora capaz de desalienar, de decifrar, de compreender os códigos que regem o catastrófico metabolismo social do capital. Ao atingir a essência, os dirigidos poderão tornar-se dirigentes pois não serão mais devorados pela esfinge.

A leitura do mundo, a compreensão das forças produtivas que movimentam a sociedade foram decifradas, portanto a esfinge de Tebas será devorada pela necessidade de uma vontade coletiva de iluminar e de transformar o mundo. Respeitando os saberes coletivos e as contribuições individuais, oprimidos não serão opressores, pois caminharão rumo ao itinerário da resistência, assim como nos ensinou Rosimara, no emocionante depoimento acerca da possibilidade transformadora da Educação na vida humilde de uma mulher forte, trabalhadora e corajosa. A sabedoria dessa mulher evidenciou a necessidade de estarmos juntos, fortes, e engajados na luta por uma Educação voltada para a emancipação social da classe trabalhadora.

Nessa perspectiva, nos alerta Leandro Leher, professor convidado para tratar do tema “O papel da educação na transformação social”, na terceira aula do curso que integrado à narrativa de luta de Rosimara, possibilitou a compreensão do desvelamento de uma realidade que massacra, humilha e a aprisiona os oprimidos em um círculo vicioso retroalimentado pelos ditames do Capital. Na percepção de Leandro Leher, precisamos além de identificar o massacre social, nos sentirmos efetivamente irmanados enquanto classe e nos reconhecermos enquanto potência transformadora. A excelente experiência da educação popular da Jornada de Alfabetização “Sim, Eu Posso!” do Movimento Sem Terra do Maranhão, a partir da narrativa da educadora Gilvânia Ferreira, evidencia um processo de desconstrução daqueles que se reconheciam apenas como oprimidos e jamais como dirigentes, portanto durante a jornada o afeto também se configurou como compromisso social para agregar e fortalecer a comunidade de trabalhadores que juntos foram analisando o contexto social, político e econômico no qual estavam inseridos e também desenvolvendo a criticidade em torno de temas necessários para compreensão das múltiplas determinações sociais.

Na segunda aula do curso Paulo Freire Educador do Povo, cujo tema era “Educação e sociedade: fundamentos para entendermos a educação como ato político em Paulo Freire”, a professora Lisete Arelaro refletiu acerca do nosso destino de transformar o mundo, exaltando a nossa força enquanto seres inconclusos que necessitam aprender durante todo o ciclo da vida. A educação a partir do cotidiano, considerando a realidade concreta, direciona uma práxis transformadora voltada para a permanência do processo de humanização, portanto evidenciar o ato político é a sobrevivência da classe trabalhadora, pois compreendendo a sua potência enquanto classe, conforme enfatizou Leandro Leher, homens e mulheres vislumbram uma consciência filosófica que direciona para a emancipação social. Segundo Lisete Arelaro, a pandemia nos coloca frente à naturalização da morte e da miséria, assim como revelado na obra de Cândido Portinari, intitulada Os retirantes; pois seguimos marchando e visualizando metade da população brasileira sem segurança alimentar. A professora também evidencia a força do diálogo enquanto teoria epistemológica que não apenas agrega, mas promove em cada relação dialógica um ato político em favor da vida.

Na primeira aula do curso, denominada “Educação e a Organização Social”, a docente Allene Lage, além do destaque dado a vida e obra de Paulo Freire, revela a potência do método de alfabetização de Paulo Freire a partir do despertar de uma nova consciência que identifica no contexto, na vivência dos aprendentes, o gérmen do processo de compreensão e conexão com a realidade concreta. Dentre as várias obras de Paulo Freire, Allene Lage, cita a potência do diálogo na obra *Pedagogia do Oprimido* (1996) como necessária ao processo ensino-aprendizagem, possibilitando assim uma educação libertadora capaz de promover a emancipação social da classe trabalhadora. Nessa perspectiva, homens e mulheres devem permanecer lutando e marcando presença numa sociedade que teima em apagar a sua relevância sociopolítica.

Da quarta aula à primeira, o círculo continua aberto dando espaço para continuarmos a travessia, sabendo que não estamos prontos, pois como alerta Guimarães Rosa, na obra *Grande Sertão: veredas* (2006), “o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando”. Cientes de que somos seres inconclusos, sigamos fortalecidos e esperançosos na luta por uma Educação voltada para conscientização e testemunho de vida de uma classe trabalhadora que luta “por uma transformação radical do atual modelo econômico e político hegemônico”.

Fortaleza, Ceará
22 de maio de 2021

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Coleção Biblioteca do Estudante. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo: Cortez/Associados, 1983.

NEUTRALIDADE NA EDUCAÇÃO? CARTA PEDAGÓGICA 01

Nadja Ferreira

Esta carta está dirigida especialmente aos/às educadores/as, mas pode ser lida por todas as pessoas que se interessam pela Educação. Seu objetivo é responder ao questionamento sobre a possibilidade de haver neutralidade em Educação e em que aspectos aconteceria.

A palavra Educação significa em seu sentido mais amplo a forma como os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte. Sendo assim é uma ação intencional, que carrega em seu bojo os valores, princípios e formas de ver o mundo de um determinado grupo social. A partir desta definição fica claro que não há isenção – que é um dos significados da palavra neutralidade – neste ato, o Ato de Educar.

Freire advertiu (1996, p. 50):

Creio que nunca precisou o professor progressista estar tão advertido quanto hoje em face da esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação. Desse ponto de vista, que é reacionário, o espaço pedagógico, neutro por excelência, é aquele em que se treinam os alunos para práticas apolíticas, como se a maneira humana de estar no mundo fosse ou pudesse ser uma maneira neutra.

Nossa maneira de estar no mundo exige a todo momento um posicionamento, que envolve nossa capacidade de analisar, comparar, avaliar, propor, romper com ideias a partir de novos conhecimentos.

Freire aprofunda este pensamento ao destacar: “Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão mas um sujeito de opções” (1996, p.50-51).

Esta presença política exige de cada um de nós e especialmente dos/das professores/as que se alinham ao pensamento progressista uma profunda atenção às ações político-ideológicas de um grupo fascista que, infelizmente, está a frente de vários governos no mundo, inclusive no Brasil, que prega uma escola sem partido, como se o trabalho docente pudesse ter como intenção alienar os/as educandos/as da realidade sócio-histórico-política que atravessamos enquanto sociedade capitalista, que apenas visa o lucro e a lógica do mercado, que pensa uma educação produtivista, de preparação para um trabalho que não existe mais.

Não há possibilidade de neutralidade, pois isso significaria convivência com ações desumanizadoras, que longe de legitimar os sujeitos e empoderá-los por um processo de Educação crítico e realista, lhes retiraria a dignidade, o direito de escolha, a possibilidade de sonhar.

Termino esta carta conclamando a todos e a todas, professores/as mais progressistas e aqueles/as que não o são, por virem de um processo formativo que os impede de perceber a manipulação do poder instituído, a estudarem os escritos de Paulo Freire com cuidado, relacionando suas palavras a tudo o que estamos vivendo pelo menos nos últimos 5 anos e percebam que só com uma educação libertadora poderemos ter um país em que se viva com dignidade e independência.

Somente assumindo uma postura dialogal, de ouvir o outro com respeito e também de fazer com que nos ouçam, poderemos ampliar o número de pessoas que assumem uma consciência crítica.

Rio de Janeiro, 02 de maio de 2021

REFERÊNCIA

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

EDUCAÇÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

CARTA PEDAGÓGICA 02

Nadja Ferreira

Esta 2ª carta não se dirige apenas aos/às educadores/as, mas a todas as pessoas preocupadas com o papel da Educação na transformação social. Seu objetivo é pensar estratégias pedagógicas para transformar o senso comum atual carregado de consciência intransitiva e de transitividade ingênua em um senso crítico que leve os sujeitos a perceberem a forma como estão sendo no mundo, ou seja de que modo estão agindo para transformá-lo.

A educação que atende à esta perspectiva não é a bancária, que visa o acúmulo de conteúdos de forma acrítica e enfatiza, direta ou indiretamente, a percepção fatalista da situação vivida por homens e mulheres (FREIRE, 1987), mas a educação problematizadora, que propõe esta situação como problema ou seja “propõe a eles sua situação como incidência de seu ato cognoscente, através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua”(1987, p.43). Freire destaca:

Desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se “apropriam” dela como realidade histórica, por isto mesmo, capaz de ser transformada por eles. O fatalismo cede, então, seu lugar ao ímpeto de transformação e de busca, de que os homens se sentem sujeitos. (1987, p. 43)

Vivemos em um período que em muito se assemelha ao que ocorria entre os anos 1960 até meados dos anos 1980, não só no Brasil como em outros países do mundo. Uma fase de transição política e econômico-social, na qual a historicidade é ignorada e os sujeitos não procuram entender o hoje como decorrência de ações passadas, mas parecem estar acomodados às situações como se fossem impotentes e estas fossem previamente determinadas, portanto imutáveis. Enquanto isso a elite assume a narrativa da realidade como sendo algo posto para o outro e trava um discurso assistencialista, de superioridade, como se fosse a classe pensante e produtiva, apenas por deter o capital.

Aliados à esta elite estão os que comandam os meios midiáticos e disseminam “verdades”, amparadas em explicações pseudocientíficas, inquestionáveis, que não passam de mitos, mas são apresentadas de tal forma que induz à existência de uma consciência única, com o único objetivo de levar à ausência de questionamentos.

O assentimento servil ao que é dito, é uma forma transitiva de consciência, a consciência transitiva ingênua. Para Freire “esta condição de disponibilidade sem objetivos autônomos claros, é, em verdade, a matéria-prima da manipulação elitária” (1967, p.24). Inibe a relação de cada homem/cada mulher com a realidade, suprime a visibilidade dos atos de criação, recriação e decisão, com as quais o mundo se dinamiza e o processo de humanização. Esta interpretação da realidade por uma elite, que lucra de todas as formas possíveis e investe na massificação dos sujeitos, objetificando-os, coisificando-os, forçando-os a conformar sua conduta à expectativa alheia leva à perda de sonhos.

Sair desta consciência transitiva, preponderantemente ingênua, para a transitividade crítica, não é tarefa solitária. Só se alcança de forma coletiva, não gregária – no sentido de agrupar seguidores –, mas com a formação de grupos com seres pensantes, preocupados com a construção de práticas libertadoras, que envolvam o respeito ao outro, e a agregação de conhecimentos comuns.

A transitividade crítica por outro lado, a que chegaríamos com uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Pela substituição de explicações mágicas por princípios causais. Por procurar testar os “achados” e se dispor sempre a revisões. Por despir-se ao máximo de preconceitos na análise dos problemas e, na sua apreensão, esforçar-se por evitar deformações. Por negar a transferência da responsabilidade. Pela recusa a posições quietistas. Por segurança na argumentação. Pela prática do diálogo e não da polêmica. Pela receptividade ao novo, não apenas porque novo e pela não- recusa ao velho, só porque velho, mas pela aceitação de ambos, enquanto válidos. Por se inclinar sempre a arguições (FREIRE, 1987, p.67)

Entendo, como Freire, haver necessidade de uma verdadeira educação, dialógica, contestadora da realidade, que leve à emersão dos sonhos e à percepção de que estes são passíveis de realização, que destaque que todos os saberes são importantes e que a transformação do mundo em socialmente viável, depende de cada um/ cada uma de nós – seres no mundo – , cuja existência só tem sentido quando se investe na transformação, na percepção da necessidade do outro e em sua legitimação como legítimo outro na convivência, pois sem convivência não há socialização (MATURANA, 2009 , p.22).

Finalizando esta carta conclamo a todos e todas a não terem medo, a reconstruirmos o mundo, pois ele é construído por nós, a exercermos nosso papel político na sociedade. Precisamos estudar e nos importarmos com tudo o que acontece, entendendo suas causas, suas consequências e buscando soluções. Para quem é professor ou professora, exerça seu papel de forma digna, respeitosa, sentindo-se importante no processo e responsável pela formação de sujeitos reflexivos, críticos e focados na realidade.

Rio de Janeiro, 13 de maio de 2021

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1967. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

OS PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA FREIREANA

CARTA PEDAGÓGICA 03

Nadja Ferreira

Esta carta busca refletir sobre três questionamentos determinados como sendo básicos em nossa última aula, (1) “Sob que base filosófica e epistemológica estamos construindo a teoria pedagógica?”, (2) Quais os elementos fundamentais que devem basear a formação de um educador consciente e crítico, capaz de intervir eficazmente na educação, visando à transformação da sociedade brasileira?” (Saviani, 2005, p. 25) e (3) Quais as contribuições de Paulo Freire na construção da teoria pedagógica?

Entendo que embora tenhamos na educação brasileira a influência de vários teóricos, ainda não se pode dizer que haja uma teoria que oriente a prática pedagógica de professores e professoras e uma filosofia da educação que defina modos de pensar e agir. Temos dentre os teóricos, que pensaram e propuseram uma pedagogia brasileira, os pensadores Dermeval Saviani e Paulo Freire.

Saviani (2021) apresenta uma visão teórico-crítica da educação e propõe uma pedagogia cujos pressupostos são os da concepção dialética da história, que compreende a educação escolar como se apresenta no presente, entendida essa manifestação presente como resultado de um longo processo de transformação histórica, ou seja, a forma como o ser humano produz a sua existência no tempo (p.125-127).

Percebe-se haver uma aproximação nas ideias de Freire e Saviani sobre o desenvolvimento histórico, no sentido de significar a ação que o ser humano exerce sobre a natureza, construindo o mundo da cultura e na compreensão de que educação é trabalho. Esta construção precisa ser crítica.

Para Freire (1996, p.30):

“Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível”.

E, em relação às três perguntas, mais que encontrar respostas devo me reportar a Freire (1998, p.23) em seu livro *Por uma Pedagogia da Pergunta*, quando destaca:

“A curiosidade do estudante às vezes pode abalar a certeza do professor. Por isso é que, ao limitar a curiosidade do aluno, a sua expressividade, o professor autoritário limita a sua também. Muitas vezes, por outro lado, a pergunta que o aluno, livre para fazê-la, faz sobre um tema, pode colocar ao professor um ângulo diferente, do qual lhe será possível aprofundar mais tarde uma reflexão mais crítica”.

O professor, neste caso, tem a preocupação de promover o diálogo, possibilitar a mútua reflexão professor-educando, sem ser aquele que precisa ter todas as respostas. Em um mundo que se acredita estar sendo construído e reconstruído por aqueles que o habitam e, tratando especificamente do processo de transformação da sociedade brasileira é preciso pensar em uma educação que inclua todos e todas, voltada para a realidade histórica e que tenha no diálogo e no rigor metodológico a base para sua consecução.

Termino esta carta, que dirijo aos que se preocupam com a educação neste país, com a ideia de que precisamos estudar mais e muito, procurar compreender nossa realidade e seus porquês e investir em uma educação que traga em seu bojo os princípios da pedagogia freireana.

Rio de Janeiro, 25 de maio de 2021

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica*. Primeiras Aproximações. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2021.ePub.

O CURRÍCULO COMO ESPAÇO DE DISPUTA DE CLASSE E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E A EXPERIÊNCIA APRESENTADA

CARTA PEDAGÓGICA 04

Nadja Ferreira

Esta carta busca refletir sobre como, tendo em vista o avanço do capitalismo em territórios diversos provocando um processo profundo de alienação das pessoas sobre suas reais condições de vida, seria possível, que seja construída pela classe trabalhadora, uma organização curricular que dê conta de atender aos desafios colocados para os/as trabalhadores/as brasileiros/as em contradições profundas, em que se concretize o diálogo entre o conhecimento científico e os saberes populares na perspectiva da emancipação humana.

Considero importante perceber que a construção desta organização curricular não é uma tarefa que se realize sem diálogo coletivo, em especial no momento que vivenciamos de hipervalorização do Capital, de desvalorização dos saberes científicos e apagamento dos saberes tradicionais. Freire (2005, p.96) alerta:

[...] que esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação.

No contexto atual, a exploração do trabalho do outro se sobrepuja ao conceito de bem estar social, daquele que atinja a todos e todas, indistintamente. Ter é muito mais valorizado que Ser e como o conhecimento é libertador, universalizá-lo significa, para as classes dominantes, ter seu poder diminuído.

Deste modo, é absolutamente necessário investir em uma Educação para a classe trabalhadora que tenha o sentido de fazer com que os sujeitos se sintam livres, a partir do conhecimento. Em Pedagogia da Autonomia, Freire (1996, p.30) destaca:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Isto significa que, para que as chamadas classes populares, se empoderem há necessidade que não lhes seja negado o conhecimento científico a que as classes mais favorecidas têm acesso sem qualquer luta. Mais uma vez recorro a Freire (1996, p. 102):

É reacionária a afirmação segundo a qual o que interessa aos operários é alcançar o máximo de sua eficácia técnica e não perder tempo com debates "ideológicos" que a nada levam. O operário precisa inventar, a partir do próprio trabalho, a sua cidadania que não se constrói apenas com sua eficácia técnica mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar a outra menos injusta e mais humana.

Finalizando esta carta, defendo a ideia de que os sujeitos – quando trabalhadores – só se libertam efetivamente através da Educação, de uma educação que lhes garanta o pleno acesso ao conhecimento científico, às atualizações tecnológicas e que não descarte os saberes tradicionais que trazem em suas histórias de vida. Sendo assim deve ser uma educação dialogal, na qual o professor tenha como foco o educando/a educanda real ,que acredite em seu potencial de aprendizagem e que os conteúdos a serem apreendidos de forma problematizadora, para que se percebam como seres no mundo.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

EDUCAÇÃO, AGROECOLOGIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

CARTA PEDAGÓGICA 05

Nadja Ferreira

Esta carta está dirigida não apenas aos educadores e educadoras, mas às pessoas que – neste momento extremamente complicado de ameaça à perda de direitos devido ao fascismo de um governo que, embora eleito democraticamente optou por ignorar as necessidades do povo brasileiro e os princípios constitucionais –, também se preocupam com a perspectiva da fome e como esta deve ser um dos princípios analíticos para que se pense em desenvolvimento de um país.

Não há transformação econômico-social possível sem que se perceba a importância da agroecologia, não na perspectiva materialista do capitalismo – o agronegócio – mas como um sistema complexo que interfere na produção e na forma como os povos se organizam e podem vir a se empoderar ao perceberem a importância de suas ações de trabalho como forma adequada de ação e de sobrevivência no planeta. Esta forma de pensar e agir se relaciona ao conceito antropológico de cultura e a sua relação com o mundo da natureza, defendido por Paulo -- Freire (2001):

A distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura. O papel ativo do homem em sua e com sua realidade. O sentido de mediação que tem a natureza para as relações e comunicação dos homens. A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições “doadas” (p. 116-117).

- Em uma perspectiva histórico-cultural Freire (2001) destaca:

Na verdade, já é quase um lugar comum afirmar-se que a posição normal do homem no mundo, visto como não está apenas nele, mas com ele, não se esgota em mera passividade. Não se reduzindo tão somente a uma das dimensões de que participa – natural e a cultural – da primeira, pelo seu aspecto biológico, da segunda, pelo seu poder criador, o homem pode ser eminentemente interferidor. Sua ingerência, senão quando destorcida e acidentalmente, não lhe permite ser um simples espectador, a quem não fosse lícito interferir sobre a realidade para modificá-la. Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura (p. 49).

É importante refletir que a metodologia utilizada pelos trabalhadores do campo no campo não é apenas uma mera repetição de procedimentos mecânicos, ela envolve além do plantio cuidadoso, conhecimentos específicos que envolvem o estudo do espaço, a valorização do cuidado consigo e com o outro (humanização). Também precisam aprender a acessar procedimentos técnicos e tecnologias, não com a intenção de substituir ou desqualificar seus saberes, mas no sentido de ampliação destes conhecimentos.

Se é indispensável que os camponeses adotem novos procedimentos técnicos para o aumento da produção, então não há outra coisa a fazer senão “estender” a eles as técnicas dos especialistas, com as quais se pretende substituir seus procedimentos empíricos. Desta forma, se esquece de que as técnicas, o saber científico, assim como o procedimento empírico dos camponeses se encontram condicionados histórico e culturalmente. Neste sentido são manifestações culturais tanto as técnicas dos especialistas quanto o comportamento empírico dos camponeses. Subestimar a capacidade criadora e recriadora dos camponeses, desprezar seus

conhecimentos, não importa o nível em que se achem tentar “enchê-los” com o que aos técnicos, lhes parece certo, são expressões, em última análise, da ideologia dominante (FREIRE, 1981, p. 27).

Educadores e educadoras que se propõem a trabalhar em uma perspectiva freireana procuram problematizar situações do cotidiano de seus educandos e educandas e partem dos conhecimentos acumulados por estes no sentido de torná-los produtores de seu processo de conhecimento. Sua prática pedagógica sempre aponta para uma reflexão crítica, em uma prática libertadora das amarras de um fazer baseado na repetição e que não se preocupa com as perguntas. Em uma educação voltada para o aprendizado compartilhado entre homens e mulheres do campo haverá professores e professoras comprometidos/as com a educação de qualidade das classes populares. São educadores/as que militam para a implantação de uma prática revolucionária que comunga com o pensamento de Freire (2001): “O aprendizado da escrita e da leitura como uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita. O homem, afinal, no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto” (p. 117).

Rio de Janeiro, 13 de agosto de 2021

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

EDUCAÇÃO E CIÊNCIA NA TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

CARTA PEDAGÓGICA 06

Nadja Ferreira

Esta é a última carta pedagógica escrita a partir da linda provocação criada pelos coordenadores do Curso Paulo Freire, Educador do Povo. O tema central é muito caro a qualquer cidadão ou cidadã, educador/educadora, neste momento de negacionismo que tem afetado o mundo de forma global e, no Brasil é amplificado pelo descaso do governo fascista em relação à valorização da Ciência como meio de enfrentar a pandemia de Covid-19, o que tem provocado como consequência desastrosa a perda de inúmeras preciosas vidas.

Mais do que nunca é importante possibilitar à classe popular – trabalhadores/as e seus/suas filhos/as –, uma Educação crítica, libertadora, que traga a ciência como promotora da justiça e equidade, plenamente compartilhada, deflagradora de uma outra sociedade, onde o respeito, o amor, a solidariedade e a partilha sejam valores inegociáveis.

O conhecimento voltado para a construção do sujeito crítico-político é libertador, fruto de uma Educação e Ciência a ser apresentada aos aprendentes de forma problematizadora, onde as perguntas são mais importantes que as respostas pré-determinadas da educação bancária:

Para a educação problematizadora, enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está, em que os homens submetidos à dominação, lutem por sua emancipação. Por isto é esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo (p.86).

Compreendo que a Educação transformadora que pode vir a ser uma experiência de libertação é aquela em que além de fazer o sujeito criticar a realidade, permita-lhe que ao desvelá-la se sinta motivado a engajar-se politicamente na luta pela transformação das condições concretas em que ocorre a opressão (FREIRE,1997).

Encerrando esta carta não poderia deixar de agradecer pela existência de Paulo Freire, por sua vida voltada à luta pelo conhecimento emancipador das classes populares, por nos ensinar como respeitar ao Outro e a seus saberes, por nos permitir Esperançar!

Paulo Freire vive!

Rio de Janeiro, 18 de agosto de 2021.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

É POSSÍVEL A NEUTRALIDADE NA EDUCAÇÃO? EM QUE SITUAÇÕES?

Luciana Ribeiro P. Soares*

Historicamente todos os processos educativos procedem de uma intencionalidade. As ideias que vêm sendo difundidas atualmente no Brasil em defesa da neutralidade na educação escolar, constituem-se na verdade, em uma tentativa de silenciamento dos movimentos populares e de educadores que defendem uma educação escolar para as classes trabalhadoras fundamentada na perspectiva de emancipação. O questionamento norteador dos debates e das ações em torno da educação escolar na sociedade brasileira, deveria partir da seguinte questão: a neutralidade defendida no atual cenário serve aos interesses de qual grupo social? Basta atentar-se à realidade histórica e socioeconômica do país para chegar a uma conclusão.

Para Marx e Engels (2009, p.67), “As ideias da classe dominante, são em toda época, as ideias dominantes.” Esse apontamento deixa claro o motivo pelo qual constantemente a neutralidade vem sendo apresentada como questão fundante no contexto educacional brasileiro. -

Nessa situação, a neutralidade está direcionada especificamente à manutenção das ideias dominantes que restringem de forma velada ou violenta contra todas as iniciativas que vislumbram sobre as possibilidades de transformação social.

Freire (2019, p. 44),

usando todas as armas contra qualquer tentativa de esclarecimento das consciências, vista sempre como séria ameaça a seus privilégios. É bem verdade que, ao fazerem isto, ontem, hoje e amanhã, ali ou em qualquer parte, estas forças distorcem sempre a realidade e insistem em aparecer como defensoras do Homem, de sua dignidade, de sua liberdade, apontando os esforços de verdadeira libertação como “perigosa subversão”, como “massificação”, como “lavagem cerebral”.

*A autora é Professora de História da Educação Básica em Presidente Médici, Rondônia.

A classe dominante representada por aqueles que detêm o poder material, os meios de controle que propagam suas ideias e a subserviência do Estado, temem que a classe trabalhadora compreenda de maneira crítica a realidade concreta ao qual está inserida. Pois o despertar das classes populares fortalece as ações coletivas na busca por mudanças estruturais na sociedade.

Nos últimos anos a memória de Paulo Freire, o patrono da educação brasileira, os movimentos populares e os educadores que apresentam à sociedade ideias que constituem como gérmen para o desenvolvimento de indivíduos capazes lerem o mundo a partir de uma perspectiva humanizadora, têm sido alvos de ataques sistematizados pela classe dominante. No entanto, Paulo Freire provoca uma inquietação não somente àqueles que veem suas ideias como ameaça. Em cada educador popular militante que compreende o seu legado, elas renascem como um imperativo para a organização de ações coletivas, que viabilizem a socialização e a apropriação dos conhecimentos científicos pela classe trabalhadora. Integrados à realidade concreta dos indivíduos singulares e sociais, esses conhecimentos são transformados em armas para a libertação da classe trabalhadora. Os educadores que se reconhecem como parte da classe trabalhadora, compreendem que o discurso da neutralidade na verdade encobre e reforça os padrões existentes de exploração ambiental, de classe, de gênero e de raça, ou seja, esse discurso pretensamente neutro na verdade tem um lado. Por isso, é necessário um posicionamento crítico sobre a realidade, e que não é possível agir de forma neutra.

usando todas as armas contra qualquer tentativa de esclarecimento das consciências, vista sempre como séria ameaça a seus privilégios. É bem verdade que, ao fazerem isto, ontem, hoje e amanhã, ali ou em qualquer parte, estas forças distorcem sempre a realidade e insistem em aparecer como defensoras do Homem, de sua dignidade, de sua liberdade, apontando os esforços de verdadeira libertação como “perigosa subversão”, como “massificação”, como “lavagem cerebral”.

não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. O que quero dizer é que a educação nem é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, porque assim eu queira, nem tampouco é a perpetuação do "status quo" porque o dominante o decreta (FREIRE, 2019, p. 57-58).

Paulo Freire, com todo o seu aporte intelectual, não limitou suas ações ao campo teórico, fez de suas ideias a sua práxis na busca pela transformação, de modo que os indivíduos que estavam à margem da sociedade compreendessem que a realidade a qual estavam inseridos não deveria ser concebida como determinação natural. Para os educadores atuais que acreditam na possibilidade de construção de uma sociedade diferente dessa que está imposta pelo capitalismo, a tarefa é resistir e fortalecer ações em conjunto com a classe trabalhadora contra todos os retrocessos que vêm ocorrendo. E combater de forma incisiva os ataques à memória de Paulo Freire, é um dever ético.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra 1987.

ISTVÁN, Mészáros. A Educação Para Além do Capital- 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. A Ideologia Alemã. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

4

ensaios

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: FUNDAMENTOS PARA ENTENDERMOS A EDUCAÇÃO COMO ATO POLÍTICO EM PAULO FREIRE.

Geovan Aguiar Teles de Assis

A palestra da professora Lisete Arelaro foi muito inspiradora, ouvir suas considerações foi como se mais um pouco da venda saísse da frente de meus olhos e a visão se tornasse ainda mais clara. Já de início me senti representado quando falou que o que nos educa é nosso cotidiano. Taí uma coisa que acredito, e é bem por isso que somos essa complexidade de indivíduos que enxergam o mundo e o constroem a partir da interação coletiva de suas vivências. Porque são essas vivências construídas através de nossas interações com a terra, as plantas os animais, os seres humanos e tudo mais que nos permeia, em conjunto com o caminho que trilhamos que nos constrói. As experiências vividas que nos permitem aprender, e justamente por vivenciarmos esse mundo a partir de óticas tão individuais que a prática do diálogo se constitui em experiência de troca e construção coletiva.

Uma coisa que me intriga é como, enquanto humanidade, podemos viver em tamanho conformismo em uma realidade em que as pessoas estão morrendo de fome? Em que dizimamos imensa quantidade de povos, onde alguns poucos acumulam infinitamente enquanto tantos outros padecem, onde escravizamos gente, bicho, plantas e a terra em prol da ganância de poder de alguns adoecidos que não se importam com nada além de seus números. Como podemos viver tão conformados com isso? Como isso não nos revolta? Como é possível batermos palmas para quando mais uma dessas pessoas doentias quebra mais um recorde de acumulação? Essa conta nunca fechou. Por isso é fundamental conhecer a engrenagem que sustenta o capitalismo e o capitalista. É sabido que o capital lhes confere poder, mas é o trabalho que lhes oferta capital, e não o deles próprios, mas sim a expropriação do trabalho alheio.

Portanto, de uma forma indireta o trabalhador lhes proporciona poder, e ao proporcionar poder identifica-se que o poder pertence ao trabalhador, ao povo e dele emana.

É fundamental conhecer essa estrutura de dominação, essa máquina de moer pobre, para combatê-la. Pois ninguém luta contra forças que não entende. O capitalismo nos coloca uma espécie de véu que nos impede de vermos a realidade com clareza e nos envolve tão forçadamente em sua trama de mentira e violência que por vezes vangloriamos nossos algozes e combatemos nossos pares. Essa é a estratégia dos capitalistas, dividir pra vencer. Eles nos exploram, matam nossos irmãos dia após dia e ainda esperam que nós agradeçamos por estarmos empregados enquanto tantos não estão. Isso é de uma crueldade tão covarde que dá nojo. Nós não vamos agradecer!

Esse sistema de exclusão e suas formas de expropriação impõem amarras às transformações necessárias, assim é fundamental conhecer e combater a ideologia dominante e nos enxergarmos como sujeitos de nossos destinos e quando Paulo Freire nos diz que “O mundo não é, o mundo está sendo” nos é apresentada como possibilidade a utopia de que não precisa ser assim. Pode ser mais justo, pode considerar todo mundo, pode ser pra todo mundo. Para isso é necessário que nos enxerguemos como sujeitos de nossa história e da história do mundo, foram nossos antepassados que construíram a história que conhecemos e é nossa responsabilidade construirmos a realidade que queremos deixar para as próximas gerações, nós não podemos nos manter alheios a essa tarefa.

Cabe a nós a responsabilidade de destruirmos esse sistema predatório e construir no lugar dele um outro onde nenhum ser vai ser preterido nas decisões ou explorado. Dá pra construir. E sabe por quê? Porque a gente quer, porque é justo, e porque é certo. E nessa construção todo mundo pode contribuir, todo mundo vai contribuir.

O nosso conformismo com essa realidade que nos é hostil tem relação direta com a pedagogia dominante que nos prepara e enfileira para o abatedouro. Esse sistema não nos beneficia e mesmo que tenhamos algum benefício dentro desse sistema ele ainda sim não serve, e não serve pelo simples fato de não ser pra todo mundo, por se construir na exclusão.

que todos estamos aprendendo, mas dada a urgência do tempo e a realidade catastrófica que estamos construindo não temos tempo a perder, cada um de nós, que conseguimos, nem que seja parcialmente, nos desvencilharmos do véu que esse sistema nos impõe, temos que nos colocarmos em oposição radical a esse sistema de opressão.

Ao enfrentarmos a dominância dos dominadores e nos colocarmos em oposição radical a todo tipo de opressão reafirmamos nosso posicionamento crítico e contrapomos a ideia de neutralidade que nada mais é que ferramenta de dominação, pois toda neutralidade afirmada é um posicionamento escondido e esse posicionamento comumente encontra-se em consonância com as estruturas de dominação. O aprendizado é constante nunca finda, todos estamos aprendemos, todos temos o direito de aprender, não se é melhor por saber algo, todo mundo tem algo a aprender com todo mundo. A observação crítica e atenta é ferramenta, em conjunto como o diálogo, do processo de aprendizagem, pois cada um experiencia esse mundo conforme suas trajetórias e construímos o todo por meio das interações dessas trajetórias, só que tem que ser pra todo mundo, todo mundo mesmo.

A FORÇA DA ALIENAÇÃO E A AUTO ESTIMA

Carolina Baggio Alcântara

O círculo de cultura sobre a segunda aula me fez refletir sobre a força da alienação e como ela se alimenta da nossa baixa auto estima. Como disse Milton Santos, importante geógrafo brasileiro, a alienação nos limita a uma condição que nos faz enxergar apenas o que nos separa, ignorando aquilo que nos une. Esta falta de reconhecimento com o outro, esta falta de valorização do nós, esta baixa auto estima, nos induz e nos conduz a um comportamento subestimado.

Esta baixa auto estima nos tira a voz, nos faz pensar que nossas ideias não tem valor, que nossas opiniões não tem espaço. E espaço é mesmo coisa em falta. Espaço para diálogo, para fala, para escuta, para as trocas. Trazendo para a minha realidade, sempre foi muito comum ser atribuída a mim a característica de agressiva ou radical quando eu manifestava uma opinião. Me foram podados os espaços de fala por não ser eu considerada alguém capaz de reflexão.

De forma cumulativa isso foi diminuindo minha autoestima, fazendo com que eu, gradativamente, não mais valorizasse minhas opiniões, minhas vontades, minha força expressiva. Não me sentindo capaz. Em um paralelo com a sociedade, o contínuo silenciamento e isolamento nos faz paralisar. Não vivemos a sociedade da forma como vivemos porque assim nós queremos, não. A vivemos porque não nos sentimos capazes de transformá-la, não sentimos que nós somos agentes capazes de transformação. Não gostamos de nós mesmos e não achamos que por nós vale a pena lutar.

ANOTAÇÕES INACABADAS SOBRE ENCONTROS E CONFRONTOS

Carolina Stella

O genocídio tá anunciado faz tempo. Eita. Só viu agora, foi? Os lugares de poder: nada deles, tudo nosso! Oh sonho! Digo sim, digo não. Minha irmã, não-tem-como-ser-neutro-muito-menos-na-educação. A educação é aquela do círculo que dá volta, revolta e corre mundo? Calma, gente. Calma. Vai dar certo! Vamos acreditar de novo e de novo e quantas vezes precisar. Viva a educação popular! Viva!

Hoje temos terra depois da luta de muitos que sangraram. Viva tu! Presente! Viva eu! Sejam sementes também. Honremos as palavras dos que vieram antes. Agradecida, Seu Paulo Freire. A gente tá aqui bem bonitinho se organizando e amando demais. Tem o povo da terra, o povo das águas, os passa-montanhas e muito mais. Tudo povo. Tudo noiz. Tudo arrodado de utopia. E utopia é compromisso histórico. Tamo aqui em círculo feito de ação para transformar em verbo: matuto é matutando.

Vamos na distribuição da semente, nos saberes da chuva e no oráculo do vento. Ah! E os saberes do afeto. Esse aí eles não têm. E isso eu tenho é muita da certeza! Se tem uma coisa que a gente sabe é amar. Sala de aula é meu chão sagrado: pede licença e entra com todo amor e todos seus ancestrais. Diga aí: estamos na vantagem do afeto mileanos. Bota aquela lá no muro bem grandão: paz entre nós, guerra aos senhores! Anotei aqui também: criar todo dia espaços de utopias e lugares seguros para o viver bem e ter gana para caminhar. Se manter viva e acreditando já é vencer. O amor nos guia.

O professor veio contar de estratégia no naipe Ligas Camponesas. Coisa linda. Disse assim: quais são as brechas que temos hoje? É preciso mudar o nome? Colocar roupa engomada? Vamos como podemos. Também é entre brechas pequeninas que nos mantemos fortes e quebramos a estrutura. Igual água.

Alguns dias é assim: do chão não passa, o fundo do poço é aqui, Disk Desespero BR. Ocupe, desocupe, reocupe. Tu aí que tem acesso, a luta é cotidiana: chama campesino pro congresso internacional importante, pague bem o operário, coloca ali mais espaço pra cozinheira falar. A estratégia não é fechada. Dê seu lugar. Só escuta. Só fala. Quando for para ocupar o papel: vamos colocar ali no currículo, na lei, nas regras. Organizar o que queremos nos detalhes. Mesmo que a gente não veja tudo bem feitinho e que a Dona Morte chegue antes, vale demais a ousadia.

Como você está? Vivendo e achando bom. Nas miudezas cotidianas, vamos um pouquinho cada dia para ser forte e grande juntos. Corpo saudável também é importante demais e fica ainda mais bonito comendo orgânico da agricultura familiar. Diga aí: quantas vezes já pensou em desistir esses últimos anos? Não se vá. Também pensei uma pá de vez e que bom que aqui a gente pode falar. Não deixa eles vencerem assim também não. Nos querem mortas. Se um dia era forma de resistir, hoje já temos outros jeitinhos. Pelo menos por aqui. Não se vá. Junta aqui com a gente. O corpo ferido precisa de abraço e de alguém também para trazer os esparadrapos. Às vezes é só isso que se consegue no dia: manda mensagem e agradece pelas palavras. Só isso é muito e já fortalece. E como é bom estar em roda e rir bem alto com todo o povo! Ah!

Para estar junto é preciso de corpo em movimento. Anotei aqui: jamais dançar sozinha de novo.

NA EDUCAÇÃO NÃO EXISTE NEUTRALIDADE

Maria Ferreira da Cruz

Quando se fala em educação a primeira lembrança em mente é o espaço físico de uma escola. Bem, a escola desenhada em nossas mentes sempre tem um professor com óculos e de frente ao quadro transmitindo o tal “conhecimento”.

Certo??

Pois então, a educação tem um sentido mais amplo, bem mais complexo.

A escola é sim um espaço físico lugar formal onde vamos cumprir cada etapa do ensino da educação infantil ao ensino superior.

Porém, a educação que precisamos entender urgentemente e colocar em prática é aquela educação que o nosso grande mestre Paulo Freire apresentou e está viva precisando de terra fértil para multiplicar:

A educação popular.

Aquela educação que transforma.

Aquela informação que toca no sujeito, que o informa, que faz sentido, que faz refletir e assim num processo de tomada de consciência, o transforma.

Muitos espaços intelectuais estão cheios de conhecimentos, cheios de pessoas tituladas e cheia de graduação...

Mas nem por isso eles estão preocupados em ser um multiplicador do conhecimento crítico.

Conhecimento esse que orienta, que informa o oprimido a sua condição de explorado, que o faz refletir e entende que ele é sujeito da sua história.

Conhecimento esse que mostra o quanto o opressor é uma minoria que pode ser derrubada.

Muitos são doutores em determinadas áreas, porem analfabeto em compartilhar o conhecimento que nos nutre e que nos revigora e potencializa para sermos protagonistas da nossa própria história.

Muitas pessoas querem apenas o status de “doutor”.

Mas afirmo e fico com os preceitos do nosso ilustre Paulo Freire, melhor é levar o conhecimento a classe oprimida que sempre carregou e ainda carrega nas costas o opressor; Que trabalha e o fruto do seu trabalho gera riqueza, muita riqueza, mas o trabalhador não usufrui do fruto do seu trabalho, apenas recebe um mínimo do mínimo apenas pra sobreviver.

O opressor é muito inteligente e conta com certas instituições para continuar e manter a apropriação da riqueza.

As poderosas instituições são:

Mídia, com seu alto poder de alienação;

Religião, com suas doutrinas nada libertadora e sim alienadora;

Escola formal, com intenção de educar o povo a obedecer conseguindo assim a garantia da ordem e a continuação do seu domínio.

Aí você pergunta: mas a educação não é pautada na pedagogia de Paulo Freire?

Sim, mas somente no papel.

A maioria dos educadores ainda persiste nos métodos clássicos e as vezes nem conhece de fato o que Paulo Freire defendia.

Por isso que na educação não existe neutralidade.

Como o nosso grande mestre afirma: “é impossível uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática política esvaziada de significação educativa. Neste sentido é que todo partido político é sempre educador e, como tal, sua proposta política vai ganhando carne ou não na relação entre os atos de denunciar e de anunciar” (FREIRE, 2006).

Ponto dos Volantes, MG, 04 de maio de 2021

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Marlene Corrêa Torreão

Considerando a pedagogia Freiriana, como pensar estratégias pedagógicas para transformar o senso comum atual tão carregado de consciência intransitiva e de transitividade ingênua?

Nestas poucas linhas, exponho o desafio de pesarmos coletivamente a superação do senso comum. Isto porque, vivemos um momento peculiar de intenso negacionismo ao processo do conhecimento.

E não só isso, assistimos um momento da negação da história do constructo intelectual do homem - enquanto criador e transformador da natureza. Tais ideias, ou ideias fantasiosas, a exemplo daquelas que acreditam que a TERRA é plana, abrem um grande fosso para a construção da consciência em si; e se apresenta em um grande abismo, para a construção da consciência para si.

Entretanto, devemos superar o pessimismo da razão, dando lugar ao otimismo da vontade (Gramsci), para superarmos este cenário, com vistas a formação de consciências para libertação e transformação do mundo capitalista. É preciso que a classe trabalhadora seja classe para si (Karl Marx).

Há saída? Sim, e ela passa por um projeto de educação/de uma pedagogia do oprimido, para a pedagogia da autonomia (pedagogia da libertação).

Passa ainda, pela formação política, através da inserção dos sujeitos sociais nos espaços de participação política, com vistas a forjar uma outra hegemonia, que não a burguesa.

Só assim, poderemos trabalhar o senso comum, problematizando as representações de mundo para construir um núcleo de bom senso, para construirmos uma consciência da transitividade que questione as bases das desigualdades sociais, visando a formação de nova cultura: a da emancipação humana.

São Luís, 18 de junho de 2021

CARTA PEDAGÓGICA – ENSAIO POÉTICO

Mariana M. Pan

neu-tra·li·da·de

sf

1 Condição daquele que se abstém de tomar partido, que se mantém neutro.

2 Caráter ou qualidade do que é imparcial; imparcialidade. 3 POLÍT Posição de uma nação que não toma parte em um conflito armado.

4 PSIC Atitude do analista em ser neutro em relação aos valores religiosos, morais e sociais do paciente. O profissional deve respeitar a neutralidade e abster-se de qualquer conselho.

5 QUÍM, ELETR Estado de um corpo neutro em que foram neutralizadas determinadas propriedades, como, por exemplo, carga elétrica (MICHAELIS, 2021).

Dessas definições observo com atenção a primeira – **“condição daquele que se abstém de tomar partido, que se mantém neutro”**.

O que seria então não tomar partido frente ao mundo?

No pensamento Freireano não tomar partido significa colocar-se ao lado, em favor, da perpetuação da ordem colocada. Ordem essa pautada na opressão do povo pelo capital, ceifadora de liberdades.

Peguei-me então em um momento de reflexão, pensando em como acessar o debate sobre neutralidade que não apenas através do tradicional fazer acadêmico, pautado em argumentações com base em referências - modo esse que me é comum e tão próximo dada a natureza do meu trabalho.

Busquei então construir outra ponte de acesso a essa reflexão, e me vi de volta ao meu ponto de início: a palavra em si, ferramenta essa que é tão significativa e simbólica do legado de Paulo Freire.

Compartilho aqui então o caminho que a palavra neutralidade desaguou (feito água mesmo, que quando entornada não se sabe onde irá dar). E deu então nesse escrito- poesia abaixo.

Neutro

Neutralidade

Silêncio

Silêncio da cidade,

Da paisagem, do campo.

Silêncio colocado,

Silenciado

Calado.

Silêncio impetrado.

Calado.

Nada resta que não o poder

Que assim segue

Sendo o mesmo.

Palavras tanque. Estanques.

Estático

Parado

Imobilizado

Calado.

Paulo Freire e sua paixão pelas palavras

Elas ensinavam

E deixava-se por elas ensinar.

Não usava de fixação

Mas de aprendizado

Cultivado

pelas belezuras de momento

O que cabia
O que fazia sentido
E fazia-se sentir.

Palavras sentidas
Vividas
Na carne
Nos chãos
Nas vidas.

Palavras vivas
Cheias e mexidas.
Palavras-movimento
Palavras-transformação
Palavras grávidas
Geradoras
Parideiras de mundos.

Nada a ele interessavam as palavras mortas.
Portadoras de silêncios.
Fadadas à fixação
Mantenedoras da opressão.
Palavras neutras.
Mudas. Caladas. Silenciadas.

Penso comigo,
que no dicionário de Paulo Freire
Não existia a palavra
Neutralidade.

REFERÊNCIA

MICHAELIS. Dicionário da língua portuguesa. Neutralidade. Melhoramentos. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=OKZAA>

EDUCAR PARA TRANSFORMAR

Maria Ferreira da Cruz

A leitura constante e a formação continuada são os fundamentais elementos que nunca pode faltar na formação de um educador consciente, crítico e comprometido com a transformação social.

O perfil do educador é desafiador e deve estar em processo de construção nunca pronto e acabado. E toda a sua objetividade de ensino deve estar pautada por uma educação eficiente em prol de formar cidadãos conscientes.

A necessidade desse quesito se faz necessário devido a falta de estrutura de par com o estudante que vem todo carregado de problemas sociais, familiares, etc, e em muitas escolas não tem profissionais para desempenhar as respectivas tarefas. Nesse cenário conturbado o professor não exerce apenas o seu papel de ensinar tem também de ser um precário e eventual; psicólogo, pedagogo, assistente social e as vezes até mesmo ser um conselheiro.

Desse modo a relação ensino aprendido na atualidade é um grande desafio para o professor, mas, faz se necessário maior interesse dos profissionais da educação nas reais necessidades, com expectativas da educação na formação de indivíduos críticos-reflexivos, faz se necessário mudanças nas atitudes e na postura profissional. É preciso que toda a rede de ensino esteja comprometida com o aluno, a escola, a sociedade e professores com uma educação de qualidade.

Assim sendo, entende-se que a proposta de ensino de qualidade, que se volta para a formação cultural e científica do aluno que o possibilite em sua ampliação da participação efetiva nas várias instâncias de decisão da sociedade, defronta-se com problemas de fora e dentro da escola. Sendo a escola pública gratuita, com direito essencial para se constituírem como indivíduo-cidadão, faz-se necessário pensar sobre uma “nova didática” voltada para os interesses populares de transformação da sociedade.

Penso que as aulas de sociologia poderiam acontecer mais de uma vez por semana em cada série de ensino, pois o tempo de aula é muito curto pra fazer a relação do conteúdo com a construção da identidade pelos jovens. Outro impasse que observo também é o despreparo e a falta de conhecimento desses conteúdos que os alunos chegam no ensino médio para estudar uma disciplina acadêmica e de muita relevância. O professor encontra mais um desafio de provocar nesse aluno pelo menos o estranhamento de conceitos preconceituosos do cotidiano e preparar esse aluno para realizar uma leitura crítica da realidade.

A escola tem como principal missão o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania de maneira crítica, competente e responsável, se posicionando frente a sua realidade na perspectiva de modificá-la, tornando-a espaço de convivência harmônica.

As contribuições da pedagogia freireana na construção da teoria pedagógica é o norte que nos orienta como pensar estratégias pedagógicas para transformar o senso comum atual tão carregado de consciência intransitiva e de transitividade ingênua, em consciência de si. Na verdade, vamos plantando sementes que virão a dar frutos a longo prazo. Nessa oportunidade aprendemos que o primeiro passo é informar, multiplicar e por onde fazer o conhecimento libertador chega aos oprimidos. Para empoderá-los de conhecimento libertador para que eles possam construir sua própria história.

E como fazer isso? Através de projetos educativos de grupos onde podemos chamar para dentro do diálogo os mais interessados – os oprimidos – de uma forma didática e que faz sentido levar o conhecimento libertador, mostrando o oprimido a sua condição de explorado. Então é vestir a camisa, arregaçar as mangas e colocar as mãos à obra nessa árdua tarefa de informar os oprimidos.

CONTE COMIGO!

Ponto dos Volantes, MG

CURRÍCULO COMO ESPAÇO DE DISPUTA DE CLASSE E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Jaelma Maria Rabelo do Amaral
José Emanuel Sebastião da Silva Pereira
Àlábíyí Pereira
Joana Vieira da Silva
Karina da Silva Figueiredo

Reflete-se que o currículo é um tema de suma importância e que deve ser sim debatido, como exemplo pode-se trazer o curso de pedagogia que traz a discussão necessária acerca do currículo enquanto formação geral da escola. Todavia as questões de gênero ainda estão excluídas do currículo, são noções importantes de serem trabalhadas no contexto escolar, o que se reflete em outros âmbitos. Nesse contexto surge correlações pertinentes sobre os currículos informal, formal e oculto.

O currículo formal detém as disciplinas comuns, aquilo que é específico a BNCC. O currículo informal, embora tenha uma organização maior, não contempla as diretrizes estabelecidas pelo currículo formal, como eventos extra, exemplo o “Agita galera”. E, enfim, o currículo oculto que não está escrito e visível, porém tem um conteúdo presente, desde o funcionamento da escola, conhecimentos gerais indo além destas relações, o que abrange quase tudo dentro da estrutura da escola e, também fora dela.

Este currículo deve ser melhor trabalhado e desenvolvido, tendo em vista que toda a cultura da comunidade em torno do ambiente escolar é como se não tivesse valor algum para o ambiente educacional. Outro fator ignorado é a questão de classes. A escola trabalha os conteúdos pedagógicos como se todos os estudantes tivessem o mesmo conhecimento e o que os diferenciam é o capital cultural.

As pessoas que tem contato com conhecimentos e culturas mais amplas, com acesso a shoppings viagens, dentre outros, diferentemente das pessoas que não têm o mesmo acesso. A escola parece negar as diferenças do capital cultural, isso é uma questão de classe que é ignorada.

As escolas privadas são bem diferentes das escolas públicas, estas são restritas, tendo em vista que os alunos possuem bases diversificadas, o que diferente dos estudantes da escola particular.

Voltando à questão de gênero sempre se presume apenas dois tipos ignorando-se a existência das construções sociais, mas se partirmos do pressuposto de que é o dever da escola empoderar e complementar saberes, verificam-se as limitações na abordagem das informações. Um trabalho acadêmico sobre currículo e questões de gênero feito, as vezes é preso como objeto conteudista, parecendo até um tabu falar ou lidar sobre estas questões. É necessário levar mais a sério tais informações, as quais fortalecem e empoderam os sujeitos enquanto sua tomada de consciência.

O objeto de tabu influencia negativamente as pessoas a não refletirem sobre o assunto, como exemplo a relevância de dialogar sobre métodos preventivos, camisinha, anticoncepcional, as mudanças comuns do corpo humano. Vale salientar que se determinados conteúdos entraram no currículo é porque são de suma importância de serem debatidos, porém ainda são tratados de maneira “leviana”.

É relevante fortalecer o próprio currículo pelo fato de ser baseado no interesse de um grupo específico, ser tomada a iniciativa de caracterizar o conhecimento que muitas vezes é terceirizado, não valorizado. Um exemplo trazido é de uma professora que falava que existem diferenças nas escolas da comunidade indígena e quilombola.

Dessa maneira, um professor que vem desses grupos possui uma atuação distinta de um outro que está fora e vai para estes grupos lecionar, ou seja, o conhecimento não advém apenas nos estudos, mas também das vivências.

Um conteúdo que é trabalhado na comunidade indígena não é e não deve ser o mesmo a ser trabalhado na comunidade quilombola. Os saberes, vivências, costumes, culturas, são distintas e devem ser valorizados, bem como o saber notório de cada indivíduo e comunidade.

Isso se fortalece na importância do ato de ler para Paulo Freire quando concebe que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra. Aquilo que o sujeito vê, vive e experiência o faz verificar as coisas a partir do seu ponto de vista.

As próprias escolas de bairros diferentes têm culturas diferenciadas, muito embora estejam dentro de uma mesma cidade. Os alunos podem ser estimulados a desenvolverem pensamento crítico ao observar a realidade, exemplo da valorização do conhecimento notório, bem como valorizar a pessoa idosa e seus conhecimentos inerentes das vivências e leituras de mundo. A nossa cultura menospreza os idosos que são, em vários casos, considerados não mais produtivos, talvez efeito do capitalismo que também influencia dita uma cultura da beleza e da produção.

Trazemos o exemplo do letramento digital de quem consegue se “virar” na internet, mas isso não implica dizer que sabem o que está lendo e vendo, não necessariamente implica em dizer que esteja ou é alfabetizado, mas que reproduz as ações de maneira automática. É claro está literalmente ligado ao conhecimento e de estar sabendo o que está fazendo.

Um outro exemplo de saber notório é o trazido por um dos participantes quanto a sua avó paterna, que embora fosse analfabeta, sabia pegar os ônibus exatos, viajar para outros estados sozinha, passear, fazer compras, interagir, dentre outras habilidades, mostrando a existência de um letramento de vivência de mundo. Inteligência de memorização visual a partir de cores, figuras, prédios e árvores. Todo esse saber notório não é trazido para o currículo, tampouco valorizado, porém é preciso valorizar os muitos conhecimentos, saberes e histórias de vida. Mas esses saberes são figuras importantes no aprendizado.

Quando se fala em matemática refere-se a algo padrão, mas não se discute sobre a importância da ciência nas vidas e o quanto que não apenas o conhecimento sobre, como também do porquê e para quê, ressaltam amplitudes da aplicabilidade. O que trazendo para o currículo verifica-se que é bem mais que o acúmulo de informações, mas a apreensão destas e a utilização. Contudo o currículo ainda é utilizado como mecanismo de controle social e repressão. Trazemos como exemplo disso o de uma graduada em letras que participou de uma seleção no Projovem, porém não adentrou ao programa por não ter a experiência exigida. Assim, verifica-se que o currículo é importante como instrumento de oportunidade ou exclusão ao trabalho.

É notório o valor do registro das informações e experiências do sujeito, estes que constituem o currículo, que muito embora não contemplem todas as especificidades daquele indivíduo, é utilizado como elemento do mundo capitalista. Numa determinada pós-graduação (mestrado) a importância do currículo não superou a questão da idade de um estudante de 50 anos no processo de seleção, não sendo visto como mão de obra válida no âmbito acadêmico.

Qual é a utilidade dos estudos e produções então e, para onde estão indo e para quem estão servindo? O currículo ainda é visto no âmbito acadêmico como instrumento quantitativo, qualitativo, que determina status social. Mas qual é a função disso tudo? Um currículo Lattes gigante de um/a professor/a transforma-se em poder educacional. Alguns professores até reproduzem, de maneira inconsciente, o padrão capitalista de cobrança por uma produção desenfreada.

As reproduções invisíveis já fazem parte do nosso social, a exemplo da 1ª lei da educação brasileira, que remete a 14 de janeiro de 1837, onde determina que “pretos africanos e escravos libertos ou não” eram proibidos de frequentarem a escola. E atualmente quem é o grupo étnico com mais dificuldades ao acesso e o que é mais discriminado? Creemos que não é preciso falar, pois compreende uma reprodução estrutural secular.

O que está acontecendo com a educação no Brasil não é obra do acaso, porém é um projeto, uma engrenagem de repressão social, algo elaborado para diminuir a população de ter acesso, especificamente, dificultar o acesso de grupos específicos, o que um dos participantes chama de 3 “Ps” (pretos, pobres e periféricos). Isso é um desmonte educacional o que desqualifica os conhecimentos da classe trabalhadora. O ensino remoto, por exemplo, dificultou o acesso de muitos pela falta de oportunidades e acesso de vários.

A BNCC vem impondo o que deve ser feito desenvolver e pensar no âmbito escolar, dessa maneira o desenvolver das habilidades torna-se algo robotizado. Mecanizando apenas as competências e “habilidades” que estão dentro da BNCC.

É como se o currículo fosse algo travado, até mesmo a utilização do termo ‘grade curricular’ foi abolido por se remeter a algo preso, enjaulado, contudo o termo ‘currículo’, utilizado nos moldes capitalistas, tem a mesma interpretação.

Como trabalhar temas importantes que não constituem a BNCC? Existe uma inversão de valores quando se remete a constituição do currículo enquanto instrumento de ressignificação dos valores do sujeito.

Toda essa discussão de currículo é primordial para termos consciência, embora seja um território de luta de poder e de interesses numa sociedade de domínio capitalista, nota-se uma luta longa, difícil, porém validamente necessária. E nessa disputa contínua de poder, existe algo que devemos manter e defender, o empoderamento e a tomada de consciência sobre si. E como sugestão de leitura o livro **“Currículo, território em disputa”** de Miguel G. Arroyo.

EDUCAÇÃO E CIÊNCIA NA TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Jaelma Maria Rabelo do Amaral
José Emanuel Sebastião da Silva Pereira
Àlábíyí Pereira
Joana Vieira da Silva
Karina da Silva Figueiredo

É realmente preciso refletir sobre as perguntas norteadoras desta discussão no que tange a relação da educação que abrange os professores e ciência que devemos trabalhar enquanto transformação da sociedade e estruturas. No próprio currículo não tem um objetivo social de transformação e conhecimento, mas só propedêutico se preparando para o que vem a seguir. O que acontece realmente na educação quando percebemos que se decoram os conceitos ensinados para ser utilizados no próximo ano e para o Enem.

Tendo em vista que depois da universidade construir-se-á novos conhecimentos. Os aprendizados anteriores são vistos como ideias acumuladas, sem um conhecimento da constituição daquilo aprendido e o sentido do que está sendo aprendido, para que vai ser utilizado na vida cotidiana os aprendizados.

Paulo Freire fala sobre a leitura do mundo e da palavra, mostrando a necessidade de aprender a decodificar o texto, ler apenas não é o necessário e, não é apenas ler o que está escrito, mas também pintado, desenhado e falado. Não se fala em política ou economia na escola, como pensar em transformação social assim? E quando se pensa algo diferente surge a ideia de estar corrompendo os alunos. Existe uma certa discordância entre o que é dito e o que é praticado.

Existe uma diferenciação da educação básica, a fundamental e universitária. Há relação entre os conteúdos, deixamos de perceber isso.

No conteúdo da física está envolvido na realidade, ou seja, decodificar o mundo na sala de aula, objetivando conhecimentos transformadores na sociedade. Ensinar os meios para que as pessoas possam caminhar com as próprias pernas, e assim, construir a sua existência.

Refazer a didática educacional mostrando que os conteúdos estudados se relacionam com o dia a dia dos estudantes, com exemplos práticos do cotidiano. Falta um aporte construtivista dos educadores, conseqüentemente, um olhar analítico. As vezes as coisas fogem da mente e jogamos fora por não conseguirmos assimilar.

Certa vez um professor de física falou sobre a resistência elétrica e quando o disjuntor do chuveiro “cai”, mostrando o mecanismo de relacionamento das informações. É utilizar o conhecimento científico voltado para as práticas do dia a dia, fazendo correlações entre as ciências e a vida humana e social. Um outro exemplo é da Força versus Peso, que quanto maior for o peso maior a força que se deve fazer, isso é física. Da mesma forma que quando arrastamos um móvel não pensamos nos conceitos da física, a roda, a alavanca, a polia e a facilidade com a utilização das forças. São conceitos que devem ser trazidos para a realidade. Pois não são inúteis.

A problemática trazida pelo professor Jonas nos faz pensar nessas questões e o quanto são importantes no papel que a educação deve desempenhar na atualidade e na transformação da ciência como um todo e, sobretudo a contribuição da educação e ciência na transformação da sociedade. As perguntas colocadas são amplas, podem até serem desdobradas, não podendo serem esgotadas num único encontro do círculo de cultura, mas isso não significa que não possamos discutir aprofundadamente.

A fala do professor Jonas comunga muito com a leitura do livro de Paulo Freire, a Pedagogia do oprimido, quando ele coloca que o papel da educação de um ponto de vista das próprias classes populares (a trabalhadora em sua amplitude, operário, médico, enfermeiro, dentre outros) a importância de entender a sociedade dentro dessa disputa de classe. Nas teorias pós-modernas há um direcionamento para a superação do conceito de classe na tentativa de exaurir as discussões críticas nas perspectivas das lutas dos movimentos sociais.

Quando pegamos teses, dissertações e artigos, pouco encontramos o conceito de classe, como se fosse uma tendência, a aula trouxe essa quebra, de uma educação de raiz, que vem daqueles que se empenham na luta pela libertação dos homens e essa mesma pedagogia tem seus sujeitos e os oprimidos, que quiçá sabem que estão sendo oprimidos e se entendem enquanto sujeitos históricos.

No livro, em sua introdução, encontramos o cerne de classe entre o opressor e o oprimido, a Pedagogia do oprimido é humanista e libertadora, primeiro os oprimidos veem e se reconhecem, segundo esta pedagogia transforma a realidade opressora passando a ser não apenas dos oprimidos, mas dos homens em suas realidades múltiplas.

Como poderiam ser os oprimidos promotores de algo que instaura e constitui objetivamente o mundo de utopia para transformação, uma constituição histórica e enriquecedora, sendo um ponto de vista particular. Todavia, a ciência não transforma a realidade, porém são os seres humanos que transformarão a realidade, para isso ser-se-á preciso apreender o conhecimento científico desde a merendeira, gari, médico, formar intelectuais que possam sistematizar a partir das experiências sociais e das lutas do campo.

É importante colocar isso dentro de uma perspectiva escolar, resignificando aquilo que perpassa os movimentos, os grupos e as individualidades, o que promove uma maior difusão da sociedade. O que torna de extrema relevância ter o conhecimento para apoiar a transformação de mundo. Como disse o próprio Freire “a educação não muda o mundo, a educação muda as pessoas, pessoas transformam o mundo”. Essa mudança surge a partir da apreensão dos conhecimentos, contudo, dentro de uma construção escolar, para quem estará o serviço este conhecimento? Como e de que maneira?

A segunda pergunta: Cada vez mais é importante termos a construção de sujeitos mais críticos na busca da transformação, superar a pedagogia do oprimido para uma pedagogia dos homens, criando sujeitos críticos e políticos, fora da aplicação partidária, mas enquanto movimento de luta e de empoderamento.

As questões do pertencimento, dos direitos, política são reconhecimentos do cotidiano, das questões sociais e a escola que não discute as causas.

Como se constrói, ou melhor, como é constituído o professor se não se constitui enquanto pessoa que é sujeito de direito e histórico. A questão de pessoas e crianças que estão órfãs e as que ainda podem ficar nesse período de pandemia, pensar nisso na sala de aula, reconhecer as necessidades atuais, a classe, a raça, o gênero e todas estas informações que estão no dia a dia e, não discutir isso é desvalorizar os sujeitos e suas subjetivas vivências.

Nem todos os estudantes têm materiais escolares completos, às vezes, nem o que comer em casa têm, as realidades são bem diferentes. No ambiente do EJA mesmo é preciso ter consciência sobre as subjetividades presentes em sala de aula. A política é trazer as pessoas para perto, poder fazer a leitura do mundo a partir da leitura das pessoas em suas individualidades.

Nossa realidade está diferente, mais ainda com esse período pandêmico, porém, não podemos ignorar, a presidência onde temos uma pessoa que ignorou e ignora a pandemia, estimulando outros setores da sociedade que se espelham nela. Ter consciência crítica enquanto formadores e educadores de pessoas para que estas tenham a realidade e noção não apenas da realidade do mundo, mas das suas próprias realidades.

Há um pensamento que a educação que liberta o trabalhador e emancipa o pensamento, para a libertação existir deve estar aliada com a tomada de consciência. A escola deve estar mais além do que as salas de aulas, buscando estar onde os jovens estão, dando-lhes a oportunidade de se reconhecerem enquanto protagonistas sociais. A escola deve primar pela construção de um olhar crítico dando aos sujeitos a oportunidade de primarem se enquanto a sua autenticidade.

Quanto a terceira questão, pensar na educação transformadora por Freire como uma educação não com métodos, mas que transforma a sociedade a partir da sociedade, a importância dos conhecimentos científicos utilizados para o domínio público.

Contudo a falta do desenvolvimento das habilidades básicas para conhecer as ferramentas de busca destes conhecimentos, a exemplo a interpretação de texto, para assim conseguir interpretar as coisas, as vidas, os meios ao seu redor. Utilizar a ciência é disponibilizar um conhecimento tecnicamente público.

A ciência e o conhecimento não devem ser utilizados como uma moeda de troca ou uma mercadoria que é utilizada para conseguir status, uma hierarquia para subir cada vez mais. Na transformação social, em questões gerais é necessário ter um conhecimento científico, a exemplo das olimpíadas onde os atletas brasileiros embora não tenham tido investimento necessário, conseguiram desempenhar seus papéis.

A resposta é exatamente sim, o conhecimento compartilhado pode e deve fornecer o acesso a interpretação do mundo, transformando as pessoas naquilo que elas possam ser. Isso estabelece uma relação saudável com a ciência e o conhecimento. Se todos tiverem acesso ao conhecimento e a liberdade, a partir da educação, poderão se transformar em sujeitos da sua própria transformação enquanto seres políticos reais e não fictícios.

Ter que analisar tudo, o antes e o depois da pandemia, as pessoas não são iguais. Há estudantes que têm suporte familiar, outros com dificuldades dentro da própria família. Suportes de ensino, política educacional, professores com dificuldades tecnológicas, entre outras... Exemplo de Sergipe, onde as escolas públicas continuam fechadas, enquanto as privadas em pleno funcionamento real, porém sem estrutura suficiente para deter a contaminação, os ônibus são os mesmos utilizados por muitos destes alunos, o bebedouro é compartilhado por todos, há dificuldades na retomada.

Ciência e Educação devem sempre andar lado a lado, o que aconteceu com a plataforma do CNPQ revela um desmonte social, e isso não é valorizar a ciência, tampouco a educação. Esse é só um exemplo dos diversos desmontes sociais, das ciências, o que parece um apagamento das identidades. A desvalorização da ciência, da pesquisa, da sociedade, começa com a falta de investimento. Se na universidade só tem vagabundo, a fala não valoriza o conhecimento científico.

A luta irracional pela aprovação do voto impresso revela uma ação retrógrada, deixando emergir uma política anticiência. A Cinemateca queimada é outra demonstração, privatizações, dentre as várias, da expansão dessa política subversiva. Para quê valorizar o conhecimento, um projeto político que empoderam os sujeitos e os tornam críticos?

EDUCAÇÃO E AGROECOLOGIA NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Alessandra Marques Dias

Ana Carolina Santana Barbosa

Caio do Nascimento Mota

Joana Veras

Joana Vieira da Silva

José Emanuel Sebastião da Silva Pereira

Àlábíyí Pereira

A reunião inicia com a práxis da ação-reflexão-ação, o que constitui o indivíduo como o ser que se reconhece enquanto sujeito transformador do mundo ao seu redor. A cada dia ocorre a construção e desconstrução do sujeito, isso é natural. A agroecologia é entendida como sendo um processo de renovação e valorização do meio e dos sujeitos envolvidos, seja direta ou indiretamente ao processo. Embora se falem em outras agroecologias, vemos que aqui no território muita gente pratica o agrossistema, mas não se veem dentro ou como parte desse processo.

Em muitos casos as pessoas do meio não se reconhecem dentro da nomenclatura. É a questão do pertencimento. A gente precisa construir e desconstruir sobre o tema da agro para constituir novos paradigmas. Se a educação conseguir educar para a sustentabilidade o agronegócio poderia passar a ser um agroecológico, uma agricultura que respeita o meio ambiente e, conseqüentemente, tudo o que lhe constitui.

Enaltecer o trabalhador rural e colocar o respeito com a terra de onde ele tira o sustento, tendo em vista que o agronegócio visa o lucro. Os índios já cultivavam a terra sem agredir o meio ambiente. Não é apenas o respeito ao meio ambiente, mas o respeito ao ser humano também. Contudo, para o capitalismo o tempo é dinheiro e agilidade é lucro. Agroecologia é uma ruptura com um padrão que visa o lucro acima de tudo, o sistema capitalista.

Como exemplo foi trazido o caso de uma professora da educação primária conforme respeito, as noções básicas, o não pegar as coisas do outro, preservar as plantas, não matar, ensinando as crianças a crescerem com essa noção de respeito e fazer uso daquilo sem desrespeitar.

Todavia, é necessário que haja a continuidade e o reforço destas ações positivas. Pois o que é construído na educação primária é destruído no mundo social com o capitalismo que vê o ser humano como uma coisa ou uma matéria que dá lucro aos empreendedores.

Quem vive da agroecologia normalmente é criminalizado, em São Paulo mesmo existem legislações que fecham o cerco aos pequenos produtores, em prol dos grandes produtores, aqueles que produzem alimentos industrializados, agrotóxicos, sendo os mesmos que produzirão remédios para a ação dos agrotóxicos. Vê-se aqui simplesmente o lucro em cima do lucro e a desvalorização do ser humano. É imprescindível sair desse sistema.

O SERTA possui um sistema de tecnologia alternativa que envolve uma agricultura orgânica, reciclagem e com uso da bioconstrução, naturalizando a subsistência que foi modificada pelo capitalismo, o que favorece ao meio ambiente e as pessoas. Contudo, por se tratar de um processo longo e trabalhoso, que demanda força, tempo e dinheiro, não recebe os incentivos do Estado como deveria. Mas no agronegócio não é assim, eles têm investimentos de todas as partes, sem promover ações que produzam respeito e agreguem valor à natureza e aos sujeitos produtores.

Podemos verificar as áreas que são utilizadas para cuidar de gado, são florestas devastadas sem o mínimo de respeito ao ambiente. A utilização de tratores e de maquinário leva tempo, melhor atear fogo, destruindo o meio ambiente, fauna, flora, solo e ainda poluindo o ar corroborando com as doenças do trato respiratório. Sem respeitar a sustentabilidade, tempo é dinheiro e dinheiro quando demorado é prejuízo.

Ao queimar a mata, toda a fumaça que polui o meio, a fuligem que vai para as nascentes, às casas poluídas, modificando o ar atmosférico, mas parece ser natural não só para as empresas terem seu lucro, mas para quem os incentivam, o Estado. Tais ações se evadem da consciência ecológica que outrora é defendida pelo mesmo Estado. Outro exemplo são as queimadas da cana-de-açúcar.

A praticidade e o lucro. Fazer outras produções fora da empresa não tem incentivo, talvez pela ação das empresas.

Outro exemplo trazido é o da cooperativa de moradores da cidade (SP) onde tem coleta seletiva, formada por pessoas da comunidade, produzindo adubo orgânico, com parceria da prefeitura, utilizando da reciclagem com artesanato com pneus, dentre outros. Plantio de frutíferas, compostagem com baldes de padaria, porém todo esse processo do início até a colheita demora bastante, mas sabe-se que é tudo natural e que não trará consequências danosas para a população ou o meio.

Num depoimento trazido acerca da cooperativa citada verificamos o quanto é possível produzir mantendo a subsistência natural, “somos pessoas básicas tentando fazer o melhor do dia a dia, buscando cuidar das plantas, reutilizando alimentos e materiais. Mas se as grandes empresas se interessarem por isso trariam maiores benefícios para a população e o ambiente. Porém é aquilo que já falamos, o capitalismo não permite demora na obtenção dos lucros.

Mas um exemplo trazido foi o da professora do ensino fundamental que busca envolver as escolas e a comunidade em prol de um sistema de produção orgânico, porém exige imenso trabalho. Um dos projetos dela é do Ecoviver trabalhado pelas ecovias, onde, de início, foi disponibilizado para os grupos de alunos. Embora as ideias sejam maravilhosas, são também trabalhosas, e isso incomoda por ser revolucionária.

Ideias revolucionárias assim, poderiam ser acrescentadas na educação para formação com práticas metodológicas de sala de aula e de pesquisas de campo, sendo uma forma prática de ensino, através de experiências de campo, que envolvam os estudantes. “Um ano eu peguei a coordenação de um projeto, fomos à horta em parceria com ajudantes, as crianças plantaram alfaces e estavam sempre empolgadas, mas num fim de semana a escola foi invadida e roubaram os materiais. A própria comunidade não valoriza, tendo em vista que a invasão se deu por pessoas da comunidade” (relato de um dos participantes).

Da mesma maneira que Nelson Mandela afirmou que as pessoas não nascem odiando as outras, porém são ensinadas a isso, a propagação da agroecologia sustentável, orgânica poderão incentivar ainda mais o respeito ao meio ambiente e aos outros, basta que ideias de qualidade sejam divulgadas e incentivadas. A Escola é um bem comum e o conhecimento notório deve ser valorizado. Os professores seguem num trabalho de formiguinha, mas é preciso fazer algo, algum ensinamento sempre fica, é preciso continuar sendo essa andorinha solitária (em alusão ao ditado popular “uma andorinha só não faz verão”).

No dicionário de Paulo Freire o fazer está relacionado a questão de tempo, não do relógio, mas no tempo das coisas. “Acreditamos que a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressiva, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver a nossa opção. Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos” (FREIRE, 2000, p. 67).

“Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti. Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. Por isto, enquanto te espero. trabalharei os campos, conversarei com os homens.” (A Sombra da mangueira – Paulo Freire) Nos mostra como valorizar o tempo das coisas da natureza, sem agrotóxico, assim como a natureza tem um ciclo que precisa ser respeitado.

A cenoura que é plantada com o uso de agrotóxico, para diminuir o tempo de colheita e aumentar o tamanho, favorece na contaminação. No processo natural a produção sem agrotóxico é diferente, requer mais esforço e tempo, contudo fornece mais segurança e saúde.

Noutro exemplo, é utilizado o espaço de terra abaixo das torres de energia (num determinado bairro de São Paulo) onde os moradores começaram a capinar e plantar árvores de pequeno porte (que não prejudique as fiações), e motivou outras comunidades, porém algumas pessoas não colaboram e jogam lixo no local.

Começou com apenas uma muda e atualmente está em 19 árvores e mais algumas vegetações rasteiras e plantas pequenas que favorecem a comunidade.

Existe também a importante contribuição da educação quilombola, o respeito a valorização do conhecimento ancestral e o compartilhamento deste. Tudo começa de uma coisa pequena tendo conhecimento e apropriando dele. Dessa maneira, tendo uma consciência de si e do seu papel na mudança social. As crianças são o futuro, multiplicadores daquilo que lhes são ensinadas, como o respeito e a preservação, com os pais, os vizinhos e amigos.

É POSSÍVEL A NEUTRALIDADE NA EDUCAÇÃO? EM QUE SITUAÇÕES?

Juliana Sobreira Arguelho*

Chega ser engraçado, em tempo de pandemia, desigualdades, desmatamentos e ignorância se pensar em possibilidades de neutralidade. No momento em que nos encontramos, não, não é possível.

Já que a existência dela acarreta a não compreensão do cidadão pelas mazelas que estão ocorrendo no nosso dia-a-dia. Um professor que se diz “neutro” é um professor que ri da piada sem graça e cheias de maldade de um colega para com o outro, mas que na sua concepção foi só uma brincadeira, não se deve causar uma tempestade em copo d’água por causa disso; é um professor que vê um aluno com dificuldades em entender o conteúdo, mas não muda seu jeito de ministrar a aula porque o restante da sala não reclamou. O professor tem uma grande capacidade de quebrar paradigmas e inserir ideias de autocritica e críticas ao sistema que até o próprio não compreende todo esse poder, mas pelo medo de causar algum desconforto, simplesmente age aquém da linha da revolução, age de forma “neutra” para não se rebelar contra o sistema e o mesmo contra o professor, já que este se sente sozinho nessa maquinaria educacional. O único momento em que poderíamos quanto sociedade sermos neutro seria quando todos os cidadãos fossem alfabetizados e compreensíveis do seu papel nessa sociedade, quando não houve desigualdade de gêneros, cor, social, ambiental e econômico, aí sim poderíamos nos atrever a ser neutro, mas não é esse o caso na atualidade.

Ser neutro nessa atual circunstância é sinônimo de covardia, pois com todas as informações fluando em sua frente, o neutro ignora as situações para não se ver com as mãos sujas, tipo Pilatos, porém são os que poderiam mudar tais circunstâncias, mas por covardia e até estratégias de comportamentos sociais, preferem lavar suas mãos e deixar que outros decidam por eles.

*A Autora é Bacharela e Licenciada em Ciências Biológicas; Especialista em Ecologia e Desenvolvimento Sustentável e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Agroecossistemas Amazônicos, em Alta Floresta, Mato Grosso.

Se desejassem realmente serem neutros e imparciais, hoje lutariam para que esse momento fosse possível em um futuro próximo, porém da forma que estamos, será muito difícil tal situação. O jeito é continuarmos lutando e demonstrando a essas pessoas a necessidade da luta social e da autocrítica, para que possamos então ter esse mundo melhor.

CONSIDERANDO A PEDAGOGIA FREIRIANA, COMO PENSAR ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA TRANSFORMAR O SENSO COMUM ATUAL, TÃO CARREGADO DE CONSCIÊNCIA INTRANSITIVA E DE TRANSITIVIDADE INGÊNUA?

Luciana Ribeiro P. Soares*

Pensar estratégias pedagógicas de rompimento da consciência intransitiva e transitividade ingênua dentro das estruturas socioeconômicas reguladas pelo sistema capitalista é antes de tudo um grande desafio. É necessário o comprometimento dos educadores e educadoras populares com a causa, pois a disputa de forças é desigual, e não há fórmula pronta para resolver o problema. No entanto, considerando o que a humanidade já demonstrou em seu percurso histórico, Paulo Freire aponta alguns caminhos essenciais para iniciar o trânsito dos sujeitos que ainda vivem imersos no senso comum da consciência intransitiva e transitividade ingênua. Esses indivíduos ainda não compreenderam que as condições nas quais vivem, não é produção da natureza. E eles mesmos têm a potência transformadora em suas mãos. Os educadores e educadoras popular têm o dever de buscar meios para desmistificar questões que parecem intrínsecas à existência humana. Com estratégias que viabilizem a chegada desses indivíduos à transitividade crítica.

Com base na leitura de Freire, não é possível pensar nenhuma estratégia que vislumbre à transformação sem levar em conta o diálogo, a história e a realidade concreta dos indivíduos. Para despertar a transitividade crítica, os educadores e educadoras popular devem provocar nas classes populares à reflexão sobre si e o mundo a sua volta. Aos mesmo esses educadores e educadoras precisam desconstruir alguns preconceitos que dificultam o entrosamento com outros indivíduos. (FREIRE, p.13)” Quando alguém diz que a educação é afirmação da liberdade e toma as palavras a sério, isto é, quando as toma por sua significação real — se obriga, neste mesmo momento, a reconhecer o fato da opressão, do mesmo modo que a luta pela libertação”.

*A autora é Professora de História da Educação Básica em Presidente Médici, Rondônia.

Portanto os educadores e educadoras precisam também se autoavaliarem, embora possuam de certo modo uma consciência política e posicionem de maneira crítica sobre a realidade, também estão imersos em uma sociedade carregada de diversas formas de opressão, precisam atentar-se para não as reproduzir em suas ações cotidianas, que pode comprometer as possibilidades de avanços para a transitividade crítica de seus pares. Ao analisar as práticas pedagógicas de Paulo Freire percebe-se que, não adianta chegar junto aos grupos marginalizados com projetos prontos. As estratégias pedagógicas precisam ser pensadas de modo que os indivíduos se sintam parte delas. Os educadores e educadoras popular por meio do diálogo devem provocar perguntas inquietadoras que desperte a transitividade crítica em cada indivíduo. No entanto, é preciso também reconhecer que a transitividade crítica é uma espécie dispositivo para uma nova percepção de mundo, conseqüentemente será inevitável o surgimento de conflitos entre os indivíduos ou grupos populares, haja vista que a realidade concreta é carregada de contradições, portanto ideias e ações não ocorrem de forma homogênea. Desse modo questões relacionadas às identidades individuais precisam ser consideradas e debatidas de modo que evitem a fragmentação da classe trabalhadora, mas estratégias devem ser pautadas primordialmente na defesa dos interesses da coletividade. “É que o momento do trânsito pertence muito mais ao amanhã, ao novo tempo que anuncia, do que ao velho. E que ele tem algo nele que não é dele, enquanto não pode ser do amanhã” (FREIRE 1967-p.55.) Pensar estratégias de mudanças sem levar em conta os conflitos que surgiram é desconsiderar a ontologia humana e suas dimensões.

Neste contexto as estratégias pedagógicas devem de combate à transitividade ingênua precisam ser alinhadas às orientações freirianas, com o exercício da humildade, respeito à individualidades, a capacidade da escuta e a compreensão de que uma educação como prática libertadora exige um esforço contínuo de ações planejadas, organizadas e reorganizadas a partir de análises críticas sobre a realidade concreta dos indivíduos e sua totalidade social. Os projetos não podem ser pensados para a classe trabalhadora, precisam ser da classe trabalhadora.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

É POSSÍVEL A NEUTRALIDADE EM EDUCAÇÃO? EM QUE SITUAÇÕES?

Leonardo Casseiro Alves

Em minha percepção não é possível. O processo educacional é vivo e necessita das vivências, experiências e singularidades de cada um dos envolvidos no processo. E para a educação ser libertadora, é necessário sim, o posicionamento contra as forças opressoras, mostrando ao longo da história todo processo sistemático para manter o status quo dos dominantes sobre os dominados. Que a fome, a miséria, o racismo não é um mero acaso de fatores, mas sim um projeto em vigor. A única forma de libertação é através da educação, e quem não se levantar, se posicionar contra essas forças, logo, escolhe manter tudo como está, sendo assim, impossível não ser parcial.

5

p o e s i a s

CARTA PEDAGÓGICA

Ivan Rabelo

No ciclo do mundo, um giro por vez
uma voz que se cala, é insensatez

O mundo não para, não posso descer
Se agarra, repara, não veem se mover

Prometem as vozes, acusam algozes
“O mundo não gira, não conto mentira”

Se movem com o mundo, a pleno vapor
Ficamos para trás, fazendo favor

Não parem o mundo, não vamos descer
Mas sintam o vento, nos vejam crescer

Uma mesma lição, a missão de educar
Pois toda ideia faz o mundo girar.

AMOROSIDADE

Patrícia Santos Santana

Amor é respeito

Amor é doação

Amor é compartilhamento

Amor é cuidado

Amor é incentivo

Amor é proteção

Amor é solidariedade

Amor é ensinamento

Amor é verdade

Amor é paixão

Amor é reciprocidade

Amor é valorização

Amor é...

Amor será...

Um ato de revolução.

Paulo Freire vive!

É POSSÍVEL A NEUTRALIDADE EM EDUCAÇÃO? EM QUE SITUAÇÕES?

Carolina Baggio Alcantara

Resposta objetiva:

Não, não há possibilidade de neutralidade na educação. Segundo os fundamentos de Paulo Freire, a educação é, necessariamente, um ato político e, sendo assim, implica, portanto, em uma conscientização e, por consequência, em um posicionamento, uma escolha. Sendo o ato político aqui entendido como toda ação de caráter pedagógico, ou seja, toda atividade que promova a aprendizagem - a citar como exemplo: a escola, a conversa entre amigos, a prática de esporte, a confraternização em família, o exercício da vida.

Carta Pedagógica:

É terra, é mar
É ímpar, é par
É céu, é chão
É sim, é não

É mão, é pé
É dó, é ré

É canto, é prosa
É cravo, é rosa

É mole, é duro
É claro, é escuro

É mãe, é pai
É vai ou não vai?

PELOS MARES DA NEUTRALIDADE

Thayná de Oliveira Moreira Rodrigues

Existe neutralidade?

Então, o que é o neutro?

Quem fez o neutro?

Quem diz o que é neutro?

Até o nêutron tem sua carga positiva e negativa, mas dizem que é nula.

Nula? Ou anulam? Quem anula?

Quem tem esse poder?

De anular, de neutralizar, de validar?

A ciência tem esse poder!?

Poder para dizer, para provar, para validar ou invalidar.

Valida ou invalida pessoas, seres, modos e vivências. (Nossa, que perigo isso!)

E de que ciência falamos? Quem é ela?

Ela é a ciência ocidental moderna

Que veio ao mundo pelos mares

Que permeou o mundo pelos mares

Que adentrou o mundo pelos mares

Que “libertou” o mundo pelos mares

Que “civilizou” o mundo pelos mares

Que compartilhou com o mundo os seus males

Não, não, a ciência ocidental moderna não é má

Mas ela malifica os Outros

Então, discutir neutralidade?

Precisamos fazer um caminho de volta pelos mares.

EDUCAR É SE POSICIONAR - CARTA PEDAGÓGICA

Stefanni Cristina

Educar nos impõe assumir uma postura ideológica

Postura de ser a favor ou contra as desigualdades

De estar a favor dos oprimidos ou do opressor

E disso não temos como fugir, a realidade nos impõe;

Diante disso, a neutralidade não tem muito espaço

A não ser como um distanciamento de nossos pré-conceitos, pré-noções, pré-julgamentos

Como uma forma de ser crítico e dar ferramentas para os nossos alunos construírem seu senso crítico;

De colocar as duas versões diante deles: contra e a favor das injustiças, e deixá-los que decidam qual caminho seguir

Independente disso, até mesmo a nossa falta de postura demonstra uma postura: o silêncio diante das injustiças.

Cabe a nós então escolher qual caminho trilhar, entendendo que até mesmo a escolha do livro didático é ideológica e que não somos seres imparciais.

CARTA PEDAGÓGICA POÉTICA

Lucas Luan de Brito Cordeiro

Fortaleza, Ceará, segunda-feira, 07 de Julho de 2021.

Aos meus companheiros e companheiras do Centro de Formação Paulo Freire,

Saudações!

Em tempos pandemia, morte e destruição.
Estamos falando em Educação
Em tempos de guerra e preconceito
Estamos idealizando um mundo perfeito

Mundo este sem desigualdade
Mundo criado pela liberdade
Liberdade dada pela Educação
Para que tudo que Paulo Freire disse, não seja em vão.

Nessa aula 5 discutimos sobre currículo
Como um projeto que é político
Projeto este de indivíduo e sociedade
Que não tem nada de neutralidade.

Currículo que queremos para transformação
E não somente para reprodução
Transformação dos sujeitos
Para que na sociedade se tenha efeitos

Assim visamos um currículo crítico popular.
Para que todos (as) possam chegar
Rever problemas práticos e reais
E não problemas distais.

Um currículo para classe trabalhadora
Onde essa classe seja oradora
Para que assim não seja ditada
Por aqueles que lhe explorava

E ainda somos explorados
No trabalho, mas nos currículos dos empresários.
Devemos mudar então essa realidade
Para que surge a felicidade.

Por último, um grande abraço a todos (as), que tenham uma ótima semana.

COLCHA DE RETALHOS DE REFLEXÕES

(Compilado de Frases ditas no 1º Círculo de Cultura)

Fernanda Sabrina Siqueira Campos

Fabiana Campelo

Eder Rodrigues Proença

Elaine Cristina Florz

Francisco Romário Silva de Macedo

Fernanda Rienzi Nunes

Ariel Aldenir Alves Domingos

Daise Chagas dos Santos

Elane Silvino da Silva

Carolina Rocha

Somos transitórios e inacabados
A omissão não deixa de ser uma posição ação
Viver é político
Neutro, nem shampoo de bebê
Temos sempre reflexos do passado
Que vão influenciar em nossas escolhas
Eu sou a pesquisa que estou pesquisando
Porque tenho o mundo dentro de mim
Não existe neutralidade na vida humana
Acho que nem na vida dos outros animais
Experimentamos um Brasil que, por escolha,
não desenvolveu o senso crítico na escola
Mas experimentamos também um Brasil
que levou universidade contextualizada para várias regiões
Aprender e utilizar Paulo Freire
Assim como faz Ceará
Referência em educação contextualizada
Pois não aprender Paulo Freire nas instituições
é uma escolha política
Voltamos para o mapa da fome e autoritarismo
Num processo de deseducação

Ser responsável na sua neutralidade
Sabendo que lado sua neutralidade favorece
Contra quem?
A favor de quem?

A maioria dos reconhecimentos de Paulo Freire são internacionais
Enquanto estudamos homens brancos europeus
Os grilões da academia, descontextualizados a nós
Vamos suliar as noções de mundo e ciência!
Quer estudar os europeus, então ingira, faça a digestão
E veja como seu aprendizado se comunica com a nossa realidade
Repetir uma coisa não é necessariamente entendê-la

A mulher, por vezes, se neutraliza por opressão
E pensa se ousar em “conversa de homem”
Quando resolve se politizar e expressar sua posição
Precisamos fazer nossas revoluções cotidianas
Abrir o leque para que outras vozes também entrem

Os indígenas tem muito a nos ensinar
Quem quer ouvir e aprender?
Quem quer lembrar que eles ainda existem e resistem?
Há uma recusa em aprender, em buscar conhecimento
Será que nosso passado já não tem a resposta que precisamos?
Talvez Sankofa saiba nos ensinar.

É POSSÍVEL A NEUTRALIDADE NA EDUCAÇÃO??

Sílvia de Souza Silva

De um problema nasce outra questão...

É possível a neutralidade na DESIGUALDADE?

É possível a neutralidade na FOME?

É possível a neutralidade na DOR DA MÃE QUE PERDE O FILHO POR BALA PERDIDA?

É possível a neutralidade na MERITOCRACIA?

É possível a neutralidade na EDUCAÇÃO?? NÃO É POSSÍVEL

A neutralidade na educação é o instrumento de manipulação do opressor

E já dizia o menino que lia o mundo,

A EDUCAÇÃO SÓ SERVE SE É UMA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Por meio da ação transformadora perante a REALIDADE

A pedagogia só se faz no respeito, no amor, na dignidade e na autonomia

Para a LIBERTAÇÃO DO OPRIMIDO!



Educação e liberdade
Palavras irmãs
Que soltam grilhões,
Transformam vidas.
Há os que seguem a vida calados,
Não questionam,
Não sonham a mudança.
Há os que seguem a vida calando
Calando e controlando.
Não querem mudar.
Seguem a vida oprimindo e roubando a vida de oprimidos.
Mas este ciclo se rompe
Com educação, amor e liberdade.
Que afasta o medo,
Que empodera o "Eu",
E reconhece seu valor com o "Nós" ...
Quando este mesmo medo é empurrado para o banco,
Ele senta e se cala.
O ciclo se rompe
Quando a voz se solta,
A cabeça se ergue,
E todos crescem.
O ciclo se rompe
Quando fazemos escolhas,
Nos vemos autônomos
E aprendemos a conjugar
O verbo "esperançar".

UM DIA...

Francisca Elizonete

Um dia seremos irmãos
Um dia já não mais nos calarão
Um dia o mundo se transforma
E nossa esperança já não será mais espera;

Um dia a educação será libertadora
Capaz de vencer a lógica opressora.
Um dia as classes populares estarão no comando...
No comando das suas vidas, das suas andanças, das suas realizações.

Um dia a ciência se humaniza
E passará a dialogar com os saberes populares.
Um dia a ciência também será libertadora
E servirá para a transformação social,
Acabando com a fome do corpo e com a fome da alma.

Um dia a nossa luta e resistência mudará o curso da história,
Mudará a história de opressão.
Um dia aquele “ele não” vencerá, sim vencerá!
Um dia teremos de fato a liberdade para viver, para amar e para
esperançar.

Um dia, espero que não tão longe,
O sol voltará a brilhar em nosso país,
Dissipando a angustiada noite em que nos colocaram desde o golpe de
2016.

Um dia, a educação popular se massificará,
Produzindo sensibilidade humana.
Um dia teremos fortalecido o sentimento de amor por todas as “gentes”,
sentimento freireano...
De amor pelo meio ecológico, por Gaia,
Nossa tão amada terra que tem sido tão devastada, tão atacada.

Um dia, não mais a espera,
Não mais a angústia, não mais o ódio,
Não mais a opressão.

Um dia, na atividade em marcha do esperançar,
Vamos nos encontrar em um mundo justo, humano, fraterno,
Solidário, pacífico e revolucionariamente amoroso.
Um dia nossa utopia há de se concretizar!
Um dia!

Água Nova, RN, 27 de julho de 2021

CORDEL PARA PAULO FREIRE

Adriana Aparecida de Faria Alvarez
Alcione Amorim Costa Filho
Alexis Daniel Rosim Millán
Aline de Abreu Andreoli
Ana Karoline Rodrigues Dias
George Felipe Sanches
Giselda Mesch Ferreira da Silva
Heloisa Feliciano de Almeida Alves
Isadora Lima Rodrigues
Patrícia Santos Santana

Neste simples cordel sem varal, mas virtual
Realizado em muitas mãos de lugares tão distantes e com desejos tão próximos,
Queremos declarar a nossa mais profunda admiração pela educação
E todos os envolvidos neste processo de humanização
Tão importante nesta pandemia de indiferença e omissão,
Nos colocamos à disposição de lutar e transformar com amor e educação.

É um grande desafio construir nova realidade
Só será possível com a tomada de consciência da coletividade
De respeito e tolerância, de alegria e confiança
Em um exemplo para sociedade.
Cada qual tem seu papel, com a mesma importância
Pensar a educação com muita perseverança.

Por falar em educação quero aqui homenagear
O centenário de vida do homem revolucionário que nos ensinou a insistir
Pela educação que sonhava transformar o pensar e o agir
Seus princípios, sua vida, ninguém pode negar
É por isso e muito mais que nessas breves palavras
Nós queremos destacar

Paulo Freire como um ícone da educação
Um grande mestre que tanto contribuiu e contribui
Com uma rica base teórica de pesquisas em prol da alfabetização.
Mas nem tudo foi fácil, um longo caminho precisou seguir
Interromperam o programa nacional de alfabetização
Pela ameaça de um lápis nas mãos de dona Maria e seu João

Freire e sua família o exílio tiveram que enfrentar
Mas nem diante de tamanha injustiça ele parava de sonhar
Assim iniciava sua incansável luta pela liberdade
O esperar de quem resiste e labuta, não por ilusão ou ingenuidade
Mas pela sabedoria paciente dos antigos:
A semente, se semeada, no amanhã dá figos.

Em plena ditadura militar e longe de casa,
Seu coração arretado não parava de cantar: o amanhã, o amanhã, o
amanhã,
A derradeira emancipação do oprimido
Salve Freire grande amigo!
O sonho é popular e jamais podemos desistir,
Por tudo que ainda não foi, esperar, e
E por tudo que já foi, resistir!

Nesse simples cordel feito por todos nós
Queremos dizer da importância de dar voz
A quem sempre o algoz tratou de apertar os nós.
A lutar por dignidade, que com toda a legitimidade
É papel do educador agir com amorosidade
De luto, mas na luta educar para emancipar
Do povo para o povo viva a educação popular.

CORDEL: CÍRCULOS DE CULTURA

Arlete Oliveira

I

Para fazer um cordel
não precisa arrodar
se começa pelo tema
para a ideia brotar
ficar de olho nas rimas
e os versos arrumar

II

Angélica fez o pedido
que eu não pude recusar
pra escrever um cordel
e no encontro mostrar
pensei: “Vixe Maria”
onde é que eu fui parar!?

III

Mas não é que num repente
pensando no que fazer
peguei papel e caneta
e me pus a escrever
sobre gente de tão longe
que acabei de conhecer

IV

Parei pra pensar um pouco
e as ideias arrumar
disse: vou focar no curso
que está a começar
depois falo dos círculos
para o cordel terminar

V

O que dizer deste curso
que reúne a multidão?
com mestres maravilhosos
falando com tanta paixão
do gigante Paulo Freire
e em defesa da educação!

VI

Vivas ao Centro de Formação Paulo Freire
e também aos coordenadores
que lutam diariamente
por ideais libertadores
oferecendo o que há de melhor
para nós, educadores

VII

Falo nos círculos de cultura
que são grupos pra estudar
falo da questão norteadora
que é pra gente maturar
junto com a mediadora
pra depois compartilhar

VIII

Nossa, o G9 aumentou!
vi que chegou mais gente
isso é muito bom, “gurias”
dirá Angélica contente
mas, é hora de produzir
pois o grupo é potente

IX

Aqui termino o cordel
reforçando que educação
lhe pede uma atitude
exige de todos ação
transforme um ‘sim, eu posso’
em pedagogia de libertação

CORDEL: CURSO PAULO FREIRE, EDUCADOR DO POVO

Arlete Oliveira

I - AULA INAUGURAL - 05/04

Flávia - MST/PE
sobre o curso veio falar
disse tudo com firmeza
cada ponto no seu lugar
convidou Jaime e Erivalda
para a todos saudar

Erivalda muito simpática
teve sua fala pautada
no curso do Centro de Formação
já com a agenda fechada
reforçou cada detalhe
não deixando faltar nada

Na fala de Jaime Amorim
de vidas ceifadas lembrou
com sentimento e tristeza
ele nos emocionou
disse pra lermos o mundo
que Paulo Freire ensinou

A Dra. Maria Aparecida
com toda a gentileza
trouxe a ideia do e-book
e nos falou com certeza
que as cartas pedagógicas
possuem sua grandeza

A Dra. Allene Lage
fez bela apresentação
elogiou a força do MST
e os cursos na interiorização
falou muito sobre Paulo Freire
com orgulho e dedicação

II - AULA II – 13/04

A Dra. Lisete Arelaro
no tema educação e sociedade
falou com toda firmeza
e muita maturidade
que na educação
não há neutralidade

Márcia Cristina e Joel Gomes
vieram compartilhar
experiências vividas
em escolas do campo no Ceará
reforçando a importância
da educação popular

No final desse encontro
Gisele Costa falou
da experiência nos círculos
destacando seu valor
falando em cartas pedagógicas
e que isto muito lhe ajudou

III - AULA III – 27/04

Para iniciar a aula
Reginaldo apresentou
a parceria do curso
e a Paulo Freire exaltou
falando sobre os conceitos
que o mestre nos deixou

O professor Roberto Leher
trouxe um tema atual
“o papel da educação
na transformação social”
e também nos fez pensar
sobre a conjuntura geral

Ainda na mesma aula
o MST do Maranhão
nos apresenta Gilvânia
com um projeto de educação
chamado “Sim, eu posso”
fazendo a transformação

IV - AULA IV- 11/05

Na mística da aula IV
teve até cantoria
Zé Pinto com sua voz
violão e alegria
falou dos meses do ano
exaltando a poesia

Doutora Celi Taffarel
sua aula foi motivante
falou com tanta energia
de forma tão empolgante
deixando pros círculos de cultura
questões bem instigante

Os mestres mandaram bem
nas questões elaboradas
a cada aula eles lançavam
as perguntas direcionadas
para os círculos de cultura
para serem mitigadas

Rubneuzza Leandro
em noite de inspiração
contextualizou o curso
do centro de formação
destacou o compromisso
em defesa da educação

Edeildo Araújo da CUT
com a Escola Sindical
nos falou da importância
da educação não formal
onde o ser deve ser visto
em seu universo cultural

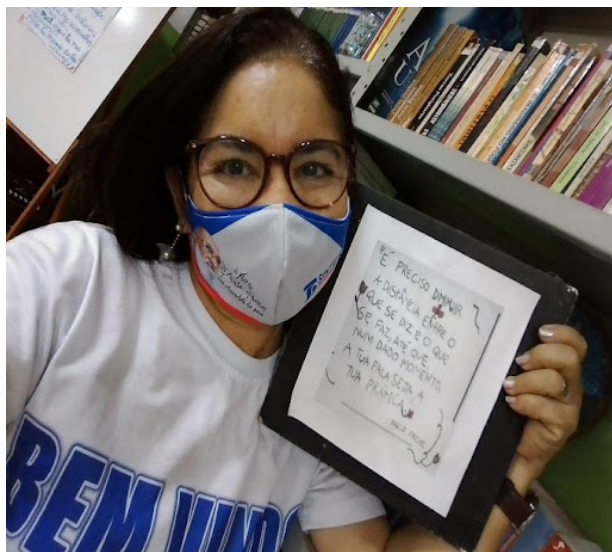
Viva o MST
viva o Centro de Formação
ambos com resiliência
educando uma nação
Paulo Freire vivo está
onde o legado é educação

Até aqui este curso foi ímpar
realizei objetivos inéditos
li, ouvi, escrevi, dialoguei, aprendi
e comungo com o pensamento
“todo ato educativo é,
eminentemente, um ato político”

Macau, RN, 24 de maio de 2021

CORDEL: O MESTRE NOS CÍRCULOS DE CULTURA

Arlete Oliveira



OBS.: Neste cartaz que seguro está a frase:
“É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”
Paulo Freire

I

“É preciso diminuir a distância
entre o que se diz e o que se faz”
é a chamada do mestre
praquele que é capaz
de ficar ao lado de quem
a sociedade deixa pra trás

II

Disse ainda nosso mestre
com aquela voz mansinha
“a tua fala seja a tua prática”
como essa frase tão curtinha
bate dentro da nossa alma
ressoando bem calminha

III

Às vezes penso que o mestre
anda meio entristecido
assistindo lá de cima
o que tem acontecido...
aí pra sua alegria
tem esse grupão esclarecido

IV

Esse grupo bem preparado
que nos faz apaixonar
por Paulo Freire e sua práxis
sem medo de incomodar
pois a luta é desigual
e não podemos recuar

V

E se tiver que recuar
seja por um motivo sério
que não envergonhe o mestre
nem tampouco o magistério
porque o fazer pedagógico
não tem nenhum mistério

VI

Este curso foi excelente
não deixou nada a desejar
os temas e colaboradores
em um nível exemplar
juntos com o centro de formação
todo o nosso esperar

VII

A vivência nos círculos de cultura
reforçou nosso entendimento
ligando tema, debate e prática
em conversas de engajamento
todos que participaram
externaram seus conhecimentos

CARTA PEDAGÓGICA
Macau, RN, 18 de agosto de 2021

SOMOS SEMENTES

Mayara Gomes Ferreira Mazzoni

Temos em nós o poder da reflexão
Então me coloco na posição de observador
E me pergunto
Como ser um bom educador?
Já dizia Paulo Freire: “Não há vida sem correção, sem retificação”
Hoje eu posso ser melhor do que ontem
E amanhã quero ser melhor do que hoje

Somos sementes...

Quebramos o silêncio em sala de aula
Desconstruímos as barreiras formadas por carteiras
A educação libertária
É iniciada em cada roda de conversa
“Ei, como vai você? Vamos juntos aprender?!”
Já dizia Paulo Freire: “Ninguém é tão grande que não possa aprender
nem tão pequeno que não possa ensinar”

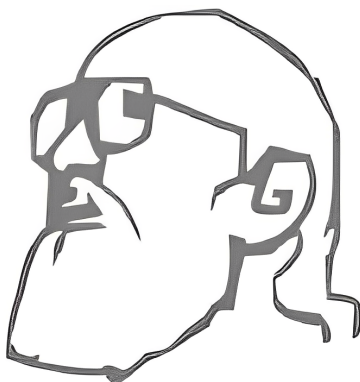
Somos sementes...

Paulo Freire nos deixou um legado de amor, afinal
Já dizia Paulo Freire: “Não se pode falar em educação sem amor”

Somos sementes...

Sementes de Paulo Freire!

Botucatu, 20 de maio de 2021



RAP DA CONSCIÊNCIA

Alexandra Marques Abrantes Viana de La Torre
Márcia Pena de Oliveira

A consciência intransitiva da população sonhadora
Nos leva ao fascismo,
E não é tema de novela.

Paulo Freire ainda vive, através da alfabetização;
Nosso legado: a palavra geradora.
Vamos fazer a transição?

Troca de experiências: Círculos de cultura
Está aí a construção!
Construção da própria história – eu sujeito da história.
Fortalecendo a estrutura: fazendo a transição!

Estratégia pedagógica
Transformará a sociedade,
É simples assim.
Vamos construir?
Requer coletividade: fazendo a transição!

Usando a música e a novela, na real...
Contos e encenações da vida real...
Assim o professor demonstrará a vida...
A vida como ela é,
Na real: a história do capital.

Gramsci e Paulo Freire
Estão em união!
Um fala de política
E o outro junta política e Educação.

Estamos juntos construindo conhecimento,
Conhecimento que circula entre TODOS!
Por quê?
Porque Paulo Freire vive!
Na real: não existe neutralidade.

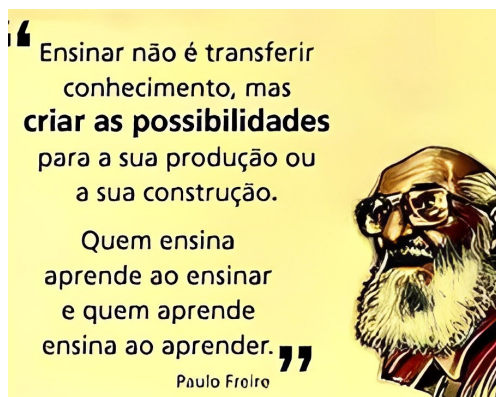
Existe consciência transitiva:
Compreender...
Círculos de cultura para gerar a transição!

Na real: Paulo Freire vive
Vive em mim, vive em você!

Estamos juntos construindo conhecimento,
Conhecimento que circula entre TODOS! Por quê?
Porque Paulo Freire vive!
Na real: não existe neutralidade.

Existe consciência transitiva:
Liberdade...
Círculos de cultura para gerar a transição!

Na real: Paulo Freire vive
Vive em mim, vive em você!
Na real: Paulo Freire vive
Vive em mim, vive em você...



UMA VIAGEM PEDAGÓGICA POR UMA UTOPIA POSSÍVEL

CARTA PEDAGÓGICA COLETIVA

José Raildo Vicente Ferreira (Raildo Ferreira)

Joana D'Arc da Silva Talha

Juliana Araújo Meato

Kelly dos Santos Sá

Luana Teixeira Lopes

Luzia Neves Santana

Estação Raildo - Embarque nesse trem, última chamada!

Bom diaaaa, humanidade bela, que coletivamente da aurora ao anoitecer segue na luta, sem jamais perder de vista o horizonte nutrido pela UTOPIA possível de ser educação para a liberdade.

Educar para liberdade forjado no terreno fértil da educação popular, onde nossa coletividade aprende a viver o verbo esperar, a nós ensinado a partir da prática libertadora de um homem simples, um educador do povo, Paulo Freire, que a cada momento nos convida a reinventá-lo em nossas andanças, mas jamais copiá-lo, para que de fato, a liberdade de todos os males possa florescer.

Um caminhar iniciado na década dos anos 50 do século passado, saboreado na experiência de Angicos (1961 a 1964) no Rio Grande do Norte, onde se afirma: “de Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, tendo como alicerce uma posição política de educação popular libertadora e inclusiva.

De Angicos para o mundo, perseguido pelas forças do capital coordenadas pela ditadura militar, o nosso Paulo Freire se torna Educador do mundo.

Freire, educador do povo, caminhando mundo afora nos ensina que a fonte de se educar para a liberdade, é viver intensamente o amor à humanidade e a toda forma de vida presente em nossa casa comum, a mãe terra.

Ah, o Educador Popular Paulo Freire viveu intensamente uma práxis libertadora alinhando a vivência com a sistematização de conhecimento, presenteando o mundo com sua vasta coleção de escritos e publicações, onde podemos citar: Educação como prática da liberdade; Pedagogia do Oprimido; Cartas à Guiné-Bissau ; A Importância do Ato de Ler; Educação e mudança; Educação e atualidade brasileira; Por Uma Pedagogia da Pergunta ; Pedagogia da Esperança ; Pedagogia da Indignação; Professora Sim, Tia Não; À Sombra Desta Mangueira; Pedagogia da Autonomia; Educadores de Rua, uma Abordagem Crítica – Alternativas de Atendimento aos Meninos de Rua; Extensão ou Comunicação; Medo e Ousadia; Pedagogia: Diálogo e Conflito; Política e Educação; Que fazer – Teoria e prática em educação popular; Os cristãos e a libertação dos oprimidos, dentre outras vivências experimentadas pelo grande Educador do povo Paulo Freire.

Com um olhar panorâmico caminhando nas estradas de Paulo Freire de Angicos para o mundo, se eternizando a cada momento no corpo, na mente e na práxis de educadores/as populares de ontem, de hoje e de sempre, que a cada momento ressignificam a prática libertadora Freireana no espaço da educação popular, bem como, na educação formal.

Como afirma Freire que, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Na prática libertadora da educação popular a escola se constitui enquanto espaço de formação humana, que evolui no campo do envolvimento coletivo, onde a socialização dos saberes e sabores se reflete no ato de ensinar e aprender para a emancipação dos povos, que transforma vidas, humaniza as relações humanas e ecológica.

A Educação só é revolucionária a partir do ato de amar intensamente, que se consolida em uma relação amorosa coletivamente, fazendo fluir uma práxis educativa movida por sentimentos, emoções, atitudes que permitem a transformação dos saberes socialmente produzidos em saberes científicos, por serem sistematizados no espaço escolar, ou seja, onde de fato o ser humano em sua coletividade, diversidades, pluriculturalidade, se instrumentalize do sentimento revolucionário e amável, exercitando cotidianamente o trato humano e ecológico, que emancipa, que nutre a soberania e a autonomia.

Portanto, caminhando com Paulo Freire, nosso ponto de partida e de chegada será sempre no ato de amor coletivo, focado em EDUCAR PARA A LIBERDADE. Essa é a utopia possível e revolucionária: dedicar as nossas vidas intensamente em prol de muitas vidas, a partir da experiência política - pedagógica Freireana, onde nossa grande conquista coletiva será construir um novo projeto de sociedade, por uma TERRA SEM MALES fundada na equidade social, na democratização do acesso às terras, as águas, as florestas, ao conhecimento, de fato nossa grande conquista será EDUCAR PARA A LIBERDADE.

Estação Kelly - Trem Bala

Nos privam de nossas terras
Nos privam de nossos sonhos
Usam nossas florestas, usam nossas águas, usam de nós
Usam e destroem
Até quando vão enganar seu próprio povo?
Se você se matar de trabalhar você vai conseguir!
Conseguir criar seus filhos
No limite do mínimo
E deixar seu legado
O legado de um povo saqueado

Estação Joana - Sem esse trem de dissidência!

...Iniciamos nossa viagem e... eu, contagiada pela oportunidade da “pousada”, fui logo abrindo o coração...

Como uma borboleta que sai do casulo, me vi falando de um eu, que em segundos éramos nós, vós, eles...

Sinto que nunca estivemos sós...

Quero crer que ainda dá pra ajeitar esse trem, é...

Pra mineiro, tudo é trem...

Insisto em dizer que nasci do lado de lá, da linha do trem...

Só quem tem trem, sacudindo o barraco na beira da linha, todos os dias, do mesmo jeitinho, sabe que trem de doido tem...

Sendo muitas vezes a única canção de ninar. PIUI !!!!!

Sonhos?

Pesadelos?

O que será que tem do lado de lá?

Pra quem?

Escola boa? Não tem.

Salário digno? Não tem.

E essa tal dignidade? Não tem mesmo...

Como boa mineira, sei bem... que trem doído é isso chega a apertar o peito...

E que que me restringe direitos...

Preciso de um trem que nine meus sonhos e embale minha esperança... esperar pra que eu possa florescer.

Hoje em terreno árido, 63 anos diários, insisto em cultivar, sem desistir um só momento e se preciso for guerrear, mesmo que aqui dentro do peito traga a insistente mania de adoçar...

pra a luta não desandar, só se precisar....

Mas esse trem de esperar o que a vida insiste em negar,

escuto seu apito e não vou desanimar, pra que na próxima estação meus irmãos de luta e resistência, possam sem esse trem de dissidência, nele dignamente embarcar...

O trem já partiu?

Você não subiu...

Esquenta não, foi só uma composição pra embalar seu coração!

Vem chegando o trem cargueiro, trazendo muitas motivações pra nela esperar,

Sem pensar em se cansar, pois o verbo não é esperar.

Estação Luzia - Pela Frestas da Janela

*É tempo de caminhar em fingido silêncio,
e buscar o momento certo do grito,
aparentar fechar um olho evitando o cisco
e abrir escancaradamente o outro.
Conceição Evaristo*

Pelas frestas da janela o sol também entra! É assim pensando que defendo uma práxis que investigue primeiramente o que o aluno, sujeito de direitos, já conhece, compartilhe em seu grupo e provoque a reconstrução de sua caminhada por meio de conhecimentos críticos.

Uma prática que valorize a cultura indígena, a cultura africana, a cultura do povo brasileiro e questione o conhecimento eurocêntrico aqui imposto, buscando o pensamento Decolonial. Atuar na educação é um constante questionar: a quem este conhecimento está servindo? Quem está contando essa História? Quais vozes estão presentes em nosso trabalho, em nosso currículo?

Currículo não é neutro, os educadores devem perceber claramente no documento e na prática da escola como isso se concretiza, com o olhar minucioso, a escuta atenta ao aluno, enxergar as relações de poder, a visão de mundo, a visão de sociedade, a busca de possibilidades nos movimentos sociais, nos grupos, o fortalecimento das minorias presentes na escola, pois sabemos, de acordo com Paulo Freire, que o mundo não é, o mundo está sendo.

É no esforço de cada dia, usando o nosso legítimo mineirês, cadin por cadin, que podemos desconstruir para compreender como é produzida a fome, a pobreza, a exploração do trabalho, as negações dos direitos e a alienação.

Pelas frestas da janela surge o imperativo: desistir, jamais!

Estação Juliana - Dialogando...

Bom dia, educadores e educadoras! Enquanto leio as cartas pedagógicas, vejo várias pessoas-mundo dizendo sua palavra: companheiros, companheiras e companheiros de viagem que vislumbram o horizonte nutrido pela utopia desde a fresta da janela. Sento-me ao lado deles e dialogamos.

Aprendi nesta viagem que dialogar é partir de um ponto conhecido a outro completamente desconhecido, como alguém que embarca numa viagem de trem rumo a uma cidade desconhecida. No entanto, essa viagem não é solitária. De quando em vez, alguém de outro ponto da cidade, com as suas bagagens, senta-se no banco ao lado ou do lado oposto ao que estamos repousados. Enquanto acomodam suas bagagens e escolhem a melhor posição para os pés, comunicam sua paciência ou impaciência, alegria ou tristeza, aproximação ou distanciamento, deixam cair sonhos, medos e dúvidas, que ajudamos a levantar.

Agora somos mais de um em silêncio numa viagem de trem rumo a uma cidade desconhecida. O silêncio é importante para que se sinta a presença do outro como companheiro de viagem, como sinal de respeito aos seus pensamentos e paisagens internas. Como será essa cidade desconhecida? Você a conhece? Alguém rompe o silêncio com uma pergunta geradora de tantas outras questões. Nesta travessia, o saber de um se mistura ao saber do outro que dá origem a uma terceira compreensão. No diálogo, existe a possibilidade de partir de si para sair de si, além de convocar o outro para que se arrisque neste exercício. Qual será a estação?

Enquanto não decidimos, o que-fazer, quando-fazer, aprendo também que o diálogo requer atenção no que se diz e no que se escuta – sendo dizer e escutar, as formas verbais e não-verbais de expressão; o diálogo não é uma simples troca de ideias ou um simples ato de convencimento (um modo de estar tão comum atualmente), mas sim um ato de criação entre sujeitos - esta viagem de trem cujo corpo e mente trilham rumo ao desconhecido. “A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro”.

Como será esse lugar desconhecido?

Estação Luana - Trilhando o saber

Terra é Saber
Terra para quem quer
Saber quem quiser
Terra para a gente
Saber que não mente

Terra para quem sente
Saber é semente
Terra para plantar
Saber semear

Terra para ensinar
Saber aprender
Terra compreender
Saber entender

Terra é igual
Saber sem mal
Terra é labuta
Saber não machuca

Terra ensina
Saber alerta
Terra partilha
Saber liberta

Terra soube
Saber quem ouve
Terra não cala
Saber quem fala

EDUCORDEL - EDUCAÇÃO E/M LITERATURA DE CORDEL

Manoel Jozenias de Oliveira

Deus me dê inspiração
E ilumine este papel.
Daremos continuação
Ao **Projeto Educordel**.
Que discute educação,
Como ação e reflexão,
Em Literatura de Cordel.

Não temos a pretensão
De dar aulas sobre o tema.
Sabemos que educação
É um complexo sistema.
Apresentar argumentos,
Propôr questionamentos,
Refletir é o nosso lema.

Tem-se sobre educação
Vários posicionamentos.
De meio de transformação
À forma de ajustamento.
Em **Althusser** tem fim lógico:
É Aparelho Ideológico,
Do Estado, um instrumento.

Vejamos outra questão
Também muito importante.
Não há só uma direção,
Único “modos operantes”.
Além do ensino escolar,
Aprende-se em qualquer lugar,
Aprende-se a todo instante.

Mais uma observação:
Além do ensino formal,
Também existe educação
Extracurrículo oficial.

Carlos Rodrigues Brandão

Em “O que é Educação”

Define como informal.

Em qualquer civilização
A educação está presente.

Gadotti faz uma reflexão:

É impossível ser gente,
Sem que esteja envolvido,
Num processo refletido,

De Educação Permanente.

Paulo Freire faz menção:

Educar é um ato político.

O papel da educação

É fomentar o senso crítico.

Pois **não há neutralidade,**

Educação sem liberdade,

Nem ser humano apolítico.

Fala da emancipação

Do “ser” que é limitado.

Um sujeito em construção,

Que nunca está acabado.

Ser capaz de aprender,

Ousando compreender,

Se fazendo humanizado.

Paulo Freire dá a lição:
O homem não pode jamais
Ficar na alienação,
Pois busca vir-a-ser-mais.
Sabendo mais que sabia,
Saber que sabedoria
É saber um pouco mais.

Trariam mais reflexões
Esta nossa abordagem.
Na verdade, educação
“É uma longa viagem”,
Não há um único lugar
Que a gente possa estar
Sem que haja aprendizagem.

Modo de emancipação,
Pedagogia do Oprimido.
Método de alfabetização
A leitura com sentido.
Educação para a liberdade
Prática de identidade
Educação com partido.

Ação, reflexão e ação,
Pedagogia da autonomia.
Rumo à conscientização,
Construindo a utopia.
Comemoramos cem anos,
Nossos sonhos freireanos,
Mestre da Pedagogia.

SE AMANHÃ...

Jorge Oliveira

Se amanhã for possível
Uma educação transformadora,
Será apenas porque hoje,
Numa pedagogia conservadora,
Preparamos o terreno
Para a educação libertadora.

Se amanhã for possível
Uma educação revolucionária,
Será apenas porque hoje,
Na pedagogia autoritária,
Semeamos as sementes
Da educação igualitária.

Se amanhã nós colhermos
Os frutos da educação dialógica,
Será apenas porque nós,
Educadores com clareza ideológica,
Fizemos toda diferença
Em nossa prática pedagógica.

Se amanhã for possível,
Será apenas porque hoje,
Nós o tornamos possível.

Quixadá, Ceará

MANIFESTO POÉTICO A PAULO FREIRE

Adriana Figueira

Dayane Teles

Edineide Oliveira Pinto

Edna Moura

Erik Lovatel

Yiuki Doi

Simone Ramos

Cá, de braços dados como irmãos
Contemplamos o futuro maravilhados pela chance do mundo
Deste mundo de injustiças e marginalizações
Se tornar uma terra livre, Livre de males
Males que tanto corrompem
Que destroem... que devoram

Seguimos em frente,
De braços dados e armados
Não com punhais, mas armados de ideias
Ideias semeadas por Freire, nosso patrono
Dos frutos da mente e da educação

Ideias germinadas em solo de esperança
Aduçadas por indignações
Regadas pela necessidade da luta
Indivíduos emancipados por ti
Muito mais que um professor
Tu, nosso mestre,
Tornou-se companheiro de libertação.

Ensinou-nos a aprender
Quando eles nos queriam cegos
Nos ensinou a escrever
Quando eles nos queriam mudos
Ensinou-nos a lutar
Quando eles nos queriam por cativos

Num ato de revolução
Nos ensinou a esperar
Sabidamente, nos ensinou que somos seres inacabados,
incompletos e inconclusos.

Matérias primas ansiosas por aprender, por lutar...
E que precisamos do outro para nossa completude.
Hoje... na luta consciente,
Resistimos à mão do opressor.

Pois enquanto tivermos
O sopro da ideia
A força da utopia
A fome da mudança
Persistiremos, pois tu mestre, nos ensinou
A esperar

A sonhar com a terra na mão do povo
A comida no prato dos que têm fome
A escola na vida do indivíduo

E enquanto isso não tivermos
Haverá de lutar por esse mundo
Plantando, semeando na terra
Para que o céu não caia, o corpo não pereça
E a chama da esperança não se apague.

Gratidão ao Mestre Paulo Freire, por tanto amor!

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

Adriana Aparecida de Faria Alvarez

Adriana Figueira

São Paulo, Santo André, professora da rede estadual.

Àlábíyí Pereira

Alicione Amorim Costa Filho

Parnaíba, PI

Aldenir Alves Domingos

Alessandra Marques Dias

Alexandra Marques Abrantes Viana de La Torre

Alexis Daniel Rosim Millán

Aline de Abreu Andreoli

Ana Carolina Santana Barbosa

Ana Karoline Rodrigues Dias

Ariel

Arlete Oliveira

Macau, Rio Grande do Norte

Caio do Nascimento Mota

Carolina Baggio Alcântara

Carolina Rocha

Carolina Stella

Daise Chagas dos Santos

Dayane Teles

29 anos, de Aracaju, licenciada em Geografia e cursando Geografia Bacharelado pela UFS.

Eder Rodrigues Proença, Sorocaba, SP

Edna Moura

Professora da rede básica de ensino do Distrito Federal, historiadora sanitária. Atualmente faz doutorado em medicina e saúde coletiva pelas universidades de Valencia – Espanha, e Universidade de Brasília - UnB - Brasil. Ministra aula para EJA e também tem aprendido muito com os trabalhos do MST.

Edineide Oliveira Pinto

Pernambuco. Professora do Ensino de Jovens e Adultos

Elaine Cristina Florz

Elane Silvino da Silva

Erik Lovatel

Estudante da educação básica do Rio Grande do Sul. Deseja ser professor. Tem 17 anos.

Fabiana Campelo

Fernanda Rienzi Nunes

Fernanda Sabrina Siqueira Campos

Francisca Elizonete

Francisco Romário Silva de Macedo

George Felipe Sanches

Geovan Aguiar Teles de Assis

Giselda Mesch Ferreira da Silva

Heloísa Feliciano de Almeida Alves

Isadora Lima Rodrigues

Ivan Rabelo

Jaelma Maria Rabelo do Amaral

Jailene de Araújo Menezes

Jilvânia Alves de Lima

Parnamirim, RN

Joana D’Arc da Silva Talha

Joana Veras

Joana Vieira da Silva

Jorge Oliveira

José Emanuel Sebastião da Silva Pereira

José Milson dos Santos

Pós-graduado em Matemática para o Ensino Fundamental e em Processos Históricos e Inovações Tecnológicas para o Semiárido Brasileiro. Licenciado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos (EJA), ambos cursados na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

José Raildo Vicente Ferreira (Raildo Ferreira)

Josefa Elizangela dos Santos

São Paulo do Potengi, RN. 40 anos, casada, mãe de 3 filhos. Cursa Licenciatura em Matemática no IFRN.

Juliana Araújo Meato

Juliana Sobreira Arguelho

Karina da Silva Figueiredo

Kelly dos Santos Sá

Leonardo Cassemiro Alves

Luana Teixeira Lopes

Lucas Luan de Brito Cordeiro

Fortaleza

Luciana Ribeiro P. Soares

Professora de História da Educação Básica em Presidente Médici, Rondônia

Luzia Neves Santana

Manoel Jozenias de Oliveira

Márcia Pena de Oliveira

Maria Aparecida Vieira de Melo

Recife

Maria Ferreira da Cruz

Ponto do Volantes, MG

Mariana M. Pan

Marlene Corrêa Torreão

Mayara Gomes Ferreira Mazzoni

Mônica Silva

Nadja Ferreira

Patrícia Santos Santana

Rhaysa Gonzaga

Ronise Ferreira

Novo Hamburgo, RS,

Sabrina Soares

Sabará, MG

Sílvia de Souza Silva

Simone Ramos

Educadora do ensino infantil e fundamental e militante do assentamento Assentamento Maceió, em Itaipoa, no Ceará; Formada em Pedagogia, pelo Pronera, em parceria com MST. Trabalhadora de campo, mãe e professora.

Stefanni Cristina

Thaís Rodrigues

Thayná de Oliveira Moreira Rodrigues

Niterói, RJ

Yiuki Doi

Artista da Dança de Curitiba e Designer Gráfico formado pela UFPR. Atualmente cursa Licenciatura e Bacharelado em Dança pela Faculdade de Artes do Paraná pela UNESPAR. Militante em espaços de participação e controle social como Conselho Municipal de Cultura, Conferência Municipal de Cultura, Comissão do Fundo de Cultura do Município de Curitiba.

Título Reflexões desde círculos de cultura: Cartas para Paulo Freire. Escritos para Esperançar.

Autoria André Gustavo Ferreira da Silva; Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo
(Organizadores)

Formato E-book (PDF)

Tipografia Free Serif (texto)
League Spartan (títulos)

REFLEXÕES DESDE CÍRCULOS DE CULTURA

CARTAS

PARA

PAULO

FREIRE

ESCRITOS PARA ESPERANÇAR

ANDRÉ GUSTAVO FERREIRA DA SILVA
ALLAN DIÊGO RODRIGUES FIGUEIREDO
[ORGS.]